

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Instituto de Ciências Humanas**  
**Curso de Bacharelado em Antropologia**



**Trabalho de Conclusão de Curso**

**Margens:**

**(des)caminhos entre ensino, pesquisa, extensão  
e etnografias coletivas**

**Martha Rodrigues Ferreira**

**Pelotas, 2022**

**Martha Rodrigues Ferreira**

**Margens:**

(des)caminhos entre ensino, pesquisa, extensão  
e etnografias coletivas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia Social e Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Louise Prado Alfonso

Pelotas, 2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

F384m Ferreira, Martha Rodrigues

Margens : (des)caminhos entre ensino, pesquisa, extensão e etnografias coletivas / Martha Rodrigues Ferreira ; Louise Prado Alfonso, orientadora. – Pelotas, 2022.

16 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Etnografia coletiva. 2. Extensão universitária. 3. Ensino de antropologia. I. Alfonso, Louise Prado, orient. II. Título.

CDD : 306

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

## **Agradecimentos,**

*tenho tentado a dias escrever  
era um bloqueio que não me deixava ver  
mas tem gente que é inspiração sem nem tentar ser*

*obrigada a quem tem sido espaço pra calma  
obrigada a quem tem me deixado falar sem me julgar  
obrigada a quem é abraço quente em dia frio*

*tudo isso é refúgio, vocês, aqui, o colo, a chamada de vídeo, a garrafa de vinho  
são tempos difíceis, preciso deixar sair alguns pensamentos conturbados  
espero que vocês não se importem com bagunça  
as vezes preciso me perder nela pra me achar em mim de volta.*

*E pra todas as pessoas que eu não disse eu te amo  
pra todo mundo que eu falhei em estar do lado  
quando, talvez, estivessem contando comigo  
pra todo mundo que eu não tive sensibilidade suficiente pra lidar  
pra todo mundo que me esperou e eu nunca cheguei  
desculpem, eu estava ocupada escrevendo este tcc...*

*eu amo vocês junto pra não dar espaços pras perdas*

À toda minha família, meus pais, Silvana e Gustavo que sempre me incentivaram a seguir meus sonhos, a fazer o que faz o coração bater. Meu irmão Gabriel, que mesmo de longe sempre me apoiou de todas as formas possíveis. À minha tia e aos meus primos, Virginia, Vicente e Eduardo que sempre representaram bem o que é ser uma família. À tia Ana, que sempre fez dar sentido ao termo “segunda mãe”, todo carinho do mundo seria pouco. À minha prima/irmã Renata, que nunca deixou de morar ao meu lado, meu porto seguro. À família Ferreira, pela ancestralidade. À família Strickler, que me convidou para ficar, mesmo depois de ter ido. À família Bauer, que me acolhe como filha.

Às minhas amigas, Bethânia e Eduarda por me ouvirem, me apoiarem, me aconselharem e me levantarem de todos os tombos, vocês são paz e família também. Ao meu colega de curso e de apartamento Bruno, que por cinco anos foi sinônimo de lar. À minha colega, Helena, pelos quatro anos de conversas acompanhadas de uma cerveja após a aula. À colega Juliana, por ler meus trabalhos com atenção e incentivo. Aos meus amigos dos grupos Lindos&Sustentáveis e The Elf0s, por estarem sempre dispostos a ouvir desabafos, consolar e fofocar. Às amigas e amigos Júlia Lodi, Gabriele Thums, Ingrid Oliveira, Victória Coruja, Michele Fisher, Alice Irigoyen, Grazi Vasques, Pastel (Eduardo), Anderson Taffarel, Miguel Lima, Mateus Azevedo e Júnior Vieira, sem vocês a jornada teria sido mais pesada. A Anna e Eduardo, pelos sábados de manhã com pastel e café na feirinha, foram pausas importantes. À Newan, que sempre ouviu minhas reclamações e anseios, me apoiando de todas as formas que pode e pela correção atenta deste trabalho. A Felipe, que sempre me incentivou e acreditou em mim enquanto profissional. Vocês foram essenciais para minha formação.

Às minhas mestras, Carla, Iansã e Magda que acenderam em mim a vontade de mudar o mundo. À minha Professora de graduação, Flávia Rieth, você é inspiração. À minha Orientadora e Professora Louise Prado Alfonso, você viu potencial em mim quando nem eu vi, obrigada pela confiança, sem teus ensinamentos e puxões de orelha eu não estaria aqui. Vocês serão sempre referências.

À equipe *Margens*, com os quais tive conversas intermináveis, pelos encontros e ensinamentos, por acreditarem na potencialidade deste trabalho e nunca deixarem de me incentivar. Em meio a tantas perdas dos últimos anos, vocês foram presentes. Sem nem saberem, me deram colo e força para seguir adiante. Me ensinaram a potência da coletividade nesse mundo individualista, me abriram portas e me apresentaram novos mundos. Às comunidades vinculadas aos projetos, obrigada pela confiança. Este trabalho é de vocês também.

À Alice, Aurora, Arthur, Helena, Theodora e Yuri vocês me fazem ser melhor, me motivam a continuar adiante mesmo quando não há mais expectativas, para vocês e por vocês eu luto por dias melhores.

**Obrigada!**

*"Que as lembranças boas sejam a tua morada."*

*In memoriam,  
Pietro Strickler, Tairane Bauer e Nair Marques.*

**Não mexe comigo. Que eu não ando só. [...]**

*A rainha do mar anda de mãos dadas comigo*

*Me ensina o baile das ondas e canta, canta, canta pra mim*

**É do ouro de Oxum que é feita a armadura que guarda meu corpo**

**Garante meu sangue e minha garganta**

**O veneno do mal não acha passagem. [...]**

*Me sumo no vento, cavalgo no raio de Iansã. [...]*

*Me recolho no esplendor das nebulosas, descanso nos vales, montanhas*

*Durmo na forja de Ogum*

*Mergulho no calor da lava dos vulcões*

*Corpo vivo de Xangô. [...]*

*Pensou que eu ando só? Atente ao tempo. [...]*

*Eu posso engolir você*

*Só pra cuspir depois*

*Minha fome é matéria que você não alcança*

*Desde o leite do peito de minha mãe*

*Até o sem fim dos versos. [...]*

*Quando choro, se choro, e minha lágrima cai*

*É pra regar o capim que alimenta a vida*

*Chorando eu refaço as nascentes que você secou*

*Se desejo*

*O meu desejo faz subir marés de sal e sortilégio*

*Vivo de cara para o vento na chuva*

*E quero me molhar. [...]*

*Sou como a haste fina*

*Que qualquer brisa verga*

*Mas nenhuma espada corta*

*Não mexe comigo*

*Que eu não ando só*

**Maria Bethânia**

**- Carta de Amor**

## Resumo

FERREIRA, Martha Rodrigues. **Margens:** (des)caminhos entre ensino, pesquisa, extensão e etnografias coletivas. Orientadora: Louise Prado Alfonso. 2022. 156 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022

O presente estudo traz uma análise da relação entre extensão e etnografia coletiva, a partir de uma participação observante no *Projeto de Pesquisa Margens: Grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas/RS*, que vincula três projetos de extensão, que se pautam nas diretrizes da Política Nacional de Extensão Universitária. O trabalho pretende apontar o caráter educativo da extensão universitária na formação de discentes da graduação e da pós-graduação, principalmente na antropologia, formando pessoas mais éticas e responsáveis. Foi constatado, a partir de um olhar atento ao passo a passo do fazer ações extensionistas, que o processo etnográfico coletivo faz emergir uma série de dimensões afetivas, tanto entre a própria equipe, como na relação com as comunidades vinculadas, transpassando questões relacionadas à reciprocidade, à confiança e aos conflitos. Observou-se que a realização de etnografias coletivas, por meio da extensão, se trata também de uma afirmação política no fazer antropologia, de ver o mundo e de lutar pelos direitos de estar nele. Percebendo ainda, a necessidade de reflexões sobre etnografias coletivas em grupos de pesquisa e apontando para a ausência de um entendimento pleno do que é fazer extensão universitária.

Palavras-chave: Etnografia coletiva. Extensão universitária. Ensino de Antropologia.

## **Abstract**

The present study presents an analysis of the relationship between extension and collective ethnography, based on an observant participation in the Research Project Margens: Groups in processes of exclusion and their ways of inhabiting Pelotas/RS, which links three extension projects, which are based on in the guidelines of the National University Extension Policy. The work intends to point out the educational character of university extension in the formation of undergraduate and graduate students, mainly in anthropology, forming more ethical and responsible professionals. It was found, from an attentive look at the step by step of carrying out extension actions, that the collective ethnographic process brings out a series of affective dimensions, both among the team itself and in the relationship with the linked communities, crossing issues related to reciprocity, trust and conflict. It was observed that the realization of collective ethnographies, through extension, is also a political statement in anthropology, of seeing the world and fighting for the rights to be in it. Also realizing the need for reflections on collective ethnographies in research groups and pointing to the lack of a full understanding of how to do university extension.

Keywords: Collective ethnography; university extension; teaching anthropology

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Roda de conversa “Pré-RAM- Cidades Vividas: Questões Urbanas no Sul do Sul”.....	20
Figura 2 – Felipe Povo grafitando o GEEUR.....	21
Figura 3 – Captura de tela do sistema Cobalto (UFPel) demonstrando as ações cadastradas em Projetos Unificados, modificado pela autora. ....	36
Figura 4 – Sala do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos.....	45
Figura 5 – Reunião de organização da Exposição 50 anos de Ação de Stonewall: Ao Nuances & Também, equipe do projeto Mapeando a Noite. ....	46
Figura 6 – Reunião online do Projeto Margens. ....	50
Figura 7 – Colagem de Fábio Henrique .....	54
Figura 8 – Mapa conceitual produzida para o Projeto de Ensino Cultura e Patrimônio: debates de temas e conceitos e transposição de saberes .....	55
Figura 9 – Primeiro dia da Exposição Margens: diferentes formas de habitar Pelotas. ....	73
Figura 10 – <i>Post its</i> na manequim do módulo do projeto <i>Mapeando a Noite</i> . ....	74
Figura 11 – Módulo do projeto Mapeando a Noite na Exposição.....	74
Figura 12 – <i>Post its</i> com recados do público visitante.....	76
Figura 13 – Cartazes com as perguntas aos visitantes.....	76
Figura 14 – Exposição <i>Margens: Diferentes formas de habitar Pelotas</i> .....	77
Figura 15 – Sala do GEEUR durante reunião para escrita de relatórios. ....	79
Figura 16 – Módulo <i>Mapeando a Noite</i> com homenagem a Juju Martineli.....	80
Figura 17 – Módulo do <i>Mapeando a Noite</i> com banner de Brenda Lee.....	81
Figura 18 – Encontro de bolsistas para a escrita do SIEEPE em coletivo. ....	84
Figura 19 – Roda de conversa do projeto <i>Terra de Santo</i> no evento Cidades em Transe, 2017.....	87
Figura 20 – Mapa territorial, a encruzilhada urbana da Cidade de Pelotas.....	88
Figura 21 – Roda de conversa do projeto <i>Terra de Santo</i> no evento Cidades em Transe, 2017.....	89
Figura 22 – Captura de tela do site da Exposição Digital Patrimônios Invisibilizados: Para além dos Casarões, Quindins e Charqueadas.....	91
Figura 23 – Captura de tela do site da <i>Exposição Digital Patrimônios Invisibilizados: Para além dos Casarões, Quindins e Charqueadas</i> , na aba <i>Trajetos</i> . ....	92

Figura 24 – Espaços Sagrados: religiões de Matrizes Africanas da cidade de Pelotas. .....	93
Figura 25 – Corredor das Tropas no Passo dos Negros, Pelotas, RS. ....	97
Figura 26 – Saída de campo na comunidade do Passo dos Negros. ....	98
Figura 27 – Reunião da equipe do projeto <i>Um olhar sobre o passado e o presente do negro em pelotas: possibilidades de inclusão da comunidade no discurso e na prática arqueológica.</i> ....	98
Figura 28 – Visita do IPHAN ao Passo dos Negros após a entrega do Dossiê de pedido de patrimonialização.....	99
Figura 29 – Dia da entrega do Dossiê de Pedido de Patrimonialização da Comunidade do Passo dos Negros. ....	100
Figura 30 – Projeto Outras Cores. ....	102
Figura 31 – Projeto Outras Cores. ....	103
Figura 32 – Projeto Outras Cores. ....	103
Figura 33 – Último dia de evento do Projeto Outras Cores. ....	104
Figura 34 – Elaboração do <i>Plano Popular do Corredor das Tropas</i> .....	107
Figura 35 – Reunião junto das/os/es moradoras/es/us para a elaboração do <i>Plano Popular do Corredor das Tropas.</i> ....	108
Figura 36 – Apresentação e entrega do Plano Popular do Corredor das Tropas...	110
Figura 37 – Participação da comunidade na apresentação e entrega do <i>Plano Popular do Corredor das Tropas</i> .....	110
Figura 38 – Capa da HQ Infantil <i>Mistério do Passo dos Negros.</i> ....	111
Figura 39 – Reunião do projeto de extensão <i>Passo dos Negros.</i> ....	116
Figura 40 – QRCode para site Margens.....	131
Figura 41 – Separação dos alimentos para montagem de cestas. ....	140
Figura 42 – Carro com as cestas para a distribuição. ....	140
Figura 43 – Captura de tela da aba Na Pandemia no módulo do projeto <i>Passo dos Negros</i> .....	141

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABA	Associação Brasileira de Antropologia
ACE	Atividades Curriculares em Extensão
CBTT	Centro Beneficente Tradicional de Terreiro Caboclo Rompe Mato Ilê Axé Xangô e Oxalá
CEC	Congresso de Extensão e Cultura
CH EXT	Carga Horária em Extensão
COCEPE	Conselho Coordenador do Ensino da Pesquisa e da Extensão
CODAE	Coordenação das Atividades de Extensão
CRUTAC	Centro Rural de Treinamento e Ação Comunitária
FAPERGS	Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul
FORPROEX	Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras
FURG	Universidade Federal de Rio Grande
GEEUR	Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos
GT	Grupo de Trabalho
ICH	Instituto de Ciências Humanas
IFSul	Instituto Federal Sul Rio-Grandense
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LÂMINA	Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais e Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais e mais

NEABI	Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas do Colégio Municipal Pelotense
PBA	Programa de Bolsas Acadêmicas
PNEU	Política Nacional de Extensão Universitária
POC	Projeto Outras Cores
PPC	Projeto Político Pedagógico
PPGAnt	Programa de Pós-Graduação em Antropologia
PRAE	Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis
PREC	Pró Reitoria de Extensão e Cultura
PROGRAU	Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
RAM	Reunião Brasileira de Antropologia
RBA	Reunião Brasileira de Antropologia
SECULT	Secretaria de Cultura
SIIEPE	Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão
SPAN	Sociedade Pelotense de Auxílio aos Necessitados
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas

## SUMÁRIO

<b>1. PRÓLOGO</b>	15
<b>2. SAINDO DE CASA</b>	19
<b>3. ESTENDER-SE</b>	28
<b>4. CAMINHANDO PELAS MARGENS</b>	42
4.1 O Projeto <i>Margens</i>	44
4.2 Os Projetos de Extensão	46
4.3 Onde estamos?	54
4.4 Conceitos	55
4.4.1 <i>Caminhando em Coletivo</i>	59
<b>5. ENCRUZILHADA</b>	71
5.1 <i>Caminho da Esquerda</i>	72
5.2 <i>Caminho do Meio</i>	84
5.3 <i>Caminho da Direita</i>	96
<b>6. RETORNANDO</b>	113
6.1 Fazendo	114
6.2 Nós, a Escrita e a Orientação	119
6.3 Compromisso e Ética	126
6.4 Princípios	131
6.5 Afetos	135
<b>7. (DES)CAMINHO / CONCLUSÃO</b>	143
<b>REFERÊNCIAS</b>	149

## 1. PRÓLOGO



*“Educação, não é sobre encher um balde, mas sobre acender um fogo”*

William Butler Yeats (*apud* INGOLD, 2020, p. 54)

Parece-me inconcebível começar este trabalho sem contextualizar minha trajetória, porque foi devido a ela que tive o prazer de encontrar este tema, ou melhor, *dele* me encontrar. E só me encontrou porque eu estava aberta a ele, pelo que havia experienciado ao longo da vida, pelos anseios que sempre habitaram em mim e, por vezes, se apagaram. Convido vocês a caminharem pelo meu labirinto (INGOLD, 2015).

Conforme tenho desenvolvido a minha escrita, lendo as referências bibliográficas ou quando paro para refletir sobre o tema, surgem memórias de infância. De quando juntava todos meus bichinhos *parmalat* no sofá da sala e passava algumas horas ensinando a eles sobre as cores, o alfabeto, ensaiando músicas para a apresentação da escola. Ou quando tomava os óculos de minha mãe de seu rosto, punha sobre os ombros um xale e dizia que estava vestida de professora. As lembranças das brincadeiras da infância estão sempre repletas do processo de aprender e ensinar.

Mas cresci, as memórias boas de criança acabam e se tornam duras. Duras como o choro de quem foi para a diretoria porque falava muito em aula, ou que havia rodado na série “mais fácil” porque não aprendia matemática. Rodou porque “não parava quieta na cadeira e estudava”, essa frase ouvi em casa, na escola, nas conversas cochichadas, durante os puxões de orelha que recebia para ver se resolvia o “bicho carpinteiro”. Acreditei em todas elas, acreditei que não aprenderia, que o problema estava em como *eu* não me adaptava, em como *eu* era limitada para aprender e que isso não mudaria. Na escola, nunca tive o espaço da experiência, do tocar, do ouvir, do conversar e de vivenciar com atenção os detalhes.

*Na escola, ainda se espera que os estudantes sigam um currículo que foi estabelecido com antecedência, e que progridam através de etapas mensuráveis desde o início até a conclusão*  
(INGOLD, 2020).

Sempre sem muita expectativa nos estudos, fui apenas seguindo a maré, a primeira meta era terminar o ensino fundamental, foi concluída. A segunda era terminar o ensino médio, também foi concluída. A segunda com mais facilidade, talvez devido a maturidade de entender que se não fizesse como todos fazem, não chegaria em lugar algum.

Mas nesse segundo momento, encontrei mestras<sup>1</sup>, elas fugiam de todas aquelas regras que até então me eram enfiadas goela abaixo. Elas falavam de amor, com amor e ensinavam por amor. Não era só brilho nos olhos, mas neles havia fogo. Vontade de mudar o mundo e sabendo que era ali, com suas alunas, que elas teriam essa possibilidade.

Até esse momento, já havia adormecido em mim o desejo de ensinar, até porque, o de aprender também. Mas foram elas que acenderam em mim aquela chama que havia se apagado, além de me ensinarem sobre literatura, gramática, história, artes, elas me ensinaram sobre a vida, sobre antropologia.

E foi a partir delas que conheci Eduardo Galeano, jornalista, historiador, poeta, escritor, um contador de histórias, um mestre. Foi em Galeano que vi a possibilidade de, assim como essas mulheres fizeram comigo, mudar o mundo. Recorri a Galeano para conhecer *outros* mundos, para ler sobre amor, política, arte e história.

Agora, enquanto escrevo, fui até minha prateleira e busquei o primeiro livro do Galeano que li, O livro dos Abraços, já abri na última página, pois lembrava que nela encontraria o que por muito tempo, considereei a melhor poesia dele e agora a relendo, devo admitir que ainda o é. Se chama A Ventania:

*“Assovia o vento dentro de mim.*

*Estou despido. Dono de nada, dono de ninguém, nem mesmo dono de minhas certezas, sou minha cara contra o vento, a contravento, e sou o vento que bate em minha cara”*

(GALEANO, 2016, p.270).

Não posso, ou talvez ainda não consiga, explicar como e por que, mas foi nestas palavras que senti as incertezas da vida e a potência que vem desta. Me via nelas e no que elas significavam, pelo menos para mim. Hoje, retornando, ainda me vejo nelas. Incerta como o vento, mas tão forte quanto. Leve como o ar, mas necessária como tal.

---

<sup>1</sup> Atento para a diferença entre mestra e professora. Segundo o dicionário professora, é aquela que professa uma crença, uma religião. Ou aquela que ensina, ministra aulas (em escola, colégio, universidade, curso ou particularmente). E mestra é a pessoa dotada de excepcional saber, competência, talento em qualquer ciência ou arte.

Foi por causa destes encontros e aspirações de infância, que cheguei até à antropologia. Sem nem saber o que uma antropóloga fazia ou o que a antropologia estudava. Mas, em alguns dias de aula, já tinha a certeza de que não haveria outro caminho a seguir e hoje sei que não poderia haver. Todos os caminhos me trariam até aqui, fazendo antropologia e buscando novas formas de fazer para que outras pessoas um dia também possam.

Novamente tive a sorte de encontrar mais mulheres incríveis, colegas de faculdade, colegas de apartamento, colegas de bebedeira, professoras e amigas. Uma delas viu algo em mim, algo que nem eu percebia, mais uma vez, uma mestra cruza meu caminho e me mostra novas possibilidades e potências do ensinar.

Em 2018, participando de alguns dos projetos do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), a coordenadora Louise Prado Alfonso, foi uma dessas mulheres, ela me convidou para ser bolsista de pesquisa FAPERGS<sup>2</sup> do projeto de pesquisa “Margens: Grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas”<sup>3</sup>. Me lembro como se fosse ontem, mas agora não voltarei a estas recordações. Porque o ponto é que, este foi o momento mais decisivo de minha caminhada na graduação, sem o convite da Professora Louise talvez aquela chama teria se apagado mais uma vez.

Por vezes, me pego pensando em quem eu seria se não tivesse aceitado a proposta de ser bolsista, sem dúvidas, hoje este trabalho não existiria. Mas, mais do que isso, eu não seria a profissional que estou para me tornar. Para além de aprender a fazer antropologia, eu a fiz, fiz na prática, eu experienciei todos os processos.

E, é no que o projeto *Margens* faz, que vejo a possibilidade de novas chamadas se acenderem. Não apenas para estudantes ou futuras antropólogas, mas a possibilidade de mudança dentro da disciplina, da lógica acadêmica colonialista, do sistema capitalista, machista, racista e LGBTQIA+fóbico. Vejo a possibilidade de formarmos profissionais mais éticos e preocupados com a importância de nosso trabalho. Espero que ao longo deste texto consiga dar conta de relatar a amplitude deste projeto e de tudo que o cerca ou como diria Peirano (2014), transformar minha experiência em texto.

---

<sup>2</sup> Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul.

<sup>3</sup> A partir de agora, chamarei o projeto apenas de *Margens*, forma como a equipe o chama no cotidiano de nossas ações.

## 2. SAINDO DE CASA



*Abram os caminhos, abram-se os caminhos.*

Rito de passá - MC Tha<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://youtu.be/PRAx8dgvPAo>

No prólogo deste trabalho escrevi que foi o tema que me encontrou devido a tudo que caminhei até aqui, mas a ideia só surgiu em 4 de julho de 2019, quando aconteceu uma roda de conversa vinculada ao evento *Pré-RAM: Cidades Vividas: Questões Urbanas no Sul do Sul* (Figura 1). Foi naquela tarde que, guiada pelas palavras da Professora Ana Luiza Carvalho da Rocha, o tema deste trabalho surgiu como uma possibilidade. À Professora Ana Luiza, meu muito obrigada.



Figura 1 – Roda de conversa “Pré-RAM- Cidades Vividas: Questões Urbanas no Sul do Sul”.  
Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Este trabalho começou a ser pensado com o foco principal em tratar do método utilizado no Projeto *Margens: a Etnografia Coletiva*. Foram variadas as configurações pelas quais ele passou, ordem de capítulos, abordagens, o que merecia ou não destaque. Mas como sempre, o campo se faz quase que *solito*. Assim, cheguei à extensão, pois agora entendo que é nela que está a base para essa Etnografia Coletiva realizada no *Margens*.

Mas vamos partir do início... Conheci o *Margens* em 2017, quando comecei a participar como colaboradora dos três projetos de extensão vinculados ao projeto de pesquisa: o *Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro de Pelotas*, o *Mapeando a Noite: o Universo travesti* e o *Narrativas do Passo dos Negros: exercício de etnografia*

coletiva para antropólogos/as em formação<sup>5</sup>. Foi nas reuniões destes projetos, na sala toda grafitada do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), no terceiro andar do Instituto de Ciências Humanas (ICH) que me fiz - e me faço - antropóloga.

Me recordo nitidamente de estar saindo da aula de *Tópicos especiais em Antropologia e Arqueologia e Seminário “Cidades e suas margens: Trajetos, percursos e mapas*, ministrada pela coordenadora Louise Prado Alfonso, que ela me chamou para conversar e perguntou se eu teria interesse em ser bolsista de iniciação científica do projeto *Margens*, com uma bolsa da FAPERGS. A coordenadora Louise destacou que devido a minha dedicação como colaboradora e a assídua participação na disciplina optativa, ela acreditava que eu teria aptidão para realizar as atividades obrigatórias de bolsa. Assim, fui bolsista do projeto de Pesquisa *Margens* por dois anos consecutivos 2018/2019 e 2019/2020, na qual pude compreender melhor a importância de ações coletivas e extensionistas para a minha formação, pude vivenciar na prática a indissociabilidade do ensino-pesquisa-extensão, pude ver nascer e fazer pesquisa antropológica.



Figura 2 – Felipe Povo grafitando o GEEUR.

Fonte: Facebook GEEUR, 2018.

---

<sup>5</sup> A partir de agora irei me referir aos projetos de forma abreviada, como eles são chamados pela equipe, respectivamente: *Mapeando a Noite*; *Passo dos Negros*; *Terra de Santo*.

As descrições que aqui trarei são resultantes de uma participação observante, fruto também, de um processo de autorreflexão do meu papel enquanto antropóloga. Um processo de hermenêutica, característica muito saliente da antropologia, pensar sobre como se faz, enquanto se faz, pensar em como fazer, antes, durante e depois de fazer *a pesquisa etnográfica*. Para De Oliveira,

Assumimos, assim, a posição certamente não imparcial — de observador participante. [*neste caso, primeiro participante, depois observante*] [...] Uma versão que, entendo, não pode — e nem deve — ser a única, pois fruto de um processo muito pessoal de compreensão, mas que, a despeito disso, seja ela capaz de satisfazer à necessidade que temos de interpretar aquilo que, afinal de contas, é o horizonte dentro do qual nos movemos, enquanto profissionais da disciplina (DE OLIVEIRA, 2018, p. 240-241).

Isis Pereira *et al.* (2015), ao escreverem sobre como as ações do Projeto de Extensão *Passo dos Negros* não apenas foram um momento da produção de etnografias coletivas, mas como foram um momento de fazer autoetnografia, dizem

Fizemos uma autoetnografia ao considerarmos os nossos métodos, posturas, dificuldades e avanços. A extensão, desse modo, possibilitou o costurar teórico e prático: o diálogo entre teoria e etnografia possibilita transformações na antropologia (STRATHERN, 2004) (PEREIRA *et al.*, 2015, p. 197).<sup>6</sup>

Assim, a minha reflexão sobre a forma de fazer do projeto *Margens*, também é uma autoetnografia, ao refletir sobre as ações do grupo eu reflito sobre as minhas próprias ações, não apenas por fazer parte do grupo, mas por se tratar de um constante movimento etnográfico. Este processo é fruto de seis anos de participação no projeto, por onde vi passarem dezenas de estudantes de graduação e pós-graduação de diferentes cursos, como antropologia, arqueologia, arquitetura e urbanismo, ciências sociais, turismo, geografia, história, geografia, pedagogia, de diferentes universidades. Vi serem acionados diversos elementos que conformam as relações humanas, afetos e desafetos, amizades e ciúmes, conflitos e parcerias de todos os tipos, que fizeram e escreveram o Projeto *Margens* que conhecemos hoje - e que não será o mesmo amanhã.

Ao longo do texto trarei relatos de integrantes do projeto, escritos para a construção do capítulo “*Exposição Patrimônios Invisibilizados: Uma experiência coletiva de extensão na pandemia*”, publicado em 2020 no livro “*Conexões para um tempo suspenso: Extensão universitária na pandemia*”, organizado pela Pró-Reitoria

---

<sup>6</sup> Pereira *et al.* Fazem referência à STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosacnaify, 2004.

de Extensão da UFPel (PREC). Também, relatos que colhi de pessoas das equipes dos projetos de extensão, que apontam para a importância das ações realizadas pelo *Margens*, dando ênfase, às iniciadas em 2020, em formato virtual, devido à pandemia de *Covid-19*.<sup>7</sup> Aliados às minhas descrições, apresentarei diversos trabalhos acadêmicos escritos por membros da equipe do projeto por considerar estas referências importantes, inclusive, para entendermos os diferentes momentos da pesquisa e alterações na forma de fazer antropologia em diversas temporalidades.

Destaco, que os relatos de campo trazidos como exemplos para as reflexões foram e são constantemente debatidos nas reuniões dos projetos. Trata-se de situações que o grupo passou e que alterou, de alguma forma, o andamento das ações e da pesquisa. Os debates coletivos sobre determinadas situações são um momento de reflexão, usados para encontrar estratégias para que determinados episódios não voltem a se repetir.

Gostaria ainda de atentar para a linguagem do texto, pois nela busquei demonstrar gramaticalmente a presença da coletividade das reflexões desta pesquisa, a partir do uso do “nós”. A tentativa é de mostrar ao longo do texto, que se trata de reflexões que foram debatidas em coletivo, reafirmando assim, a posição metodológica da pesquisa. Este item será debatido mais profundamente no subcapítulo *Nós, a Escrita e a Orientação*.

Assim como Peirano (2014) nos ensina sobre a história da nossa disciplina não ser evolutiva e sim espiralada, as reflexões sobre e ações do projeto *Margens* também não seguem uma ordem cronológica, ao longo deste texto vamos orbitar em diferentes anos, diferentes projetos e ações diversas.

Além de imagens das ações e atividades desenvolvidas, o texto também será integrado por desenhos feitos por mim, alguns exclusivamente para este trabalho, outros que havia produzido anteriormente, mas que durante minha escrita vi urgir a necessidade de ilustrar esse texto com eles. Neste sentido, Aina Azevedo destaca a diferença da presença de desenhos nos trabalhos etnográficos:

Como é natural, não se revisita com a mesma atenção e intenção todas as imagens que produzimos e damos mais importância àquilo que tem uma relação mais direta com a nossa investigação. Só casualmente eu daria importância a uma fotografia tirada no aeroporto de Joanesburgo. Entretanto, não é por casualidade que retorno ao primeiro desenho que fiz na África do Sul, nem ao segundo, nem ao décimo. Com isso, não quero dizer que a diferença entre desenhar e fotografar esteja na quantidade (fotografamos

---

<sup>7</sup> Estes relatos de membros da equipe estarão todos em itálico.

muito mais do que desenhamos), mas na qualidade daquilo que fazemos, sendo necessário esclarecer o que pretendo por qualidade (AZEVEDO, 2016, p. 106).

Desta forma, cada desenho que trouxe tem como intuito destacar pontos importantes. Cada desenho conta uma história, alguns mais subjetivos, outros nem tanto. A primeira ilustração do trabalho, na capa do prólogo, foi desenhada para uma poesia que escrevi há alguns anos. Tanto o poema, quanto o desenho, falam sobre mudança, um momento pelo qual estava passando, em que me revisei, momento em que entendi que não posso e não devo deixar que outras pessoas me definam. O desenho retrata uma mulher saindo de uma caixa.

O desenho de abertura deste capítulo é uma ilustração do O Louco, a carta de número zero no baralho de Marselha. Ela conta a história de um homem que sai em uma jornada, caminhando em uma estrada. Ele encara novos desafios, o Louco é a representação de começos e lembra que para novos projetos terem início, alguns precisam ser finalizados. O Louco é a representação de alguém que está disposto a encarar desafios, ele entende que até experiências negativas podem ensiná-lo, ele leva apenas o necessário para sua jornada. Por isso, não vi outra forma que não ele para abrir o primeiro capítulo. O início de nosso trajeto.

Outros desenhos compõem este trabalho e assim como os já vistos até aqui, todos fazem parte da narrativa e tem o intuito de dar ênfase a momentos, coisas e palavras. No prólogo convidei vocês a caminharem pelo meu labirinto, Ingold explica que ao caminhar por um labirinto “educamos nossa atenção” pois nele “o caminho leva, e o caminhante deve ir para onde quer que ele o leve. Mas o caminho nem sempre é fácil de seguir [...] é importante manter os olhos abertos para sinais sutis que indiquem o caminho adiante” (INGOLD, 2015, p. 5).

Michel de Certeau (1994, p. 183), diz que “caminhar é ter falta de lugar”, trata-se de um processo indefinido, em uma constante busca por um. Uma experiência imensurável que é compensada pelas relações. Assim, convido vocês a caminharem por este trabalho e observarem cada detalhe dos desenhos e imagens relacionando-os com os textos que se sucederem, vamos criando uma relação a fim de que esta caminhada seja compensatória. Da mesma forma que caminhar pelo tema que aqui será exposto foi compensatório para mim, as relações com as pessoas do grupo e a observação das relações entre elas, me mostraram que não há, de fato, um lugar totalizante, me ensinaram a seguir caminhando.

Em relação ao peso que este trabalho carrega, devido às temáticas envolvidas e considerando a conjuntura política atual, se faz necessário lembrar das palavras de Freire,

Daí o tom de raiva, legítima raiva, que envolve o meu discurso quando me refiro às injustiças a que são submetidos os esfarrapados do mundo. Daí o meu nenhum interesse de, não importa que ordem, assumir um ar de observador imparcial, objetivo, seguro, dos fatos e dos acontecimentos. Em tempo algum pude ser um observador ‘acinzentadamente’ imparcial, o que, porém, jamais me afastou de uma posição rigorosamente ética. Quem observa o faz de um certo ponto de vista, o que não situa o observador em erro (FREIRE, 2021a, p. 16).

Falar a partir de uma posição política não nos situa em erro, mas nos localiza no tempo e na história<sup>8</sup>. Aqui vamos partir de um lugar epistemológico e político bem definido, onde não apenas eu, mas todos os sujeitos envolvidos na narrativa, lutamos por “uma ciência mais equitativa e simétrica” (SANTANA, 2019).

*“Todas as minhas crenças e lutas em prol de uma ciência equitativa e simétrica puderam, enfim, ser faladas sem julgamentos. Pelo contrário: percebi que não estava sozinha, que não era apenas uma ‘criança esperneando’ (algo me dito nessas palavras por um professor do mestrado). Comigo havia todo um grupo marginalizado na ciência tradicionalista, que luta por grupos marginalizados na sociedade hegemônica” (Ingrid Santana, Caderno de Campo, 2020).*

Entendemos a emergência de uma Universidade mais plural, onde nós, também, somos o *outro*. Veremos aqui que o projeto *Margens* se mostra, a partir de sua forma de fazer extensão-ensino-pesquisa, como um ambiente com potencial para mudar indivíduos que transformarão -e já transformam ao menos um pouco- o mundo.

Assim, como ponto principal, ao longo de meu trabalho buscarei mostrar como a extensão pode ter um papel definidor na formação universitária, tanto na graduação como na pós-graduação. Pois pode formar profissionais mais preocupados com seus papéis sociais, tanto no contexto do mercado do trabalho, como na relação ética com as comunidades e grupos pesquisados, na forma como nos posicionamos no mundo e como nos preparamos para tal.

Pretendo mostrar como a Extensão, realizada por meio da etnografia coletiva, tem a capacidade de potencializar nossas formações, em especial na Antropologia. Aqui a Extensão é Sala de Aula, a Extensão se mostra como uma prática de educação libertadora, democrática, transformadora. Ela é experiência. É um meio para fazer

---

<sup>8</sup>Nesse sentido algumas outras perspectivas merecem ser mencionadas como a de Donna Haraway (1995) e de bell hooks (2017), presente nesse trabalho.

uma Antropologia engajada e da demanda. A Extensão é uma forma de ensinar e aprender, e provocar transformações sociais a partir de uma prática participativa e colaborativa, multidisciplinar. Algumas das abordagens que situam essa perspectiva para este trabalho podem ser vistas em (FREIRE, 2021b; hooks, 2020; SEGATO, 2006)<sup>9</sup>.

Para tal, iremos seguir os seguintes caminhos: O primeiro, intitulado de *Estender-se*, vamos conhecer a definição do que é extensão a partir da Política Nacional de Extensão Universitária (PNEU). Para fundamentarmos bem nossos próximos caminhos, vamos entender o processo de início da extensão no Brasil, e como ela chegou na concepção que tem hoje. Baseada nas cinco diretrizes organizadas pelo PNEU, as universidades do país seguem estas indicações para aplicar a extensão dentro das suas realidades. Nesse sentido, vamos conhecer como a UFPel concebe a extensão a partir dessas diretrizes. Como veremos em alguns relatos é necessário distingui-la de movimento social e assistência social, tendo em vista que estas três noções são comumente confundidas.

No segundo capítulo, *Caminhando Pelas Margens*, apresentarei o projeto *Margens*, onde ele funciona, como funciona, o posicionamento teórico e metodológico. Para isso, este capítulo está dividido em cinco subcapítulos, são eles: *O Projeto Margens*, *Os Projetos de Extensão*, *Onde Estamos?*, *Conceitos*, *Caminhando em Coletivo*.

No primeiro subcapítulo vamos ver brevemente onde ele está situado e ao que está vinculado. No segundo subcapítulo vamos conhecer os três projetos de extensão que são vinculados ao projeto de pesquisa *Margens*. No subcapítulo intitulado, *Onde Estamos?* Vamos perambular pela cidade de Pelotas, a fim de situar geograficamente onde os projetos de extensão fazem suas ações. Em *Conceitos*, vamos adentrar aos conceitos que são trabalhados no projeto *Margens*, para compreendermos seus fundamentos teóricos e metodológicos. O que nos leva ao subcapítulo *Caminhando em Coletivo*, onde vamos lembrar o que é etnografia, e suas formas de fazer, para logo em seguida definirmos o que é etnografia coletiva.

O terceiro capítulo intitulado *Encruzilhada*, o qual será dividido em três caminhos e em cada um deles iremos debater sobre algum aspecto dos projetos de

---

<sup>9</sup> Ao longo do texto, todas as menções à autora estadunidense bell hooks estarão com a grafia em letras minúsculas, já que se trata de uma preferência e posicionamento político de hooks.

extensão vinculados ao projeto *Margens*. Os caminhos são: o *Caminho da Esquerda*, o *Caminho do Meio* e o *Caminho da Direita*.

O primeiro caminho será o *Caminho da Esquerda*, onde vamos ver como a extensão acontece no encontro com o *outro*, na relação com as comunidades e grupos trabalhados, de forma que potencializa o aprendizado de todos os agentes envolvidos no processo e, ao mesmo tempo, renova as demandas que chegam aos projetos pelas próprias comunidades.

No segundo caminho, o *Caminho do Meio*, vamos caminhar por um dos projetos de extensão a partir indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, entendendo como as ações extensionistas se retroalimentam a partir dessa indissociabilidade. Como as ações extensionistas entram para debate em sala de aula, como estes debates geram importantes trabalhos. Que voltam ao projeto de extensão e viram tema de pesquisa de trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses, impactando na formação dos/as estudantes que participam deste processo, e das comunidades vinculadas aos projetos de extensão.

O último caminho deste capítulo, será o *Caminho da Direita*, veremos como a multidisciplinaridade é posta em prática por meio da formação das equipes dos projetos, e como essa formação das equipes traz à tona diversos elementos que conformam relações, a partir da teoria da reciprocidade de Marcel Mauss (1974).

No capítulo seguinte faremos uma análise dos debates que o antecederam, a partir do texto “Collective ethnography, joint experiences and individual pathways” (2006), de Tuula Gordon, Pirkko Hynninen, Elina Lahelma, Tuija Metso, Tarja Palmu e Tarja Tolonen. Onde também será dividido por subcapítulos, sendo eles: *Fazendo, Nós, a Escrita e a Orientação, Compromisso e Ética, Princípios e Afetos*.

Nestes quatros subcapítulos analisarei como cada um destes itens, a escrita, a orientação, o compromisso, a ética, os princípios e os afetos, acontecem no projeto *Margens*, para tal, serão trazidos trechos do texto citado e os relacionarei as dinâmicas que acontecem no *Margens*, a partir de relatos pessoais e de integrantes, a fim explorar alguns dos elementos que atravessam o projeto ao realizar a etnografia coletiva.

### 3. ESTENDER-SE



*“Ser capaz de recomeçar sempre, de fazer, de reconstruir, de não se entregar, de recusar burocratizar-se mentalmente, de entender e de viver a vida como processo, como vir a ser...”*  
(FREIRE, 2017, s/p)

*“Educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender”  
(hooks, 2017, p. 25)*

Para seguir nossa caminhada precisamos definir o que é Extensão, esboçar seu processo de desenvolvimento no país, para chegar no contexto atual da relação Universidade-Extensão. Utilizo como base a Política Nacional de Extensão Universitária (PNEU) de 2012, pois todos os debates que se seguirão nos próximos capítulos partem das cinco diretrizes que a PNEU instituiu. É necessário partir de um princípio de Extensão bem estabelecido, que não deve ser confundido com outros princípios que visam mudanças sociais, como: a assistência social e os movimentos sociais.<sup>10</sup>

A prática extensionista remonta ao século XX e teve momentos que foram excepcionais para chegar à configuração que hoje tem. Em 1966, nasce o Centro Rural de Treinamento e Ação Comunitária (CRUTAC) e em 1967 o Projeto Rondon, dois projetos que propiciaram as pessoas universitárias experiências junto a comunidades rurais, possibilitando espaços para a universidade contribuir com as comunidades. Contudo, estes dois projetos não avançaram mais, “dada a sua concepção assistencialista e cooptativa.” (GADOTTI, 2017, p. 2).

Outro importante momento foi a promulgação da Lei Básica da Reforma Universitária, nº 5.540/68, estabelecendo que as universidades devem aplicar em forma de atividades de Ensino, os resultados de suas pesquisas com as comunidades.

Já em 1970, surge a Coordenação das Atividades de Extensão, o CODAE, que sob as influências de Paulo Freire define o Plano de Trabalho de Extensão Universitária. Neste primeiro momento a extensão foi definida como “ação institucional voltada para o atendimento das organizações e populações, com sentido de retroalimentação e troca de saberes acadêmico e popular” (PNEU, 2016, p. 13). Foi neste processo, que as comunidades deixaram de ser objeto para se tornarem sujeitos das ações.

Com a redemocratização do país se reelaborou uma nova concepção de Universidade Pública, se redefiniu as práticas de ensino, pesquisa e extensão, e

---

<sup>10</sup> Ao longo de minha pesquisa observei diversas incongruências nos discursos de pessoas de dentro da Universidade sobre o que é extensão. Que por vezes foi confundida com movimento social e outras com assistência social.

começou-se a questionar o formato assistencialista das ações de extensão que anteriormente haviam se estabelecido. Assim, a extensão foi se tornando um processo que articula Ensino e Pesquisa e se relaciona com os movimentos sociais.

Mais adiante, em novembro de 1987 com o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), tendo as atividades do Fórum reconhecidas e estabelecido uma nova concepção de Extensão, que a definia como um:

[...] processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. *No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento.* Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a *democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade.* Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/ prática, a *Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social* (FORPROEX *apud* PNEU, 2012 p.15, *grifo meu*).

Em acordo com as definições do FORPROEX descritas acima, a Constituição de 1988, além de definir que as atividades extensionistas devem receber apoio público financeiro, também preceitua a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Mais uma importante ação para a institucionalização da extensão é o Plano Nacional de Extensão elaborado pelo FORPROEX em 1998, que define a extensão como uma *concepção de Universidade* cidadã e não como uma atividade acadêmica.

Na sua concepção mais atual, a Política Nacional de Extensão Universitária (2012) descreve as diretrizes que regem a Extensão, de forma que todas as Universidades trabalhem em consonância e que toda prática extensionista seja feita em “um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político” (PNEU, 2012, p. 28).

A primeira delas é a diretriz “Interação Dialógica”, que orienta o desenvolvimento de relações entre Universidade e setores sociais marcadas pelo diálogo e troca de saberes, superando, assim, o discurso da hegemonia acadêmica, o substituindo pela ideia de aliança com movimentos, setores e organizações sociais. (2012, p. 30)

A segunda, “Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade”, busca superar a dicotomia entre áreas e setores dos saberes, com os quais se desenvolvem as ações

extensionistas. A diretriz aponta para a importância da intersecção entre todos os saberes, sejam de áreas, grupos e setores sociais diferentes da sociedade, como o conjunto desses saberes potencializa a própria universidade (PNEU, 2012, p.31)

A terceira é a diretriz “Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão”, que tem como pressuposto que as ações de extensão adquirem maior efetividade se estiverem vinculadas ao processo de formação de pessoas, o ensino, e de geração de conhecimento, a Pesquisa. Na relação extensão e ensino, busca-se colocar a pessoa estudante<sup>11</sup> como protagonista de sua formação técnica e de sua formação cidadã. Dando um novo conceito do que é “sala de aula”, que não mais se limita ao espaço físico tradicional de ensino-aprendizagem. Na relação entre extensão e pesquisa, abrem-se múltiplas possibilidades de articulação entre a Universidade e a sociedade, visando à produção de conhecimento (PNEU, 2012, p. 32).

A quarta diretriz é “Impacto na Formação da pessoa Estudante”, que através da Constituição de 1988 e posteriormente, regulamentada pelo Plano Nacional de Educação 2001-2010, propõe a participação da pessoa estudante de forma que seja sustentada por iniciativas que viabilizem a flexibilização curricular e a integralização de créditos logrados nas ações de Extensão Universitária (PNEU, 2012, p. 34).

A quinta e última é “Impacto e Transformação Social”. Esta diretriz reafirma a Extensão Universitária como o meio onde se estabelece a inter-relação da Universidade com os outros setores da sociedade, com o propósito de uma atuação transformadora, voltada para os interesses e necessidades da população e propiciadora do desenvolvimento social e regional, e para o aprimoramento das políticas públicas. Visando que a extensão universitária contribua para o processo de (re)construção da Nação, uma comunidade de destino, ou de (re)construção da polis, a comunidade política. Neste sentido, a diretriz “Impacto e Transformação Social” imprime à extensão universitária um caráter essencialmente político (PNEU, 2012, p. 35).

Contudo, observamos um grande abismo entre o que é extensão, com base na Política Nacional de Extensão apresentado acima, com o que é feito nas Universidades de todo o país. Alguns grupos partem de um princípio assistencialista ao conceituá-la e aplicá-la. Sobre extensão nos cursos de residência em Arquitetura

---

<sup>11</sup> Busquei utilizar neste texto uma linguagem inclusiva, evitando a demarcação de gênero, contudo em alguns momentos isso não foi possível, assim será utilizado da seguinte forma: a/as, o/os e e/es/u/us.

e Urbanismo, Angela Maria Gordilho Souza diz que “a ausência do entendimento histórico-político na discussão conceitual traz um enfraquecimento na potencialidade de avanços institucionais” (SOUZA, no prelo, p. 1). Em razão disso, comecei este trabalho definindo o que é extensão e as suas diretrizes, pois este trabalho e o projeto *Margens* partem destes pressupostos acima apresentados.

Agora, é necessário definir o que é assistência social e movimento social para diferenciá-los, pois não são sinônimos, e evitar que ações de extensão sejam pensadas nas universidades a partir de compreensões equivocadas.

Segundo o próprio site do Governo Federal, Assistência Social é uma política pública governamental para proteção social e garantia de direitos de qualquer cidadão que necessite, tem por objetivo “garantir a proteção social aos cidadãos, ou seja, apoio a indivíduos, famílias e à comunidade no enfrentamento de suas dificuldades, por meio de serviços, benefícios, programas e projetos. Com um modelo de gestão participativa” (BRASIL, 2019). Um exemplo dessa política pública pode ser encontrado até mesmo dentro das Universidades, a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE)<sup>12</sup>, que tem por objetivo ser um núcleo dentro da Universidade para garantir os direitos de discentes, através de bolsas, diversos auxílios como, moradia, alimentação e transporte, desta forma busca possibilitar a continuidade de estudantes na Universidade. A existência da PRAE já faz constatar que a extensão não tem um papel análogo à assistência social.

Já o movimento social refere-se à uma ação coletiva. “Esta ação envolve um fazer - por meio de um conjunto de práticas sociais- e um pensar- por meio de ideias que motivam ou dão fundamento à ação. Tratam-se de uma *práxis*” (GOHN, 2000, p. 11). É uma ação coletiva com um caráter político com cidadãos de diferentes camadas sociais e

Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo (GOHN, 2000, p. 4).

---

<sup>12</sup>Site da PRAE/UFPel: <https://wp.ufpel.edu.br/prae/#:~:text=PRAE%20%E2%80%93%20Pr%C3%B3%2DReitoria%20de%20Assuntos%20Estudantis>. Acesso em: 02 jun. 2022.

A extensão não tem como princípio um ativismo social com base em ações que visem uma mudança direta e instantânea, a fim do melhoramento da qualidade de vida por si só, como um “ir lá e fazer”. A extensão pode ser desenvolvida em diversos contextos sociais, com diferentes grupos, mas ela deve obrigatoriamente ter compromisso de uma reflexão crítica sobre suas ações. Como afirma Paulo Freire, “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo”. (FREIRE, 2021a, p. 24). O compromisso está em uma prática fundamentada em uma reflexão teórica, que, para isso, se baseia em três pilares principais (ensino-pesquisa-extensão) estando diretamente ligada à formação profissional. Sem as diretrizes a extensão continuaria a promover ações com um sentido de ativismo e/ou movimento social.

Voltando às diretrizes, quero chamar a atenção para o item que se refere à qualidade da formação da pessoa estudante por meio de seu envolvimento em atividades extensionistas, que dependem do âmbito interno das Universidades, que devem ter o compromisso de fomentar diálogos entre órgãos destinados ao incentivo das ações. Desta forma, cada Universidade tem autonomia para planejar suas próprias estratégias de integralização da extensão nos currículos de curso, na UFPel, por exemplo, existe o Guia da Integralização da Extensão, que “é o resultado aplicado do trabalho da Comissão de Curricularização da Extensão nos cursos de graduação da UFPel durante os anos de 2017 e 2018” (GUIA DE INTEGRALIZAÇÃO, 2019, p. 6).

Este Guia tem como intenção ser um manual de como Coordenadores/as de curso e outros membros do corpo docente podem aplicar a extensão de forma que sigam determinados princípios, mas ao mesmo tempo abre novas possibilidades para coordenadores/as fazerem “do processo de curricularização uma trajetória criativa e particularizada em cada curso” (GUIA DE INTEGRALIZAÇÃO, 2019, p. 6).

Na UFPel, universidade de interesse desta pesquisa, o processo de implantação da curricularização da extensão universitária iniciou em 2014, e após diversas reuniões de uma comissão com representantes de diferentes âmbitos da Universidade. E apenas em novembro de 2016 o Conselho Coordenador do Ensino da Pesquisa e da Extensão – COCEPE, aprovou o texto de resolução da extensão, nele constava que os colegiados teriam até março de 2018 para implementar a curricularização da extensão.

No Guia, há a descrição de duas formas de curricularização da extensão para os cursos da Universidade, para tal é destacado dois princípios definidores da extensão na UFPel. 1º) O que é considerada atividade de extensão na UFPel:

Art. 7º São consideradas atividades de extensão as intervenções que envolvam diretamente as comunidades externas às instituições de ensino superior e que estejam vinculadas à formação do estudante, nos termos desta Resolução, e conforme normas institucionais próprias. [...] Atividade em consonância com o conceito de extensão do Plano Nacional de Extensão Universitária, que atende a Resolução CNE/CES nº 07/2018 e que está de acordo com a Resolução COCEPE nº 10/2015 (GUIA DE INTEGRALIZAÇÃO, 2019, p. 20).

E o 2º) "A atividade de extensão que pode ser curricularizada é aquela na qual o aluno é o agente da atividade. Sendo assim, não pode ser curricularizada uma atividade na qual o aluno é um ouvinte" (GUIA DE INTEGRALIZAÇÃO, 2019, p. 20) Situados estes dois princípios, há duas formas de aplicar a curricularização da extensão, eles podem ser usados para integralizar a formação em extensão nos currículos, conforme o Art. 4º, são estas duas formas:

Atividades Curriculares em Extensão e caracterização de carga horária prática de disciplinas como extensão (Ext), que assim se apresentam: I. Atividades Curriculares em Extensão constituem os programas, projetos e ações de extensão devidamente especificadas no Projeto Pedagógico de Curso (PPC) e cadastradas no sistema Projetos Unificados/Cobalto, nos quais o aluno pode atuar como membro da equipe e agente da atividade. II. A caracterização de carga horária prática de disciplinas como extensão (Ext) deverá ser especificada no PPC, cadastrada no sistema acadêmico, nas disciplinas que efetivamente desenvolverem ações de extensão devidamente cadastradas no sistema Projetos Unificados/ Cobalto, aprovadas nas instâncias devidas e deverá ser feita a equivalência da carga horária com o número de créditos (GUIA DE INTEGRALIZAÇÃO 2019, p. 21).

Ou seja, a primeira, é a Carga Horária Prática em Disciplina Extensionista (CH EXT), que pode ser aplicada em situações onde as disciplinas, obrigatórias ou optativas, têm carga horária prática, e que metade da carga horária ou toda ela proporcione contato de discentes com o público externo à UFPel, sempre seguindo as diretrizes da Extensão.(2019, p. 22) A disciplina deve estar vinculada a um projeto de extensão cadastrado e ativo no Sistema Cobalto/ Projetos Unificados nas respectivas horas práticas.

A segunda forma, é a partir das Atividades Curriculares em Extensão (ACE), que pode ser feita de três formas: a) como parte das atividades complementares em extensão; b) como atividades curriculares em extensão, propriamente ditas (na qual a pessoa estudante terá suas horas contabilizadas em certificação de membro em

projeto extensionista); e, c) componente curricular estágio obrigatório (na qual a carga horária que o aluno deve cumprir de estágio será equiparada a participação em projeto extensionista que sigam as diretrizes da extensão).

Na UFPel, o Curso de Bacharelado em Antropologia foi o primeiro curso a integralizar a extensão em seu currículo. A integralização tem como objetivo que a extensão seja uma experiência formativa na vida acadêmica de discentes (neste caso fazem referência apenas à graduação).

No Curso de Bacharelado em Antropologia a integralização se deu da seguinte forma: “na integralização da atividade serão consideradas 170 horas de atividades complementares conforme tabela descrita acima e 90 horas em disciplinas extensionistas obrigatórias” (PPC, 2020 p. 45) Essa participação do/a/e discente deve estar certificada seguindo as respectivas cargas horárias, o vínculo acontece por meio da associação de um projeto de extensão em uma disciplina. Mais adiante veremos, sobre os desafios deste vínculo entre ensino-extensão, e como ele acontece na prática no *Margens*.

Mesmo que a UFPel tenha iniciado em 2014 o processo, apenas em 2017 lançou em seu sistema (Cobalto), a opção de “projetos unificados<sup>13</sup>”. Somente em 2019 a troca foi aceita efetivamente, permitindo a vinculação das ações nos três níveis em um mesmo cadastro de projeto. Antes de 2019, os projetos que aqui serão descritos enfrentaram diversos desafios junto à PREC, para formalizar ações que prezavam pela indissociabilidade. Por exemplo, quando eram inseridas as disciplinas enquanto ações vinculadas aos projetos de extensão nos projetos unificados, as ações eram canceladas com a justificativa de que elas não eram ações de extensão, mas sim de ensino.

Como a imagem abaixo demonstra, que um dos projetos teve inserida como ação este vínculo, como o próprio Guia de Integralização propõe, a ação intitulada “*Vinculação às disciplinas Tópicos especiais em Antropologia e Arqueologia e Seminário “Cidades e suas margens: Trajetos, percursos e mapas (Graduação e Pós-Graduação em Antropologia)”*”, tinha como descrição “Integração entre ensino, pesquisa e extensão levando os debates do projeto para reflexão em sala de aula”, e

---

<sup>13</sup> Projetos unificados é a possibilidade de fazer o cadastro no sistema de ações de ensino, pesquisa e extensão em um mesmo projeto. Ou seja, realizar no sistema institucional essa indissociabilidade.

a ação foi cancelada, ou seja, a sua realização não foi aceita institucionalmente (Figura 3).

Projetos unificados > Consultas > Projeto > Editar > (Ativo - em execução) NARRATIVAS DO PASSO DOS NEGROS: EXERCÍCIO DE ETNOGRAFIA C/

Novo gerar PDF

Identificacao Geral Equipe Articulações **Ações** Financeiro Cronograma Tramitação Histórico

Natureza da ação: Gênero da ação:

Adicionar

Código	Título	Natureza da ação	Gênero da ação	Status
898	Oficinas participativas de intervenção junto à Comunidade Passo dos Negros	Extensão	Propriamente Dita de Extensão	Concluído - encerrado
900	Vinculação à disciplina Antropologia em contextos de conflito	Graduação	Propriamente Dita de Ensino	Concluído - encerrado
901	Vinculação à disciplina da Pós Graduação Antropologia em contextos de conflito	Pós-Graduação	Propriamente Dita de Ensino	Concluído - encerrado
2061	Evento - Cidades em transe: margens, conflitos e resistências	Extensão	Evento	Concluído - encerrado
3852	Cidades em transe: margens em transformação	Extensão	Evento	Concluído - encerrado
3853	Vinculação às disciplinas Tópicos especiais em Antropologia e Arqueologia e Seminário "Cidades e suas margens: Trajetos, percursos e mapas (Graduação e Pós-Graduação em Antropologia)	Ensino	Propriamente Dita de Ensino	Cancelado
4770	Evento Cidades em Transe: Cotidianos em Conexão	Extensão	Evento	Concluído - encerrado
4961	PATRIMÔNIOS INVISIBILIZADOS, PARA ALÉM DOS CASARÕES, QUINDINS E CHARQUEADAS	Extensão	Propriamente Dita de Extensão	Concluído - encerrado
5175	Negritudes: Reflexões sobre histórias e culturas afro-brasileiras em Pelotas	Extensão	Curso	Concluído - encerrado
11063	Cidades em Transe e a Pluralidade do Morar	Extensão	Evento	Concluído - encerrado
12812	Oficinas Participativas online	Extensão	Propriamente Dita de Extensão	Ativo - em execução
14839	Pré-Cidades em Transe: entre planejar e viver a cidade	Extensão	Evento	Concluído - encerrado
14842	Cidades em Transe: Patrimônios, Conflitos e Contranarrativas urbanas	Extensão	Evento	Concluído - encerrado
14907	Organização do Pré-cidades em transe 2021	Extensão	Propriamente Dita de Extensão	Concluído - encerrado
14965	Organização do 5º Cidades em Transe	Extensão	Propriamente Dita de Extensão	Concluído - encerrado
18727	Organização do 6º Cidades em Transe	Extensão	Propriamente Dita de Extensão	Ativo - em execução
18728	Cidades em Transe: Ancestralidades, Envelhecimentos e Espaços Urbanos	Extensão	Evento	Ativo - em execução

Figura 3 – Captura de tela do sistema Cobalto (UFPEL) demonstrando as ações cadastradas em Projetos Unificados, modificado pela autora.  
Fonte: Cobalto, 2022.

Este fato demonstra que foi um processo, dentro da própria PREC, a construção da política de integralização da extensão na UFPEL, mas que há, ainda, inviabilizações burocráticas a serem vencidas. Outro desafio para a implantação da Integralização, foi a formação de docentes para sua efetivação e sensibilização quanto à importância da extensão.

No “II Seminário de Curricularização- Desafios e Experiências” que ocorreu de forma online em 18 de maio de 2020, onde estavam presentes diversos docentes e coordenadoras de curso para debaterem os fluxos e avaliação da inserção da extensão nos Programas Pedagógicos de Curso - PPCs. Observei um grande desconhecimento de muitos Coordenadores de Cursos, ali presentes, quanto ao conceito de extensão universitária e sobre como desenvolvê-la. Uma das explanações foi de um professor que contava sobre a experiência na implementação da extensão, ele dizia que “no nosso curso a gente teve um entendimento um pouco diferente dos outros” e complementa explicando que por ter “apenas oito professores no curso, seria difícil dar conta de implementar a extensão em suas disciplinas.” Assim, a medida encontrada foi fazer uma disciplina obrigatória para “obrigar os alunos a passarem por ela” e desta forma seriam cumpridas as horas obrigatórias de

extensão que a integralização exigia. “Assim, os alunos poderiam saber o que é extensão” - porém, apenas na teoria.

Em outro fórum de formação, tive conhecimento que alguns coordenadores entendiam a extensão enquanto o ir até as comunidades para “ensinar”, o que desconsiderava as trocas e os saberes locais. Em outro relato, coordenadores criticavam a Universidade por buscarem a integralização da extensão, falando sobre a impossibilidade de implantação da política em cursos noturnos.

O que esses casos acima demonstram? Que a “concepção” de Universidade que valoriza a tríade, infelizmente está presente mais na teoria do que na prática. Inclusive, esses preceitos não apenas são desconhecidos, mas também desvalorizados.

Um dos exemplos desta desvalorização da extensão, são os editais de ingresso nos Programas de Pós-graduação, que apresentam uma incongruência da pontuação em relação aos currículos lattes com a realidade que estudantes vivenciam e com o que a própria Universidade diz valorizar. No Processo Seletivo do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt) da UFPel de 2022, por exemplo, o quadro de pontuação do currículo lattes atribui 5 pontos para certificação em cursos de extensão de no mínimo 30 horas e a mesma pontuação para bolsas de mestrado, iniciação científica, projetos de pesquisa e de extensão. Já para eventos científicos internacionais a pontuação sobe 10 pontos e vai para 15. Em eventos científicos nacionais são atribuídos 10 pontos para cada certificação. Assim, podemos evidenciar que a extensão não pontua de forma igualitária e nem proporcional em relação a outros itens e demonstra como essa valorização de extensão está presente apenas no papel.

Angela Maria Gordilho Souza (no prelo) aponta para a ausência de bolsas de extensão para discentes de pós-graduação, uma falta de incentivo que poderia trazer maior carga horária de atuação destas pessoas estudantes, “Para uma maior amplitude de capacitação, propostas e práticas, o fomento público é fundamental, observando-se o baixo custo de realização frente aos benefícios potenciais” (SOUZA, no prelo, p.7).

Isso demonstra que a experiência que a extensão proporciona não é valorizada como parte importante da formação profissional e acadêmica. Como é possível pensar que um/a profissional vá apresentar e debater em um evento científico internacional (produção científica) se sua experiência não está sendo valorizada? Ou

alguém que vá ingressar na carreira docente, após a pós-graduação, sem ter participado de um projeto de extensão?

Lévi-Strauss (1991, p. 399), em “Antropologia Estrutural”, ao falar da formação de pessoas pesquisadoras em antropologia, afirma sobre a prática etnográfica que “ninguém deveria pretender ensinar antropologia sem ter realizado ao menos uma pesquisa considerável de campo”. E mais adiante complementa,

[...] é por uma razão profunda, ligada à própria natureza da disciplina e ao caráter distintivo de seu objeto, *que o antropólogo precisa da experiência do campo*. Para ele, ela não é nem um objetivo de sua profissão, nem um aperfeiçoamento de sua cultura, nem uma aprendizagem técnica. Ela *representa um momento crucial de sua educação*, antes do qual ele pode possuir conhecimentos esparsos, que nunca formam um todo, e somente depois do qual esses conhecimentos irão “aglutinar-se” num conjunto orgânico e adquirir repentinamente um sentido que antes lhes faltava (LÉVI-STRAUSS, 1991, p. 400, *grifo meu*).

Lévi-Strauss, no contexto de sua época, buscava demonstrar a importância das pesquisas de campo, assim ele aponta que, para uma maior qualidade da pesquisa etnográfica ela precisa ser densa em dados e descrições. Essa densidade requer atenção, tempo, envolvimento da pessoa pesquisadora com o meio e dedicar-se à experiência.

Jorge Larrosa Bondía (2002) ao falar sobre a experiência diz que “o par teoria/prática remete sobretudo a uma perspectiva política e crítica” (2002, p.1). O que Bondía propõe é que a experiência proporciona uma reflexão crítica, pois nela há reflexão sobre a prática. Como afirmei anteriormente, aqui a extensão se mostra como a experiência. Neste sentido, Bondía define que a experiência é,

a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDIA, 2002, p. 5).

José Magnani (2009, p. 136), em “Etnografia como Prática e Experiência”, apresenta a diferença entre prática etnográfica e experiência etnográfica, ele diz que “enquanto a prática etnográfica é programada, continua, a experiência é descontínua, imprevista”.

Aqui essa experiência é vivida a partir da extensão, fazer extensão é viver a experiência e isso tem a capacidade de potencializar esse aperfeiçoamento de futuros profissionais, pois ela cria um espaço que proporciona o encontro de saberes e é nesse espaço que se produz o conhecimento, no qual todos estão envolvidos no processo do educar. Mais adiante vamos ver na prática como acontece esse processo no projeto de pesquisa *Margens*.

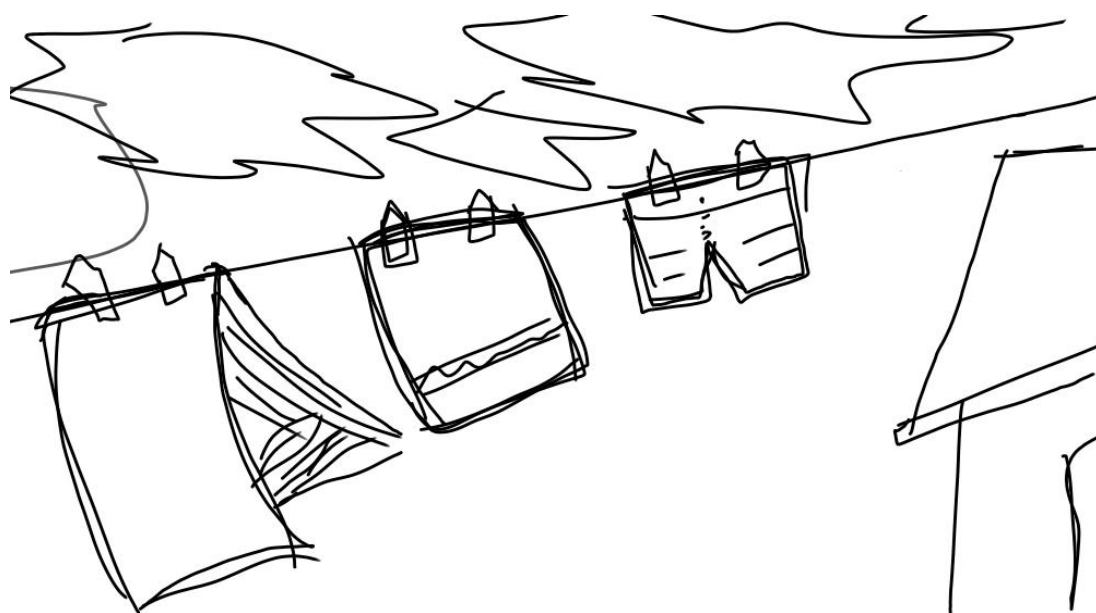
Um outro exemplo, desta vez sobre o desconhecimento e a desvalorização do que é a extensão aconteceu comigo e minha orientadora. Em 2020 ocorreu a 32<sup>o</sup> Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), organizada pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Nesta ocasião, participamos de um Grupo de Trabalho (GT) onde apresentamos o trabalho intitulado “Entre terreiros, periferias e trabalho sexual: os desafios da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na formação de antropólogos/as”. O GT tinha como objetivo debater sobre os desafios que profissionais da antropologia enfrentam ao trabalharem com extensão, havia pessoas com diferentes temáticas de trabalho, após todas as pessoas apresentarem foi o momento de debate e, desde os trabalhos apresentados até às perguntas das debatedoras, fomos percebendo a insipiência e a carência de uma boa base sobre os preceitos extensionistas.

As ações descritas e o debate do GT foram levados como se a extensão tivesse um papel assistencialista e, por isso, ela seria importante, como se assim a antropologia pudéssemos “ajudar” as comunidades. Havíamos pensado que ali seria um importante momento para debater, entre nossos pares, os desafios da extensão universitária, com o foco em sua prática a partir da antropologia. Por fim, a debatedora, após a fala da profa. Louise, ainda a questionou se ela não teria vergonha de ser chamada de uma antropóloga extensionista. Este fato também demonstra uma questão geracional, pois demonstra uma diferença na compreensão da própria antropologia, que se constituiu enquanto campo, desvalorizando trabalhos fora da academia, aqueles que não necessariamente realizam pesquisa.

Contudo, entendemos que a construção desse debate ainda é muito inicial e que devemos primordialmente desconstruir a concepção de assistência social da universidade, como também reforçar nosso debate pautado nas diretrizes da Política Nacional de Extensão e na relação ética das Universidades Públicas junto ao seu corpo discente e às comunidades.

Não tenho como foco aqui dizer o que é “certo ou errado” na prática extensionista, mas é necessário reafirmar que as diretrizes da Política Nacional de Extensão existem por um motivo lógico: que a extensão cumpra seu papel na prática pedagógica. É evidente, em um contexto geral, que se faz urgente pensar em mecanismos para que a extensão seja compreendida e não mais considerada “a prima pobre” devido ao caráter assistencialista que ainda hoje é atribuído a ela, por ser considerada uma “desvalorização científica”.

Por isso, acredito na potencialidade deste trabalho ao pensar a extensão universitária a partir dos pressupostos apresentados anteriormente. Para tanto, pretendo analisar o projeto *Margens* para que este trabalho, a partir de exemplo prático, possa contribuir para as discussões sobre extensão universitária em Cursos de Antropologia.



Extensão é o ato ou a ação de se estender. Estender, verbo transitivo direto e pronominal. Tornar mais amplo no tempo ou no espaço; alongar: estender a estadia. Fazer ficar maior; aumentar-se. Causar a propagação de; espalhar-se: estendeu a educação aos territórios mais remotos. Dispor-se de modo horizontal; ficar deitado; deitar-se: estendeu-se. Causar a divulgação de; fazer com que fique conhecido; divulgar: estender críticas (DICIO, 2022).

Estender a Universidade em mais espaços: à sociedade. Estender nossa estadia nas comunidades. A Extensão visa fazer ficar maior, aumentar nossas

capacidades de alteridade, de produção teóricas e epistêmicas, a partir do encontro<sup>14</sup> com o *outro*. Potencializar nossas capacidades criativas (INGOLD, 2016). Propagar-se, chegar aonde antes não se chegava. De forma horizontal, na relação Universidade-Sociedade.

---

<sup>14</sup> Na Política Nacional de Extensão Universitária é utilizado o termo “troca de saberes” aqui, proponho pensarmos no “encontro de saberes” quando diferentes saberes se encontram, crescem, unidos, potencializando-se, estendendo-se, um ao outro. Aumento do conhecimento de ambos os lados.

#### 4. CAMINHANDO PELAS MARGENS

*“Desço aos meus porões:*

*Dentro de mim é fundo, dentro de mim é longe.*

*Há corredores e portas, mas não conheço tudo o que eles escondem.*

*Dentro de mim é uma cidade:*

*Anúncios que saltam aos olhos, cores para todos os lados.*

*Amores perdidos, sonhos dormidos, orações e pecados.*

***O mapa muda a cada instante, como chegar onde estive antes?***

*Vou ao centro?*

*Pela via marginal?*

*Vou ao relento?*

*Nadando pelo canal?*

*Meu peito bate feito seta de GPS.*

*“Você terá que atravessar a favela do seu ser”*

*diz ela. E eu vou catar ouro na minha pobreza.*

*Deixei cair algumas horas pelo caminho, voltei para buscar, mas não estavam mais lá.*

*Quantos rastros antigos a seguir?*

*Quantas velas virgens a desbravar?*

*Fui adentrando a floresta na*

*imensidão, me afastando da civilização...*

*Se poste de luz não tem, vaga-lume me vem.*

***E assim, chego até a encruzilhada que bifurca em três.***

*A dúvida paira e rasteira-me.*

*O que fazer dessa vez?*

*Nessas horas choro pela lua, Chomo-ve e inundo a alma inteira. A água vai subindo, tudo vai ficando azul abaixo do branco teto de nuvem, a cama do cruzeiro do sul.*

***Respiro fundo, mergulho e vou adiante no caminho do meio.***

*A direita avisto o zoológico de monstros ancestrais.*

*Mais à frente, convivem deus e satanás.*

*E na iminência de dobrar a terceira esquina, passo pela foto do meu cão Zero.*

*Acho que estou chegando, a água já está mais baixa e eu vou flutuando.*

*Ando, ando, ando.*

*Um pensamento alado balança-me*

*seu cajado e, não muito longe,  
devaneios bons passeiam  
despreocupados. Assisto eu, prestes a  
tirar os pés do chão, embasbacado.*

*Acreditando que estava subindo,  
bocaberta que sou, havia tropeçado  
em um abismo.*

*Me mói a vida, me mói... **Para onde  
vou? De onde venho?** Sou mais grão  
repartido em mil na engrenagem  
desse engenho.*

***Sou e não sou todas as minúsculas  
partículas de matéria. Sou ao  
mesmo tempo alma e artéria.***

*Faço de mim todas as formas: O vento  
me muge como vaca, a vida me junta,  
me cola e minha pálpebra estala.*

***Me dou conta de onde eu me  
encontrava: Estive sempre dentro  
da fábrica da palavra.”***

(KRÜGER, 2017, p. 36)

## 4.1 O Projeto *Margens*

*“meu trabalho precisa de gente’, eu gosto disso, das pessoas não acadêmicas, das suas experiências e saberes”*

(Alice Conceição, Caderno de Campo, 2020.)

Seguindo por nossa caminhada, agora apresentarei o projeto *Margens*, através de minha trajetória nele. Quero que imaginem que estamos caminhando em uma rua e, assim como no poema, nos deparamos com uma encruzilhada que se divide em três. Primeiro vamos nos ater a esta rua principal em que estamos, ela é o Projeto de Pesquisa *Margens: Grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas*, vamos conhecê-lo. As outras ruas são respectivas aos três projetos de extensão vinculados a este projeto de pesquisa.

Se retornarmos a alguns trabalhos escritos por integrantes dos projetos, todos, ou quase todos, começam de forma parecida. Primeiro situa-se onde o projeto é desenvolvido, depois os três projetos de extensão a ele vinculados, e depois uma breve explicação do projeto de pesquisa e dos conceitos em que ele se pauta. Não vou fugir da tradição.

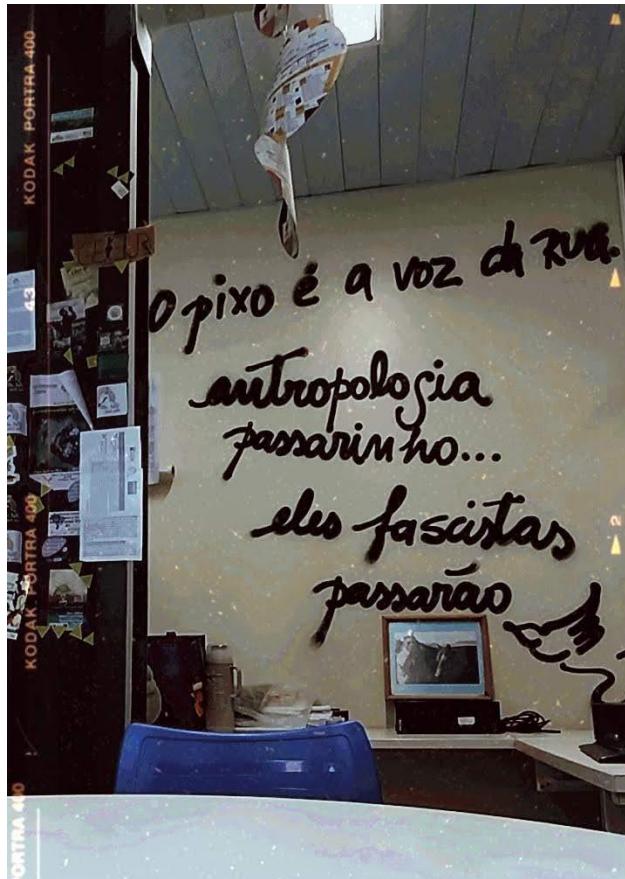


Figura 4 – Sala do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos.  
Fonte: Acervo pessoal, 2019.

O Projeto *Margens* é realizado no Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), grupo em que são desenvolvidas diversas pesquisas relacionadas à cidade e as suas formas de fazê-la. O *Margens* tem a dinâmica de articulação ensino-pesquisa-extensão, a partir da etnografia coletiva desde 2016. Vinculados ao *Margens* estão três projetos de extensão, o *Mapeando a noite: o universo travesti*; o *Narrativas do Passo dos Negros: exercício de etnografia coletiva para Antropólogas (os) em formação* e o *Terra de Santo: Patrimonialização de terreiro em Pelotas*. Como dito anteriormente irei me referir a estes projetos pela forma como são comumente chamados.



Figura 5 – Reunião de organização da Exposição 50 anos de Ação de Stonewall: Ao Nuances & Também, equipe do projeto Mapeando a Noite.  
Fonte: Acervo *Margens*, 2019.

## 4.2 Os Projetos de Extensão

O projeto *Mapeando a Noite* teve início em 2016, a partir do contato com pessoas trans e travestis da cidade de Pelotas, que trabalhavam com o trabalho sexual nas ruas do centro da cidade, observamos que elas não se sentiam representadas pelas outras pessoas trans e travestis que estavam dentro da Universidade, ou pelos trabalhos que eram desenvolvidos sobre a temática. O *Projeto* teve seu nome escolhido pelas próprias interlocutoras e já sugere que a pauta é tratar sobre tudo que há dentro deste cosmos.

Os objetivos foram legitimar e valorizar essas outras narrativas, as ações iniciais do projeto tiveram como intenção ouvir pessoas trans e travestis, familiares e amigos/as/es, para identificar quais questões eram importantes e representativas sobre suas vivências, e compreender a forma como ocupam a cidade e as suas formas de fazê-la. Nesse processo, começamos a evidenciar demandas da comunidade LGBTQIA+ e, com o passar do tempo, o projeto foi se reformulando. Novas demandas vão chegando e os debates e ações que abarcassem toda a comunidade LGBTQIA+ passaram a ser necessários. Assim, atualmente, o projeto tem suas ações voltadas para a comunidade e pesquisas vinculadas às questões de gênero, sexualidade e educação.

Algumas ações realizadas pelo projeto até 2020 foram: *Organização e participação semana da diversidade*; *Oficina Arqueologia e teoria queer: por uma*

*arqueologia transviada; organização do evento POC- Projeto Outras Cores: três dias para falarmos sobre diversidade e educação; organização da exposição Cotidianos LGBTI+ em Pelotas: Para além do Também; além de aproximações com escolas para se pensar sexualidade e educação. Já na pandemia as ações seguiram acontecendo, mas tomaram o formato virtual: a partir da demanda de educadores/as/us foi elaborado o curso Reflexões sobre comunidade LGBTI+: diferentes narrativas e histórias entre casa, escola, trabalho e cotidiano; também o curso Pelas Margens Também Contam-se Histórias: Discutindo Múltiplas Desigualdades na Prática Educacional com Primeiros Anos do Ensino Fundamental; organização do Workshop sexualidade em rede: pornografia, trabalho sexual e seu consumo na pandemia; bem como do Workshop Gênero, Sexualidade e Educação. O projeto desde seu início busca dar visibilidade às demandas das pessoas LGBTQIA+ na cidade e região.*

O projeto *Terra de Santo* teve início em 2016 a partir de um pedido de auxílio da Yalorixá Gisa de Oxalá, dirigente responsável pela *Comunidade Beneficente Tradicional de Terreiro Caboclo Rompe Mato Ilê Axé Xangô e Oxalá (CBTT)*, para a feitura de um dossiê de pedido de patrimonialização de seu Terreiro. Após a entrega do dossiê ao Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), este ressaltou a importância da realização de um mapeamento dos Terreiros da cidade de Pelotas. Assim, em 2019 o grupo começa estudos e pesquisas sobre o processo de mapeamento de Casas de Religião, o que fez emergir cada vez mais demandas do povo de Terreiro para o projeto, muitas relacionadas à visibilidade da existência dos *Povos de Santo* em Pelotas. Em 2020, com o início da pandemia e o impedimento da continuidade do mapeamento presencial, o grupo reestruturou o formulário para um formato online, o que acabou gerando dados que adentraram as ações que foram desenvolvidas em 2020.

Atualmente, o projeto tem vinculado a ele diversas ações voltadas para às Religiões de Matrizes Africanas e suas relações com a cidade. Algumas destas ações desenvolvidas desde o início do projeto são: *Elaboração do dossiê: “Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas”*; *a Produção de Acervo Audiovisual*; *Debates para embasamento teórico e planejamento das ações*; *Idas a campo*; *Exposição Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas*; possibilitando o diálogo acadêmico e não acadêmico com debates como o *Vivos e Mortos no ritual do batuque* e o *Pesquisando culturas e religiões: metodologias* ministrado por Norton Corrêa, intelectual reconhecido pelas lideranças locais; *Primeira Reunião de*

*Salvaguarda com povos de Terreiro em articulação com o IPHAN; e a organização do evento Cidades vividas: políticas de patrimônio e as questões urbanas no Sul do Sul.*

Desde 2020, com a tomada do formato virtual, as ações desenvolvidas foram: organização da Exposição *Cartografias do Cotidiano de Pelotas, diversidade não se Esconde!*; curadoria da *Exposição Digital - Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas*; *Oficinas participativas 2021*; o curso *As questões étnico-raciais e de gênero no espaço da Sala de Aula* em parceria com o Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas (NEABI) do Colégio Municipal Pelotense. Já enquanto projeto vinculado ao Programa de extensão do Bacharelado em Antropologia, desenvolveu duas ações no âmbito da disciplina de Patrimônio Cultural, sendo estas: *o Mapeamento de coleções etnográficas Região de Pelotas* em parceria com a ABA e *Elaboração de vídeo em defesa do patrimônio ação extensionista disc. Patrimônio Cultural*, vídeo que irá compor a exposição para as comemorações do *Dia do Patrimônio* de Pelotas em agosto, em parceria com a Bibliotheca Pública Pelotense.

O projeto *Passo dos Negros* trata-se do mais antigo dos três. Ele fazia parte do projeto de pós-doutorado "*Um olhar sobre o passado e o presente do negro em Pelotas: possibilidades de inclusão da comunidade no discurso e na prática arqueológica*", desenvolvido pela coordenadora dos projetos, antes de sua efetivação como professora. Com sua efetivação em 2016, a pesquisa intitulada "*Memórias e Narrativas do Passo dos Negros*" se torna o projeto de extensão "*Narrativas Passo dos Negros: Exercício de Etnografia Coletiva Para Antropólogos/as em Formação*". O projeto de extensão também teve como uma de suas primeiras ações um pedido de patrimonialização. Este se deu quando moradores/as da comunidade do Passo dos Negros, localizada às margens do Canal São Gonçalo, fizeram a solicitação da elaboração de um dossiê de reconhecimento de um conjunto referências culturais da comunidade como forma de darem visibilidade à sua existência, buscarem a valorização de sua história na localidade e evitar a remoção de moradores/as (DOSSIÊ PELA PATRIMONIALIZAÇÃO..., 2018)

Durante as ações que ocorriam na comunidade, com a finalidade de levantar narrativas sobre a localidade para a escrita do documento, evidenciou-se muitas demandas da comunidade e o risco eminente da remoção dos/as moradores/as, assim, mesmo após a entrega do dossiê o projeto seguiu com suas ações, que visam a segurança e garantia do direito à cidade dos/as/es habitantes. Desde então, todas

as atividades são voltadas para a propagação destes debates, buscando visibilidade para a comunidade e a legitimidade daquelas pessoas de continuarem habitando a região.

As ações que vêm sendo realizadas são: *Oficinas participativas de intervenção junto à Comunidade Passo dos Negros*; organização do evento *Cidades em transe: margens, conflitos e resistências*; organização do evento *Cidades em transe: margens em transformação*; organização do *Evento Cidades em Transe: Cotidianos em Conexão*; e curadoria da exposição física *Patrimônios Invisibilizados: para além dos casarões, quindins e charqueadas*.

Também destaco a vinculação do projeto à diferentes disciplinas do Bacharelado em Antropologia e do PPGAnt como: *Antropologia em contextos de conflito*; *Tópicos especiais em Antropologia e Arqueologia*; e *Seminário “Cidades e suas margens: Trajetos, percursos e mapas*, todas ministradas para a Graduação e a Pós-Graduação em Antropologia e em Arquitetura e Urbanismo (PROGAU), em diferentes anos.

Desde 2020, com o início da pandemia, algumas ações que já estavam determinadas seguiram acontecendo, mas necessitaram ser adaptadas ao formato virtual. E outras novas ações foram elaboradas: o curso de formação docente *Negritudes: Reflexões sobre histórias e culturas afro-brasileiras em Pelotas*; a organização do evento *Cidades em Transe e a Pluralidade do Morar*; *Oficinas Participativas online*; a organização do evento *Pré-Cidades em Transe: entre planejar e viver a cidade*; a organização do evento *Cidades em Transe: Patrimônios, Conflitos e Contranarrativas urbanas*; e a organização do evento *Cidades em Transe: Ancestralidades, Envelhecimentos e Espaços Urbanos*.



Figura 6 – Reunião online do Projeto Margens.  
Fonte: Acervo Margens, 2020.

Duas dessas ações ocorrem anualmente, o evento *Cidades em Transe* e as exposições que integram as comemorações do *Dia do Patrimônio* de Pelotas, que é um importante evento anual, que ocorre desde 2013 e organizado pela Secretaria de Cultura de Pelotas (SECULT). O evento tem como intenção promover os patrimônios de Pelotas e evidenciar as suas importâncias na construção da cidade (ALFONSO; SOUZA; FUNARI, 2021; CHAGAS, 2021).

O *Margens* participa das ações do *Dia do Patrimônio* desde 2016, em 2017 e 2018 participou com a montagem da exposição *Margens: Diferentes formas de habitar Pelotas*.

A primeira ocorreu em agosto de 2017, no Casarão 2 do Centro Histórico, local de destaque durante as festividades, pois fica ao redor da praça principal e aloca a Secretaria Municipal de Cultura (SECULT). Em 2018, iniciou uma parceria com o Museu Histórico da Bibliotheca Pública Pelotense, montamos ali a segunda versão da exposição. Esta parceria permitiu que a exposição ficasse aberta por um mês, incidindo com as datas do evento “Dia do Patrimônio”, em agosto de 2018 (ALFONSO; FERREIRA, 2020, p.4).

Em todas as exposições, a equipe fez a mediação com o público de forma que ocorresse um diálogo mais amplo com a população. Um momento também considerado como um modo de conhecer outras formas de habitar a cidade de Pelotas, que não os expostos nos módulos da exposição do *Margens*, e diferentes dos que são representados pela Prefeitura (ALFONSO; FERREIRA, 2020)

Já em 2019 o grupo reformulou a exposição, e intitulou de *Patrimônio Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas*, em 2019 a exposição ocorreu novamente no Museu Histórico da Bibliotheca Pública, o que

proporcionou que os laços iniciados em 2018 fossem fortalecidos. (ALFONSO; FERREIRA, 2020)

Em 2020, devido a pandemia de *Covid-19*, e sabendo a importância da continuidade das ações extensionistas em um contexto pandêmico, o grupo produziu novamente a exposição *Patrimônios Invisibilizados: Para além dos Casarões, Quindins e Charqueadas*, mas, desta vez em formato digital. Além dos textos que já compunham a exposição física de 2019, novos textos foram produzidos, pesquisas e ações extensionistas que haviam iniciado em 2019 e parado devido a pandemia, voltaram a ativa, de forma que fossem gerados dados e conteúdo para compor as abas da exposição.<sup>15</sup>

E o evento *Cidades em Transe*, ocorre em um período diferente a cada ano, e de forma geral tem por objetivo ser um espaço de debate entre comunidade e universidade, um momento de conversa sobre os variados assuntos que o evento abarca. Desde o início, o evento teve como proposta ser realizado em formato de rodas de conversa, onde pudéssemos tomar chimarrão, comer bergamota, enfim, um momento informal. E, que também acontecesse em diferentes espaços da cidade, assim as rodas já aconteceram em variados bairros da cidade e possibilitaram um contato com um público amplo e diverso.

“O evento *Cidades em Transe* ganhou vida pela primeira vez no ano de 2017, sob o título de *Cidades em Transe: margens, conflitos e resistências*. [...] um lugar onde a troca de saberes fosse o principal meio para estudantes exercitarem a prática antropológica” (ALFONSO; SIQUEIRA; FERREIRA, 2021, p.10).

No ano seguinte, em 2018, o evento foi intitulado de *Cidades em Transe: Margens em Transformação*. Teve como proposta “entender como a cidade se transforma a partir das margens, debater e aproximar a UFPel a diferentes grupos que a habitam, movimentam e formam a Pelotas que conhecemos, vivemos e experienciamos” (ALFONSO; SIQUEIRA; FERREIRA, 2021, p.18).

Na terceira edição, em 2019, o evento foi intitulado como *Cidades em Transe: Cotidianos Em Conexão*, o evento buscou “dialogar sobre como é viver e construir a cidade de Pelotas diariamente, como os cotidianos de cada grupo e comunidade que

---

<sup>15</sup> Site da exposição digital: <https://wp.ufpel.edu.br/margens/>

habita a cidade a faz e refaz pelos seus trajetos, narrativas e formas de vida” (ALFONSO; SIQUEIRA; FERREIRA, 2021, p.23)

Em tempo de ocorrer a quarta edição do evento em 2020, fomos impedidos de realizar as rodas de conversa pela cidade. Contudo, surgiu a ideia de continuarmos com o evento, mas adaptados ao formato virtual. Assim, o evento *Cidades em Transe* passou por uma resignificação. E desde então, todos os anos são produzidos sites para cada edição do evento, que já está em sua terceira edição virtual. Virtualmente ocorre a partir de transmissões no *Youtube*, seja de vídeos em formato de mesa, que forma pré-gravadas, seja em *lives*.

Em 2020, o evento foi intitulado de *Cidades em Transe e a Pluralidade do Morar* e teve como proposta tratar das diferentes formas de morar e habitar, desde humanos a não-humanos, tendo em vista o contexto pandêmico buscou-se tratar sobre as múltiplas formas do morar que tomaram diferentes significados durante a pandemia. (ALFONSO; SIQUEIRA; FERREIRA, 2021, p. 32)

Para a segunda edição virtual o evento foi intitulado de *Cidades em Transe: Patrimônios, Conflitos e Contranarrativas urbanas*, e buscou acrescentar nas

discussões sobre patrimônio de forma a desconstruir dicotomias vinculadas a este conceito como: natureza x cultura, material x imaterial, popular x erudito. De forma a traçar estratégias para pensar a deselitização do patrimônio, a partir da inserção de narrativas de grupos em processos de exclusão que foram/são invisibilizados na seleção de patrimônios (CIDADES EM TRANSE, 2021).

No ano de 2022, o evento está em sua terceira edição virtual, seguindo no mesmo formato de vídeos e *lives*, contudo, devido a um esgotamento digital, causado pelo excesso desses meios no cotidiano de todas as pessoas, o grupo optou por reduzir o evento. Assim, o *Cidades em Transe* passou de uma semana para três dias e majoritariamente as rodas de conversa foram previamente gravadas e só no dia do evento publicadas. Intitulado de *Cidades em Transe Ancestralidades, envelhecimentos e espaços urbanos*, o evento teve o

objetivo de promover debates acerca das ancestralidades, fundamentados em processos de construção identitária, bem como dos envelhecimentos e suas relationalidades, que envolvem direitos e deveres, relações de afetos, religiosidades, novas sensibilidades, questões de saúde, mobilidade e moradia. Ainda, pretende-se oportunizar reflexões sobre as diferentes perspectivas e construções simbólicas que os processos de envelhecimentos podem assumir em diferentes linguagens, para os mais diversos grupos, como movimentos sociais, grupos religiosos, indígenas e quilombolas, pessoas LGBTQIA+, periferias, mulheres, nos mais variados contextos urbanos (CIDADES EM TRANSE, 2022)

Essas ações são o exemplo de como acontece a aproximação entre ensino-pesquisa-extensão entre os projetos de extensão e o projeto de pesquisa. Vínculo que dá vez ao que chamamos de Grupo *Margens*, com uma equipe que varia anualmente em aproximadamente 30 pessoas. Algumas dessas pessoas participam apenas de um dos três projetos citados, outras de todos. São pessoas vindas de diferentes cursos como, Antropologia, Arqueologia, Arquitetura, Ciências Sociais, Cinema, Design, Geografia, Turismo, História, entre outros, pessoas da pós-graduação e da graduação. Há colaboradores de diversas outras universidades como, Universidade Federal de Rio Grande, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Santo Amaro, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal da Bahia.

Tereza Duarte, membro da equipe do *Margens*, em uma fala no programa *Nós Nosotros: Antropofonias e Charlas*, da RádioCom, diz que estas ações têm um papel social, de forma que elas também têm um caráter “devolutivo”, mas ao mesmo tempo político e que é necessário fazer ações que contribuam para a sociedade.

*“Nós estamos dentro da universidade pra entregar alguma coisa pra essa sociedade, que é quem banca essa universidade né, então... só que a gente não pode também passar a mão na cabeça das pessoas e dizer que o mundo tá legal, a gente tem que pegar e dizer “olha, se a gente tá aqui pra resolver alguma coisa vamos resolver”, e as vezes isso implica em colocar o dedo na ferida, e trabalhar algumas questões que às vezes as pessoas não estão afim de encarar”* (Tereza Duarte, relato oral, 2022)

#### 4.3 Onde estamos?



Figura 7 – Colagem de Fábio Henrique  
Fonte: Site da Exposição Patrimônio Invisibilizados, 2020.

Para entender a relação destes projetos com a cidade é necessário entender em que contexto estão inseridos. Precisamos conhecer, mesmo que em uma caminhada breve, a cidade de Pelotas. Conhecida mundialmente por apelidos como “Princesinha do Sul”, “Londres do Sul”, ou até como a segunda cidade mais úmida do mundo. Pelotas se localiza no Sul do Rio Grande do Sul, ganhou visibilidade em todo o Brasil quando foi chamada de “Exportadora nacional de viados”. Ironicamente, é uma cidade que invisibiliza e violenta cotidianamente a comunidade LGBTQIA+ e outras comunidades que não fazem parte da “elite pelotense”, como a população negra, trabalhadoras domésticas, os povos de santo - das Religiões de Matrizes Africanas, povos indígenas, entre tantos outros. Pelotas constrói sua identidade em cima das narrativas da época do charque, representada pelos Casarões do Centro Histórico, Doces Finos, Charqueadas e Museus do século 19. Para Alfonso e Rieth (2016, p. 2) “esta narrativa selecionada, diz respeito a uma determinada

temporalidade e elege a perspectiva de um grupo social específico para qualificar os Fatos Sociais como Bens. A cidade assim, não é pensada em sua heterogeneidade”. Neste sentido, o *Margens* busca entender outras formas de se fazer cidade, de grupos que não são valorizados nessas narrativas oficiais da cidade.

Compreendemos por narrativas oficiais aquelas que contam uma “história da cidade”, como se só houvesse uma única. Esta que é respaldada por memorialistas, documentos presentes nos Museus e é reforçada nos materiais produzidos pela prefeitura e órgãos públicos que visam divulgar e promover a cidade, a partir de seus bens culturais, em especial para o turismo. Para Leopoldine Bergmann, (2019, p. 68) os folders turísticos reforçam essa narrativa, eles “retratam uma cidade imaginada a partir do que seria considerada a cidade ideal, e este ideal se mostra como sendo a cidade europeia, uma cidade da elite”, branca e heterossexual.

#### 4.4 Conceitos



Figura 8 – Mapa conceitual produzida para o Projeto de Ensino Cultura e Patrimônio: debates de temas e conceitos e transposição de saberes  
Fonte: Acervo Pessoal, 2020.

Neste item, trago os principais conceitos que guiam as pesquisas e ações dos projetos. O projeto se pauta em uma compreensão de cidade pelos debates propostos por Michel de Certeau (1994), sobre a construção da cidade, a partir da invenção do cotidiano, pelos passos de seus habitantes. É pela “arte de moldar” (1994, p. 179), diz ele, que as cidades são feitas, a partir dos percursos que moldam os espaços são tecidos os lugares, assim são os “sistemas reais cuja existência faz efetivamente a cidade”. Um mapa urbano vai sendo desenhado, são transcritos traços e trajetórias - cada trajeto escolhido conta uma história.

É partindo dessa perspectiva de cidade que é feita cotidianamente, uma cidade em constante transformação, que o projeto busca repensar e discutir as narrativas oficiais sobre a cidade em diferentes perspectivas, valorizando as narrativas de grupos que enfrentam processos de exclusão. Entendemos por grupos em processos de exclusão, aqueles grupos que sofrem cotidianamente com processos de invisibilidade e exclusão. Segundo Alfonso,

Os processos de exclusão remetem à formulação da nação brasileira e de sua identidade nacional [...] quando se “utilizou a cultura como ferramenta operacional”, [...] Nesse processo ficaram marcados papéis de destaque e de subordinação, com indivíduos que vencem e outros que são vencidos, grupos que constroem e outros que “atrapalham” (ALFONSO, 2012, p.314)

Assim, não se trata de ser um grupo excluído como um título definidor de sua existência, mas sim de um processo que é reforçado todos os dias no cotidiano desses indivíduos, devido a uma construção de Estado-nação, que utilizou de determinados aportes, como o patrimônio, enquanto ferramenta de inclusão e exclusão das narrativas.

Desta forma “estar às margens” não é um lugar social, geográfico e cultural fixo, entendemos as margens “como posição epistemológica e política” (AGIER, 2015, p. 4), elas “se reconfiguram por mudanças nos valores sociais, das políticas e, até mesmo com o passar do tempo” (ALFONSO; FERREIRA, 2020, p. 540). Para Michel Agier, estudar a partir das margens “é o ponto de observação ideal do movimento e da passagem de um estado a outro” (AGIER, 2015, p. 4) pois, a relação entre margens e centro é “dinâmica, uma dialética, uma relação necessária e, por fim, certa continuidade entre uma e outra” (2015, p.1).

A relação margem e centro conforma as relações na cidade. É nessa dinâmica entre margem e centro que se constitui o que Agier chama de “fazer-cidade” definido

pelo permanente movimento onde a cidade se faz e refaz, cotidianamente, a partir de seus habitantes.

Já para Veena Das e Deborah Poole, as margens são lugares privilegiados para, por exemplo, o estudo do Estado (neste caso considerado como o centro),

Uma antropologia das margens oferece uma única perspectiva para a compreensão do Estado; não porque analisa práticas exóticas, mas porque sugere que tais margens são uma consequência do Estado, muito em razão de como as exceções são um componente necessário à regra (DAS; POOLE, 2008, p.2).

Para elas, é nessa constante negociação que vai se “conformando relações de troca entre os sujeitos, onde as margens e, portanto, as fronteiras, não são inertes, mas, sim, fluidas e extravasantes” (FERREIRA *et al.*, 2018, p.1)

Nessa produção de uma etnografia das margens, que só é possível a partir de uma posição epistemológica e política, que o *Margens* incorpora a antropologia da demanda e engajada. Rita Segato (2006, p. 1) defende a importância de considerar a dimensão ética da existência humana, nessa noção o impulso ético é um motor dos direitos humanos “e a marca definidora de tal impulso é a disponibilidade para a interpelação pelo outro.” Nesse sentido, segundo a autora, para isso, algumas áreas da antropologia almejam uma produção antropológica que seja “capaz de cumprir um novo papel e de colaborar no complicado processo de expansão do direito e de articulação entre horizontes culturais” (2006, p.1).

Ela explica que, estudar outras culturas não garante uma transformação radical, mas que a partir da “disponibilidade para a interpelação”, ou seja, estar aberto às demandas, garante a produção de uma outra concepção de antropologia e, até mesmo, a sobrevivência da disciplina neste novo contexto.

A antropologia, portanto, terá de se expor e se curvar à demanda e à interpelação daquilo que outrora fora seu “objeto” e deixar-se interpelar. O estudo de outras culturas não garante a interculturalidade, a exposição radical à transformação demandada pelo outro. Mas a interculturalidade me ocorre como o único futuro não somente interessante, mas também plausível se pretendemos a sobrevivência de uma disciplina sem objeto (SEGATO, 2006. p. 22).

João Moreira, em uma reflexão sobre o trabalho de Stuart Kirsch<sup>16</sup>, diz que a antropologia engajada é mais do que defender uma causa ou de uma militância, “é um projeto de prática etnográfica que se modula às condições requeridas por aqueles

---

<sup>16</sup> KIRSCH, Stuart. **Engaged Anthropology**. Oakland: University of California Press. 2018.

que se estudam” (MOREIRA, 2019, p.2). Em consonância com Segato, Kirsch acredita que se trata de uma atualização do método antropológico, onde as comunidades que tradicionalmente estudávamos, “agora se tornam autoras da sua própria história” (2019, p.3).

Isis Pereira descreve que durante as entrevistas com a comunidade do Passo dos Negros, “os demais assuntos levantados pelos próprios entrevistados não foram desconsiderados, e acabaram por ampliar nosso entendimento sobre a gama de assuntos correlatos ou não” (PEREIRA, 2015, p.198). Isso demonstra também um compromisso ético com sujeitos envolvidos, tendo em vista que por vezes o tema principal da pesquisa se mostra sem relevância para comunidades e grupos que podem estar passando por processos mais urgentes. Esse compromisso está diretamente ligado com essa concepção de antropologia engajada e da demanda.

No *Margens*, comunidades vinculadas aos projetos de extensão não são objetos de estudo antropológico, mas sim parceiras nas ações dos projetos que tem início a partir de suas necessidades, onde elas mesmas se tornam sujeitos principais de suas próprias demandas e, a antropologia é/se torna, um meio para acessar determinados lugares e saberes antes inacessíveis. Desta forma, os projetos atuam a partir de uma antropologia engajada que parte de uma antropologia da demanda, onde se faz necessário e obrigatório um posicionamento político/crítico e epistemologicamente situado, “trata-se, portanto, de uma política de participação e não de representação” (MOREIRA, 2019, p.2).

E é nessa intersecção, nessa forma de compreender a cidade, nesse jeito de fazer antropologia, que os saberes se encontram, tanto em sala de aula, ou na rua com as comunidades, como nos Terreiros e festas LGBTQIA+. Na antropologia estudamos culturas, e é nesse pesquisar culturas que os nossos saberes se encontram com os das comunidades vinculadas, com saberes de colegas, e até com os nossos mesmos. É nesse constante encontro de saberes, que nos “inventamos”, Roy Wagner descreve, como “ato de inventar outra cultura, o antropólogo inventa a sua própria e acaba por reinventar a própria noção de cultura” (WAGNER, 2012, p.15).

#### 4.4.1 Caminhando em Coletivo



*"Foi o que realmente me fez entender a construção coletiva: eu escrevi, mas os elementos que dão sentidos e significados as histórias não são meus, estes fazem parte de algo maior, de todos e todas que se fizeram presentes ao longo dos anos, em diferentes tempos e lugares" (Felipe Euzébio, Caderno de Campo, 2020).*

Estes estudos da cidade de Pelotas são feitos a partir do método etnográfico coletivo. Mas, o que é a etnografia? E o que é essa tal etnografia coletiva?

Sabemos que tem sido cada vez mais comum, dentro da lógica mercadológica, pessoas se apoiarem nas técnicas etnográficas para a realização de pesquisas, classificando a etnografia apenas como um método que pode ser utilizado por qualquer profissional, sem formação em antropologia. Também que "algumas ciências" não consideram a etnografia um método científico. Mas aqui a etnografia será compreendida como a própria antropologia, não se limitando a ser apenas a forma de fazer a pesquisa, mas sendo a teoria antropológica intrínseca às nossas práticas enquanto pesquisadoras/es. Aquilo que Mariza Peirano chamou de teoria vivida, "a ideia de uma 'teoria vivida' alude à ação permanente, ao movimento contínuo que caracteriza o desenvolvimento geral da disciplina e também às suas configurações particulares" (PEIRANO, 2006, p.8).

Grande parte dos debates referentes à produção etnográfica tiveram início após "Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia" de B. Malinowski, sendo ele

quem deu início a pesquisas etnográficas consideradas prolongadas, “seu ideal (ou utopia) de atingir ‘o ponto de vista nativo’, ali enunciado pela primeira vez, trazia consigo a presunção revolucionária para a época” (PEIRANO, 2018, p. 11) Assim, Malinowski iniciou -sem saber- uma revolução nesta forma de fazer, que estava se constituindo, como sendo da antropologia.

Em *Argonautas do Pacífico*, Malinowski apresenta a etnografia como uma forma de fazer pesquisa para identificar o “ponto de vista nativo”, listando de forma textual, seus costumes e formas de se relacionar e habitar o mundo, “cujo desvendamento só poderia ocorrer por meio de investigação minuciosa, intimidade e diálogo no lento processo de identificar” (PEIRANO, 2018, p. 11) Segundo Peirano, em seu texto Malinowski mostrou que a etnografia “deve levantar problemas e revelar novos” (PEIRANO, 2018, p. 12)

Com o tempo, a concepção de etnografia que Malinowski havia trazido à tona foi, naturalmente, mudando. “A distância entre os etnólogos e aqueles que eles pesquisavam - um dia conhecidos como “informantes” - foi progressivamente diminuindo” (PEIRANO, 2006, p. 37)

Mais atualmente, Roberto Cardoso de Oliveira, em sua obra, "O que é isso que chamamos de Antropologia Brasileira?" (2018), propõe que reflitamos sobre a antropologia, fazendo “antropologia da antropologia”. Ele diz,

Na história da Antropologia no Brasil é impossível deixarmos de nos defrontar com uma evidência: de que a disciplina [...] sempre primou por definir-se em função de seu objeto, concretamente definido como índios, negros ou brancos, estes últimos vistos enquanto grupos étnicos minoritários, ou segmentos desprivilegiados da sociedade nacional, sejam, por exemplo, os favelados urbanos, sejam ainda pequenos produtores rurais, como bem ilustram os caiçaras de São Paulo ou os caiçaras do nordeste (DE OLIVEIRA, 2018, p. 229-230).

Esses grupos que De Oliveira aponta como “objeto de estudo” da antropologia - hoje, já não o chamamos mais assim, como apontado nas considerações de Rita Segato que vimos acima. Eram considerados “O outro”, aquele grupo cultural distante de nossa realidade e que iríamos investigar a partir dos três momentos estratégicos da etnografia. Definidos por De Oliveira como, o Olhar, Ouvir e Escrever. O Olhar e Ouvir feitos pela observação participante, para ter a potência de penetrar na realidade do outro,

[...] enquanto no Olhar e no Ouvir "disciplinados" - a saber, disciplinados pela disciplina -se realiza nossa "percepção", será no Escrever que o nosso

"pensamento" se exercitará da forma mais cabal, como produtor de um discurso que seja tão criativo quanto próprio das ciências voltadas à construção da teoria social (DE OLIVEIRA, 1996, p.4).

Para Paola Jirón e Walter Imilam (2016), a etnografia em sua concepção contém um caráter individual,

Em geral, na etnografia a experiência do investigador ocupa um lugar central no processo de produzir conhecimento, ou seja, o trabalho de campo etnográfico se apresenta como uma atividade solitária, sustentado por uma série de eventos ocasionais que o pesquisador deve avaliar a cada momento (JIRON; IMILAM, 2016, p. 2).

Sobre isso, por vezes ouvi ao longo de minha graduação comentários como “tu vai ver como é difícil, a gente fica muito sozinha fazendo antropologia” ou “o processo de ir virando antropólogo é difícil, doloroso, a gente fica chato”, em algumas ocasiões relatos como esse vinham como desabafo em outras pareciam-me mais ameaças. O que ao longo de minha experiência de estar virando antropóloga, e acredito que estarei sempre nesse processo *de vir a ser*, foi se mostrando diferente, agora percebo que isso se deve a uma mudança na disciplina, que mesmo gradual, já se mostrou latente entre meus veteranos (de curso) e minha geração.

Seguindo com as considerações de fazer “antropologia da antropologia”, proposta por Roberto Cardoso de Oliveira, Mariza Peirano reflete sobre a “antropologia feita em casa, *at home*.” (PEIRANO, 2006, p. 37), inclusive, para demonstrar essa mudança, que é gradual, mas agora me parece até que acontece rapidamente. Peirano cita Malinowski, quando ele fala sobre os estudos de seu orientando Hsiao-Tung Fei, afirmou que “uma antropologia de seu próprio povo era a mais árdua, mas também a mais valiosa, conquista de um pesquisador de campo.” (MALINOWSKI *apud* PEIRANO, 2006, p.38). Ao longo do capítulo, *Antropologia at home*, Peirano faz um compilado de antropólogos/as que ao longo do tempo foram deixando de fazer suas pesquisas em outros continentes e foram “trazendo a antropologia para casa” (2006, p. 48), mas que ao mesmo tempo foi se deixando agregar por aqueles que antes eram “objeto” de estudo, para que eles “desenvolvessem sua própria antropologia” (2006, p.48).

Seguindo neste mesmo debate, Peirano em “A alteridade em contexto: o caso do Brasil” define essa mudança das percepções ao modo de fazer, dizendo que, “a antropologia não se resume a um objeto, ela se interessa pela diferença” (2006, p. 53). Aqui ela defende a ideia da alteridade, ou melhor, das alteridades, no sentido de

que existem várias. Ela compreende que “se a noção de diferença é definidora da antropologia, a questão é saber onde ela se aninhou no caso brasileiro” (2006, p. 57), com isso ela distingue as alteridades, entre: a alteridade radical; o contato com a alteridade; a alteridade próxima e, a alteridade mínima. Ao passo de que essas alteridades foram deslizando “de um pólo onde ela é radical a outro, onde nós mesmos, cientistas sociais, somos o outro” (2006, p.57).

Na alteridade radical, ela apresenta duas situações: i) que é quando se estuda *sobre* populações indígenas; ii) quando a antropologia transcende as barreiras territoriais e estuda *sobre* fora do Brasil, a chamada antropologia internacional. Ela diz “o objetivo deste ensaio, uma delas indica não ser o exotismo a principal motivação para a pesquisa, mas a diferença entre *eles e nós*” (PEIRANO, 2006, p. 59, grifo no original).

Já a segunda, o contato com a alteridade, é o estudo *com* comunidades indígenas, considerada uma inovação teórica feita no Brasil, “essa concepção aparece como bricolagem de preocupações indigenistas e inspiração sociológica, revelando ‘uma situação na qual dois grupos são dialeticamente unidos por meio de seus interesses opostos’ (PEIRANO, 2006, p. 60).

A terceira alteridade é a alteridade próxima, é quando ocorrem os estudos nas grandes cidades, que no Brasil vem desde 1970, a autora destaca que “No estudo da alteridade próxima, a opção teórica tem sido a via predileta para alcançar o objeto de estudo. No Brasil, teoria não é apenas abordagem, mas afirmação política também” (PEIRANO, 2006, p. 62).

A quarta e última é a alteridade mínima, que é o estudo que “está localizado na própria atividade intelectual dos cientistas sociais” (PEIRANO, 2006, p. 65). Finalizando a análise sobre essa alteridade, Peirano destaca que o público para e sobre estes trabalhos é limitado, mas que autores/as que produzem pesquisa sobre isso, bebem de fontes ocidentais que foram publicadas em português. Assim, grande parte destas reflexões, em alteridade mínima, são publicadas em português e não atingem um público externo. Com isso ela questiona “Fazem eles (esses estudos) sentido se a audiência externa é restrita? Ou, por que se dialoga com as fontes de *scholarship* se os debates estão afastados pela própria língua de enunciação?” (PEIRANO, 2006, p. 65). Ela complementa dizendo que “o vínculo com o mundo intelectual mais amplo se dá apenas por efeito ilocucionário e a ‘alteridade mínima’

esconde uma proposta, não realizada, de alteridade máxima, porque teórica" (2006, p. 65).

Agora que caminhamos pela etnografia, abro portas para debatermos a pergunta "O que é essa tal de etnografia coletiva?" Ela existe? Por que é tão pouco falada ou conhecida? Como será que se faz?

Relembramos os três momentos estratégicos da etnografia, definidos por Oliveira como, o Olhar, Ouvir e Escrever. Este processo não é posto a provas, mas a forma de fazê-lo varia, cada pessoa pesquisadora dentro do seu contexto de pesquisa precisa se adequar ao que o campo está propondo. Por exemplo, a utilização do diário de campo *in factum*, se a pessoa pesquisadora planejou a utilização deste, eventualmente pode lhe ser auferido olhares de insatisfação por parte de pessoas interlocutoras e, assim, a/o antropóloga/o necessita guardar seu diário, ocorrendo então uma ruptura na forma como está sendo feito o campo. Porém, os três momentos de Olhar, Ouvir e Escrever, continuarão sendo a base da etnografia proposta.

Na etnografia coletiva esses momentos de Olhar, Ouvir e Escrever são feitos em coletivo e o trabalho de campo não se apresenta como uma atividade solitária, e tem a possibilidade de não ser sustentada apenas por "uma série de eventos ocasionais", como dito por Jirón e Imilam (2016)<sup>17</sup>.

Para debatermos sobre etnografia coletiva retorno às perguntas de Peirano, sobre a alteridade mínima: "Fazem eles (esses estudos) sentido se a audiência externa é restrita? Ou, por que se dialoga com as fontes de *scholarship* se os debates estão afastados pela própria língua de enunciação?", para expor sobre como foi o processo da procura das referências sobre etnografia coletiva para este trabalho.

Comecei a busca no início da pandemia, adicionei no *Google Acadêmico* palavras-chave como "etnografia coletiva", "método", "metodologia coletiva" entre outras que fizessem referência ao tema e às respostas apresentadas foram ínfimas. Aqueles poucos textos que apareciam nas respostas eram apenas textos que continham as palavras destacadas ao longo de todo o texto, não necessariamente os textos estavam tratando dessas questões.

Até que enfim encontrei algumas equipes e grupos que trabalham com a metodologia coletiva como forma de pesquisa. Mas, novamente me deparo com outra

---

<sup>17</sup> Os textos (ESMORIS et al, 2022); (GORDON et al, 2006); (JIRÓN e LANGE, 2017); ( JIRÓN e IMILAN, 2016) (PÉREZ-BUSTOS e PIRAQUIVE, 2018); (INGOLD, 2016), (DAS e POOLE, 2008) que aparecerão ao longo do trabalho tiveram tradução minha.

situação que, de momento, me pareceu estar “dificultando” trabalhar com o tema. Foi que grande parte destes textos encontrados de fato se tratava de etnografias coletivas, contudo, ao longo das leituras percebi que a reflexão sobre a metodologia coletiva não era o debate central, no sentido de que as discussões sobre a metodologia em coletivo não tinham grandes destaques.

Contudo, encontrei sim textos que davam mais ênfase para este debate, trarei alguns deles para que possamos entender como que outros grupos e equipes vêm trabalhando essas questões.

Em “Objetos, personas y relaciones en los hogares de José C Paz. Annette Weiner y los desafíos de hacer una etnografía colectiva” María Florencia Blanco Esmoris *et al.* discorrem sobre uma pesquisa coletiva feita com o objetivo de “caracterizar como a cultura material molda a vida dos alunos e de suas famílias, com atenção especial para ‘objetos, pessoas e relacionamentos’” (ESMORIS *et al.*, 2022, p. 2, tradução minha). que se trata de “uma primeira reflexão de um trabalho de campo coletivo “em construção” (2022, p. 19).

As/os autoras/es iniciam o texto apresentando a equipe, “constituída por uma equipe que conta com a presença de uma dezena de investigadores, uns novos e outros mais experientes, de formações disciplinares muito diversas” (ESMORIS *et al.*, 2022, p. 2). A reflexão girava em torno de uma pesquisa, bem sistematizada, que tinha objetivos pré-campo bem definidos, uma organização na dinâmica do que cada um iria fazer, como iriam se dividir em campo, quem iria tirar as fotografias etc.

Mais adiante elas/es destacam que, “queremos contribuir com uma apresentação que articule os sistemas de classificação do mundo dos objetos, utilizados por nossos parceiros ‘portas adentro’ do campo, seus modos de hierarquizar as coisas cotidianas, exhibi-las, usá-las e guardá-las” (ESMORIS *et al.*, 2022, p. 4). Assim, ao longo do texto apresentam a etnografia, utilizando de termos como “chegamos em campo” e “fizemos perguntas” para demonstrar que estavam juntos em todo o processo de Olhar, Ouvir, Escrever.

Da mesma forma, outros membros da equipe leram e analisaram as notas de campo e contribuíram com sua interpretação. Sem dúvida, essa forma de organizar as tarefas de pesquisa nos colocou diante do desafio de conciliar polifonias na tarefa etnográfica coletiva, tanto como dispositivo metodológico, ao elaborar interpretações consensuais, quanto na própria redação do artigo, uma escrita compartilhada, mas carregada de heteroglossia (Bajtin, 1987). No âmbito da exposição das condições de produção do trabalho etnográfico, detalhamos quais pesquisadores compareceram a cada visita, bem como as contribuições de cada pesquisador nas leituras cruzadas entre os membros

da equipe, bem como a autoria e curadoria das fotografias” (ESMORIS *et al.*, 2022, p. 4, tradução minha).

As/os autoras/es se preocupam em descrever todo o processo de como foram feitas as saídas a campo, como o grupo foi dividido e quais as percepções que tiveram dessa primeira experiência coletiva. Ainda descrevem de forma densa, mas compacta os dados etnográficos. Contudo, o texto não traz reflexões acerca do processo de fazer a etnografia, apenas sobre os dados recolhidos em campo.

Outro texto encontrado foi de Tania Pérez-Bustos e Alexandra Chocontá Piraquive (2018), intitulado “Bordando una etnografía: sobre cómo el bordar colectivo afecta la intimidad etnográfica”, no qual descrevem a experiência de trabalhar com grupos feministas de bordados em tecido. Elas analisam como aquele momento em grupo, do campo observado, deu abertura para elas mesmas refletirem sobre essas práticas coletivas, assim criaram um grupo de pesquisa onde realizavam reuniões para discutir o campo, fazer revisões bibliográficas etc. Neste artigo, as autoras apresentam como a prática coletiva de bordar influenciou na forma como elas faziam pesquisa, tomando a atenção para a dimensão afetiva, “assim, quando dizemos que a etnografia é produzida, queremos dizer que, em sua confecção, é permanentemente afetada por aquilo que estuda.” (PÉREZ-BUSTOS; PIRAQUIVE, 2018, p.3) Elas descrevem que,

A intimidade que levou à exploração material e interpessoal que ocorreu com cada grupo foi tão contundente e radical que nos levou a reproduzir outros espaços de bordado semelhantes onde, a escrita etnográfica também se tornou um espaço coletivo de acompanhamento, cuidado e exploração desta gramática têxtil particular. [...] Em um segundo momento, percebemos como esse bordado coletivo, afeta a etnografia, levando até mesmo a questionar a posição dessas práticas no cânone acadêmico clássico da antropologia. (PÉREZ-BUSTOS; PIRAQUIVE, 2018, p. 4-5, tradução minha)

As autoras, ao fazerem o campo foram afetadas por ele. Foram absorvendo as concepções das interlocutoras e seus modos de fazer, compreenderam as técnicas delas, para então experimentá-las - entre elas, pesquisadoras - as técnicas observadas em campo e criaram o que chamaram de “semillero de investigación”. Algo como uma “simulação do campo”.

Elas acreditam que essa dimensão afetiva também, além de aproximar elas próprias, trouxe outras pessoas - de distintas áreas- para participar do grupo de bordado que foi criado, inspirado no grupo feminista de bordado com o qual faziam a pesquisa. O que não só criou um espaço de produção antropológica, mas se

configurou ele mesmo em “redes afetivas e de cuidado que se entrelaçam entre aqueles que participam desses espaços” (PÉREZ-BUSTOS; PIRAQUIVE, 2018, p. 8). Para as autoras esse “afetar” se revelou quando as noções que elas tinham foram sendo alteradas ao longo do processo de etnografar,

Esse espaço de reflexão sobre a etnografia, mediado pela costura, foi revelando aos poucos as formas como o bordado com o outro afetou nossa própria noção de etnografia: tanto de seus resultados [...] como da própria etnografia e o que ela poderia se tornar. Este foi um exercício de afinar nossas sensibilidades etnográficas sobre o bordado em direção à própria etnografia e seus efeitos e afetações. (PÉREZ-BUSTOS; PIRAQUIVE, 2018, p.14, tradução minha)

A seguir, elas apresentam a importância do “têxtil” nesse processo de união e aproximação das pessoas, em específico mulheres. Em seguida elas explicam como “o bordado coletivo nos permitiu pensar a etnografia como tarefa reflexiva coletiva.” (PÉREZ-BUSTOS; PIRAQUIVE, 2018, p.17) As autoras evidenciaram que,

era como se a etnografia de cada caso, o que havia acontecido no campo, viesse estar em um diálogo trançado com o que outros viveram e sentiram. Dentro do particular, era como se pudéssemos mostrar as emoções que ali teciam nossas experiências e as formas que eram parte constitutiva do que poderíamos dizer sobre eles; ou seja, uma parte constitutiva de nossa etnografia. (PÉREZ-BUSTOS; PIRAQUIVE, 2018, p.18, tradução minha).

O que as autoras demonstram é que a etnografia coletiva foi feita quando elas compartilharam um momento reflexivo, onde observaram que estavam todas com as mesmas concepções e sentimentos sobre a experiência vivida em campo.

O *semillero/costurero*, além de trançar etnografias e possibilitar falar sobre a forma como elas eram constituídas de nossas emoções, também trouxe à tona, ao mesmo tempo em que continha, nossas inseguranças como autoras. [...] Nesta meta-reflexão procuramos discutir a forma como a realidade do bordado coletivo afeta nossa prática etnográfica. Neste sentido, estamos mais interessados em focar em como a etnografia é produzida, do que no que ela produz. (PÉREZ-BUSTOS; PIRAQUIVE, 2018, p.20, tradução minha)

As autoras centram-se em compreender como o processo coletivo interferiu na pesquisa individual de cada uma, em como as pesquisas foram afetadas, mais do que na forma como a etnografia coletiva foi feita.

Por último, mas não menos importante, vamos debater sobre a produção de Paola Jirón e Carlos Lange (2017), com texto “Comprender la ciudad desde sus habitantes. Relevancia de la teoría de prácticas sociales para abordar la movilidad”.

A autora e o autor têm como foco compreender a cidade a partir de práticas cotidianas de mobilidade. É demonstrado a complexidade de se estudar as práticas

cotidianas, assim, ao definirem sua metodologia traçam rapidamente como as etnografias coletivas podem permitir que as práticas urbanas sejam observadas em uma forma mais totalizante.

Essa perspectiva permite abordar a relevância das práticas em situações específicas de desenvolvimento, onde os moradores urbanos desenvolvem disposições particulares e distintas contra o funcionamento institucional. Nesse sentido, essa perspectiva nos permite avançar na compreensão da 'ação situada', em torno da qual os atores desenvolvem competências dependendo do curso da ação das situações que acontecem diariamente. [...] Isso também tem uma relevância metodológica. Como afirmado por Barthe et al. (2016), compreender a ação situada requer uma abordagem e acompanhamento dos habitantes urbanos que permite uma descrição constante, detalhada e sutil de suas práticas, uma vez que estes nunca podem ser considerados totalmente completos, mas sim em produção permanente. Este requisito constitui um importante precedente para considerar a conveniência de uma abordagem etnográfica em torno de sua produção (JIRON; LANGES, 2017, p.3-4, tradução minha).

Contudo, neste texto a autora e o autor esboçam brevemente algumas reflexões sobre a importância das etnografias coletivas para uma melhor compreensão do fenômeno urbano. Já em outro texto, anterior ao apresentado acima, "Observando juntos en movimiento: posibilidades, desafíos y encrucijadas de una etnografía colectiva" de Paola Jirón e Walter Imilan (2016), o foco é apontar "desafios e encruzilhadas" de se fazer uma etnografia coletiva, sobre o mesmo contexto de estudo.

O texto é introduzido com uma explicação sobre o impacto dos estudos de mobilidade nas metodologias de pesquisa, "a mobilidade cotidiana nas cidades metropolitanas tornou-se um fenômeno central para entender os modos de vida" (JIRÓN e IMILAN, 2016, p.1).

Assim, em consonância com o texto visto anteriormente, é destacado que é através da etnografia coletiva, "a abordagem etnográfica, tanto como método quanto como técnica, permite a exploração da experiência e, de fato, tem o potencial de abordar essas preocupações" (2016, p.1).

A autora e o autor consideram que os debates sobre a metodologia em antropologia ainda são escassos. Assim, vale lembrar das considerações feitas por Peirano (2006) onde a alteridade é mínima. Jirón e Imilan explicam,

No entanto, apesar desse interesse pela etnografia na pesquisa social, o debate em torno de sua prática e teorização não tem sido consistente com a expansão de seu uso (Ingold, 2014). Assim, a prática etnográfica entra em um campo escuro, seus mecanismos internos de funcionamento raramente são expostos ou compartilhados. Com efeito, com esta expansão e, em certa

medida, superlotação na aplicação da etnografia e do obscurantismo que a envolve, corre-se o risco de reduzir a prática etnográfica à aplicação de um conjunto de métodos qualitativos, como entrevistas e observação participante (JIRÓN; IMILAN, 2016, p. 2, tradução minha).

Nesse sentido, as observações que fiz sobre a falta de produções metodológicas sobre etnografia coletiva, estão de acordo com o observado pela autora e o autor. Ainda destacam que há um risco de reduzirmos essa prática a “um conjunto de métodos” (2016, p.2).

Primeiramente no texto, Jirón e Imilan definem que a etnografia é “um método de investigação flexível que permite gerar múltiplos registros de descrições e análises” (2016, p.2). Partindo desta concepção e em defesa da etnografia coletiva é dito que,

O desafio imposto pelo uso renovado da etnografia nos estudos urbanos é gerar conhecimento além da esfera microssocial do bairro ou práticas localizáveis. O desafio na área de mobilidade é o uso da etnografia para abordar a espacialidade das práticas cotidianas que ocorrem em mobilidade e, neste contexto, a experiência de um único pesquisador concentrado em longas horas o trabalho de campo mostra suas limitações (JIRÓN; IMILAN, 2016, p.5, tradução minha).

Mais adiante, para fundamentar sua explicação, complementam: “Isso implica que a observação etnográfica é comprimida em termos temporários; diminui a duração da jornada de trabalho de campo, mas aumenta sua intensidade” (JIRÓN; IMILAN, 2016, p. 5). Desta forma, para eles a etnografia coletiva vem como uma possibilidade não apenas de abranger o fenômeno urbano em sua maior complexibilidade, mas também como uma forma de utilizar e tratar dos dados de campo de forma mais rápida.

Como em todo trabalho de campo, a produção de dados é abundante; sem, no entanto, a intensidade em seu registro a partir de uma perspectiva multidisciplinar aumenta a complexidade no seu tratamento. De fato, nossa proposta é que esse desafio exige pensar em estratégias coletivas da prática etnográfica, que deve ser incorporada, aprender coletivamente como e o que olhar, e assimilar em pouco tempo como usar seu próprio corpo para acompanhar as práticas diárias das pessoas que participam da pesquisa. (JIRÓN; IMILAN, 2016, p.5, tradução minha)

A partir do que evidenciamos até aqui e das minhas experiências, gostaria de definir o que entendo por etnografia coletiva. Importante ressaltar que me pauto principalmente nas considerações feitas por Paola Jirón em seus textos. Apesar de compreender de uma forma diferente essa produção massiva de dados etnográficos, pois acredito que a produção em coletivo se opõe a essa regra produtivista, e que não podemos nos deixar levar por uma necessidade (que talvez ainda seja uma herança

dos primórdios da disciplina) massiva de recolher dados. Como é apontado no próprio texto, pode-se chegar em um momento em que estes dados não estão sendo tratados e acabam por virar informações agrupadas que nunca virão a ser conhecimento antropológico.

Para defender minha concepção do que é uma etnografia coletiva trago o relato de uma integrante do *Margens*, sobre como essa perspectiva múltipla fortifica a forma como os fenômenos observados em coletivo tem potencialidades interessantes para o resultado do trabalho:

*“Somos muitos e de diversos cursos e vivências, isso contribui muito para que tudo fique muito completo, cada coisa é vista dentro do curso de diversas formas, sob diversas referências e aspectos. Enriquece muito o trabalho.”*  
(Alice Conceição, Caderno de Campo, 2020).

A partir dessa conjunção que entendo que acontece a etnografia coletiva. Uma etnografia feita por diferentes pessoas, de forma que possibilita olhar a cidade e os fenômenos urbanos a partir de perspectivas diversas. E, é desta etnografia coletiva que acredito ser possível a produção do que Peirano chamou de “uma boa etnografia”, ela assinala três condições que juntas configuram uma etnografia como boa:

i) consideram a *comunicação no contexto da situação*; ii) transformam, de maneira feliz, para a linguagem escrita o que foi vivo e intenso na pesquisa de campo, *transformando experiência em texto*; e, iii) detectam a *eficácia social das ações de forma analítica* (PEIRANO, 2014, p. 386, grifo meu.).

Mas, a etnografia coletiva não acontece só quando as pessoas produzem sua pesquisa e trazem à tona dados investigados no coletivo. Ela é o processo de fazer *junto*, quando saberes e experiências pessoais se encontram. Para Jirón e Imilan,

As múltiplas experiências etnográficas são fonte para definir novas perguntas para a investigação. Procedimentos de registro e representação etnográfica devem ser contidos em processo metodológico que permite um intercâmbio multidisciplinar durante toda a investigação (JIRÓN; IMILAN, 2016, p.6. Tradução minha).

Nesse sentido, proponho pensar o processo de criar ideias de Ingold (2016). O autor diz que a experiência está ligada à criatividade, como um processo que não tem um ponto de início e nem final. Um processo de criar ideias que se dá de forma coletiva, síncrona e sobreposta. Para o autor, as ideias não surgem de repente, elas vêm de uma linha de raciocínio social, como uma acumulação das experiências após a criatividade, essas experiências são passadas de pessoa para pessoa. A criatividade se atrela à experiência e assim acontece a aprendizagem sobre a ideia

criada. O processo de experienciar é o que ensina, se aprendendo na prática (INGOLD, 2016).

A etnografia coletiva se torna um processo contínuo, onde experiências estão sempre a se encontrar e, assim, geram novas perguntas, diferentes respostas e trazem à tona novas possibilidades de ser e de fazer pesquisa - e cidade.

Unindo os momentos estratégicos da etnografia com a experiência, a partir de Bondia (2002), “educamos nossa atenção” (INGOLD, 2020) pois, é na sensibilidade de Olhar e Ouvir, que potencializamos nossas capacidades etnográficas.

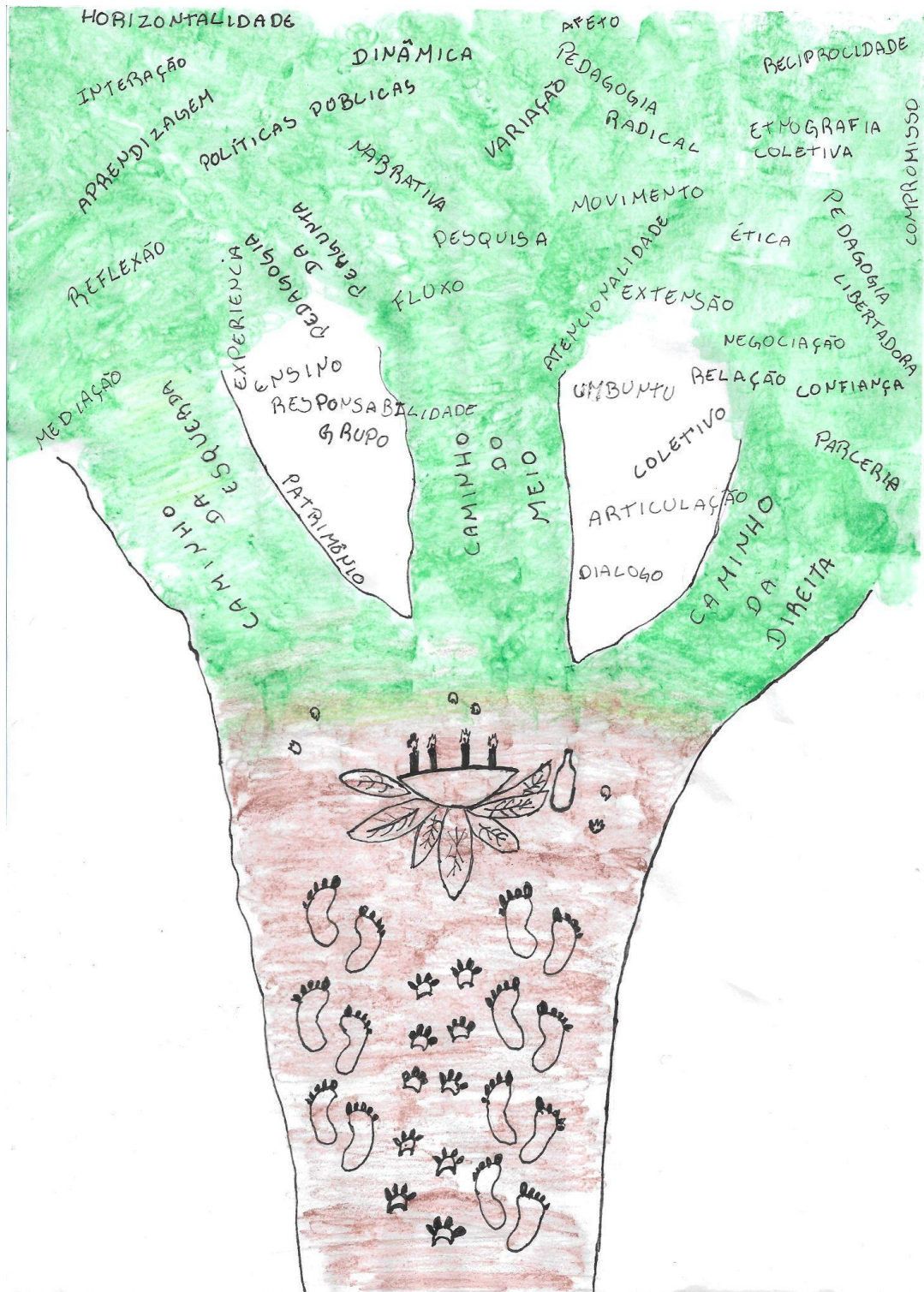
O processo de experienciar as narrativas a partir do entrelaçamento etnografia-trabalho coletivo, dá vez ao que Ingold (2020) propõe sobre a antropologia ser educacional ao estudarmos *com o outro* e não *o outro*, em um processo de encontro de saberes entre estudantes, docentes e comunidades.

Para bell hooks (2020, p. 22) “a voz engajada não pode ser fixa e absoluta. Deve estar sempre mudando, sempre em diálogo com um mundo fora dela”. Sendo assim, não se trata apenas de trabalhar vendo *o outro*, enquanto aquele a ser Ouvido e Transcrito para um papel e assim *fazer* o conhecimento antropológico. Mas, se trata, nas palavras de Ingold “sobre exposição em vez de imunização”, é sobre “prática participativa” onde nós também podemos ser *o outro*, fazendo uma educação democrática onde se produz a diferença.

Como vimos, cada grupo faz etnografia coletiva de uma forma, bem como cada indivíduo faz a sua, mas compreendo que é a partir de uma etnografia coletiva feita através da extensão que podemos encontrar novas respostas para o futuro da disciplina.

Assim, convido vocês a conhecerem como o *Margens* produz etnografia coletiva.

## 5. ENCRUZILHADA



E assim, chego até a encruzilhada que bifurca em três.

-Lucas Kruger (2017, p.36)

## 5.1 ***Caminho da Esquerda***

Agora vamos seguir adiante o nosso trajeto por outra rua. Vamos pelo *Caminho da Esquerda*. Convido vocês a lembrarem comigo minha primeira exposição.

Ela aconteceu no chamado de Casarão 2, prédio que compõe o conjunto arquitetônico do Centro Histórico da cidade e que é sede da Secretaria Cultural de Pelotas (SECULT). No dia 18 de agosto de 2017, foi o dia da montagem dos módulos para a exposição do *Dia do Patrimônio* de Pelotas.

Em 2017 o evento ocorreu entre os dias 18, 19 e 20 com o tema *Territórios daqui: identidades e pertencimento*. O *Margens* foi convidado pela Prefeitura para participar das comemorações oficiais do evento, com a exposição *Margens: diferentes formas de habitar Pelotas*.

Em geral, a exposição tinha por objetivo apresentar ao público visitante uma outra Pelotas, que é construída na constante dinâmica margem e centro, mostrar que para alguns grupos que habitam a cidade, por vezes, os Casarões, Charqueadas e Doces Finos não os representam. Como também, mostrar ainda que existem outros patrimônios que contam parte da história de Pelotas e que não são considerados nas narrativas oficiais.

Retornando para o dia da montagem.... Ao chegar nosso grupo é direcionado pela coordenadora do projeto para o canto do salão, onde será montado o módulo do *Projeto de Extensão Mapeando a Noite*, o qual somos responsáveis. Sem pestanejar já começamos a caminhar atrás de suportes, como mesas e cadeiras que possam ser usados para apoio dos objetos.



Figura 9 – Primeiro dia da Exposição Margens: diferentes formas de habitar Pelotas.  
Fonte: Acervo *Margens*, 2017.

Das mochilas saltam perucas, saltos, maquiagens, roupas de paetê, bandeira LGBTQIA+ e já se inicia uma dinâmica de organização e o módulo começa a tomar forma, uma espécie de camarim surge no meio do salão do Casarão Histórico.

Evidenciamos, explicitamente, as expressões de curiosidade estampadas na face de quem entrava no Casarão 2. As/os visitantes não encontravam as narrativas sobre o casarão e sobre as famílias tradicionais Pelotenses que esperavam encontrar, seguindo a dinâmica dos anos anteriores do evento. Neste casarão, outros passados passaram a ser visibilizados pela exposição (CARDOSO *et al.*, 2017, p.16)

Todos os objetos expostos no módulo da exposição foram selecionados por serem destacados, pelas Travestis e mulheres Trans, como importantes e representativos de suas vivências. Foi utilizado um espelho sobre uma mesa que estava repleta de maquiagens e acessórios (brincos, colares etc.). Com a ajuda de cabides e uma arara pendurou-se perucas e outras peças de vestuário destacadas por elas como utensílios de seus cotidianos, objetos que as representam. Com estes mesmos utensílios vestiu-se uma manequim, à qual teve papel fundamental, sendo a partir dela que visitantes criaram uma interação com o módulo, após conversar com o público era proposto uma espécie de “batismo” (DUARTE JUNIOR, 2017, p.249). Interação esta que não era uma proposta da curadoria, mas que foi possível pela forma como a exposição foi montada de maneira a privilegiar o diálogo, a interação entre público, mediação e coisas.

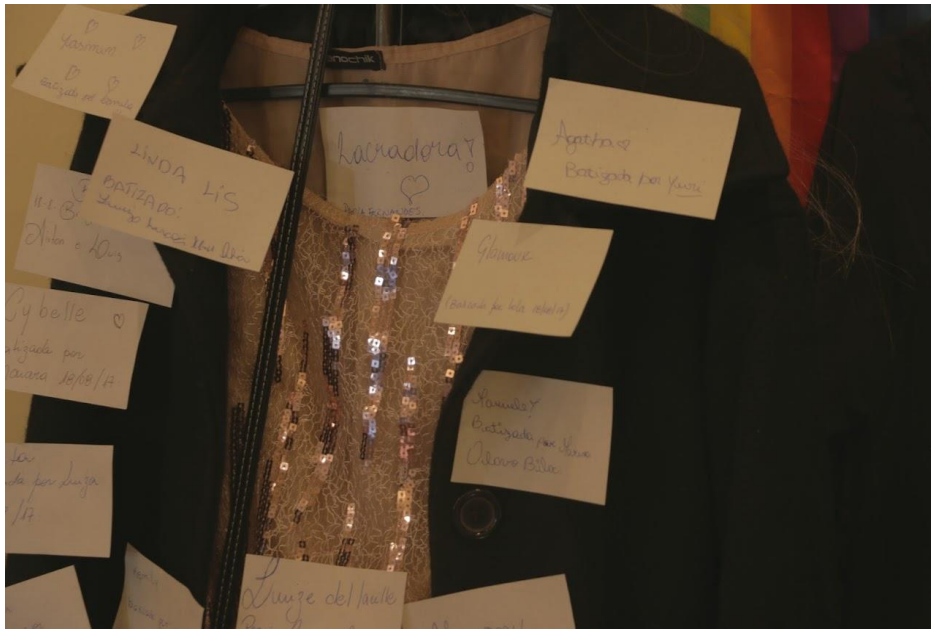


Figura 10 – Post its na manequim do módulo do projeto *Mapeando a Noite*.  
Fonte: Acervo Margens, 2017.



Figura 11 – Módulo do projeto *Mapeando a Noite* na Exposição.  
Fonte: Acervo Margens, 2017.

A interação com o público se deu a partir da Pedagogia da Pergunta de Paulo Freire (1985), que é voltada para uma prática reflexiva que propõe a formação do desenvolvimento crítico, possibilitando um processo de aprendizagem autônomo, onde a própria pessoa vai concebendo as suas ideias, a partir do que ela não sabe, será a partir da prática do “perguntando-respondendo pesquisando” que a pessoa vai

“tecendo o conhecimento” (COSTA, 2013, p. 463). “Então, parece-nos que a pergunta é precedida do desassossego, pois é a inquietude do não saber que nos remeterá às perguntas” (COSTA, 2013, p. 463)

Ou seja, todos os módulos da exposição e nos *banners* dispostos em cada módulo com perguntas tiveram a intenção de iniciar um debate direto com o público e instigar uma reflexão crítica.<sup>18</sup>

Pensamos em perguntas que pudessem instigar as pessoas a contarem suas próprias histórias como um caminho que possibilitasse a identificação com as realidades dos grupos representados na exposição, por meio de suas coisas e narrativas. [...] Estes espaços foram estabelecidos com o objetivo de que, tanto as perguntas escritas, como os próprios diálogos, lhes motivassem a expressar, da forma como preferissem, o que é patrimônio para eles/as. (COSTA, 2020, p. 120)

Uma forma também de entender o que cada grupo visitante entendia daquelas comunidades e temas, bem como as diferentes formas de habitar a cidade de Pelotas que ali não estavam sendo abarcadas, mas que poderiam vir a ser nas próximas exposições.

Foi criado um espaço de intervenção, com as perguntas em cartazes “Qual Pelotas tu conhece?” e “Qual tu não conhece?”, “Como as tuas histórias se misturam com as histórias da cidade?”; “Quais são teus lugares preferidos na cidade?”, “E pra ti como é viver em Pelotas?”. O público respondia em *post its* (Figura 12), e assim ficavam à vontade para responder o que quisessem, as pessoas trouxeram à tona outras formas de fazer Pelotas, que ali não foi possível dar conta de representar (pois é impossível) e de construí-la através de outros cotidianos.

---

<sup>18</sup> Para mais detalhes sobre a dinâmica do módulo ver COSTA, 2020.

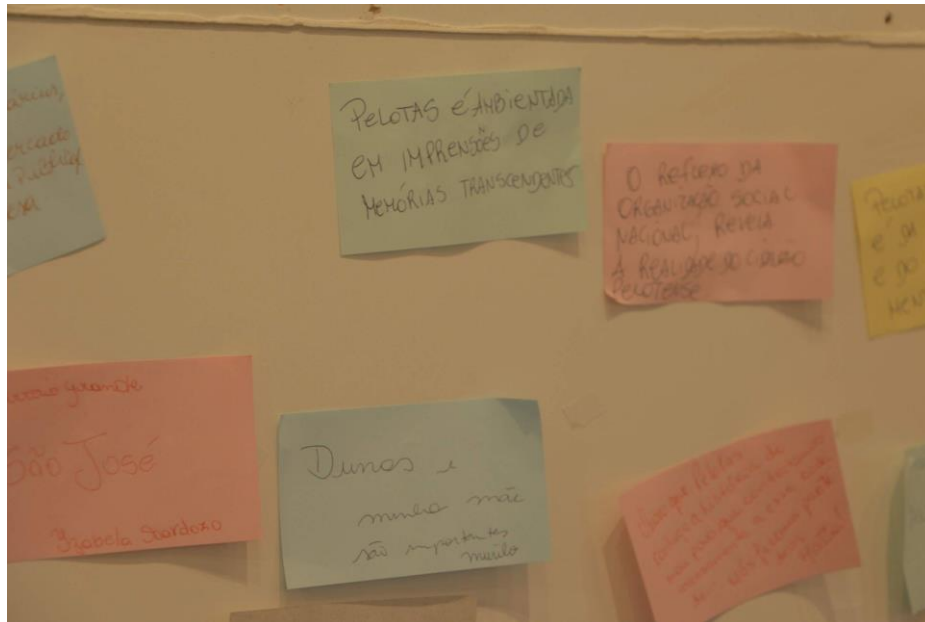


Figura 12 – Post its com recados do público visitante.  
 Fonte: Acervo Margens, 2017.

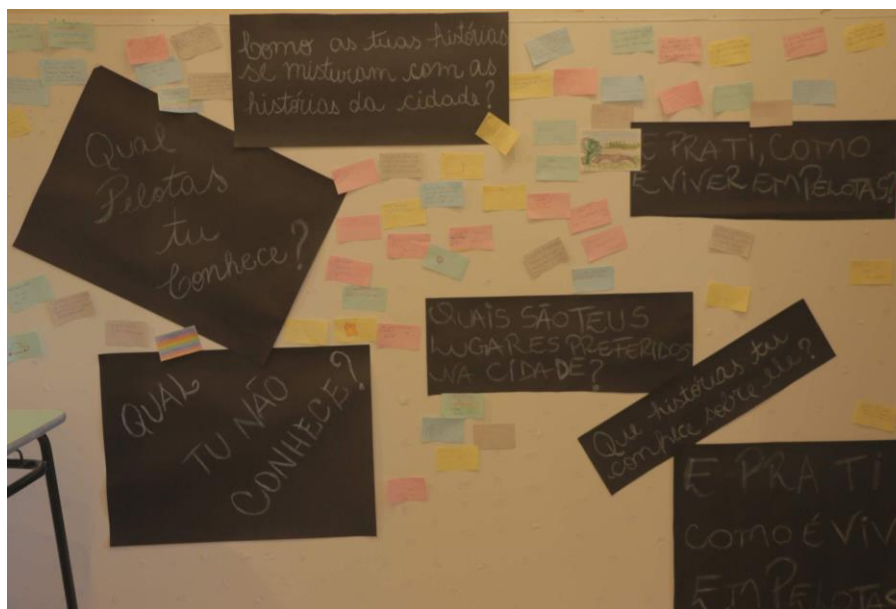


Figura 13 – Cartazes com as perguntas aos visitantes  
 Fonte: Acervo Margens, 2017.

As exposições do *Margens* se mostram em consonância com a Nova Museologia, que é definida por alguns princípios básicos.

[...]uma ação museológica que considera o *sistema lingüístico empregado pelas comunidades*, reconhece que o ser humano move-se em um mundo

essencialmente simbólico e compreende, também, que o cotidiano não é apenas um resíduo. A vida cotidiana passa a ser considerada entre as múltiplas realidades, como “a realidade por excelência”, que não se esgota na presença imediata, mas abarca fenômenos que não estão presentes “aqui e agora”, o que significa que a experimentamos em diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporal. A cultura e a identidade serão consideradas, pois, fenômenos construídos e reconstruídos em processos de interação, em “um jogo diferenciador”, construtivo, dinâmico, concretizado na dinâmica do dia-a-dia. O conhecimento da nossa cultura passa, portanto, inevitavelmente, pelo conhecimento de outras; a nossa cultura será uma cultura possível, dentre tantas outras (SANTOS, 2002, p.18).

Como demonstrado nas figuras acima, a linguagem empregada nas perguntas dos cartazes foi informal, utilizando, pronomes possessivos “teu” e “tu” para se referir às pessoas que estavam lendo, como é comumente falado no Rio Grande do Sul. As narrativas contadas nos módulos não representavam um passado estático e indiscutível, como é habitualmente visto em Museus, os módulos se (re)formulavam a cada interação do público com as pessoas que mediavam. Não se tratava de um lugar em que as pessoas iriam ouvir histórias de um passado longínquo, mas era um espaço que era construído com os saberes das pessoas que fazem a cidade, assim são narrativas espiraladas entre o passado e o presente.

Se torna um espaço de “educação não formal, onde se dá o empoderamento de identidades locais, por meio da construção de memórias e de história local” (ARAÚJO, 2017, p. 2). Realizando o processo de estudar *com o Outro* e não *o Outro*, por uma prática participativa.



Figura 14 – Exposição *Margens: Diferentes formas de habitar Pelotas*.  
Fonte: Acervo *Margens*, 2017.

Apesar de não ter participado da mediação durante os dias da exposição, sexta, sábado e domingo, participei da curadoria, montagem, do processo de planejamento de cada módulo, das reuniões onde uma equipe multidisciplinar se sentava ao redor de duas mesas redondas e discutia por uma ou duas horas cada detalhe da ação.

Gordon *et al.* (2006) explicam como foi o processo de reuniões da etnografia coletiva que realizaram, onde também foi um momento de preparação pré-campo e de debate sobre o campo após o campo.

As reuniões do projeto tiveram funções diferentes durante os diferentes períodos do processo da pesquisa. Nas primeiras reuniões traçamos o projeto e comentamos sobre os planos de cada um. Antes de ir para o campo, nos preparamos para a etnografia coletiva. Uma vez que estávamos no campo, a vida social das escolas foi absorvida, e nós queríamos nos reunir para reflexões conjuntas. Interpretações foram discutidas em encontros em campo. Também escrevemos notas sobre nossos esforços para nos distanciarmos campo (GORDON *et al.*, 2006, p.5. Tradução minha.).

As reuniões de todos os projetos vinculados ao *Margens* são momentos em que as ações são organizadas, mas que são constantemente vinculadas aos debates teóricos que acontecem em sala de aula, em bancas de TCCs, qualificações e defesas de mestrado e doutorado. Bem como, as ações entram para estes mesmos “espaços” como parte das etnografias individuais. Assim, as reuniões-ações-sala de aula estão em constante retroalimentação. Como Newan Souza explica em seu relato “A presença da pesquisa e da extensão nessas dinâmicas de aprendizado coletivo se refazem a todo instante ao pesquisarmos sobre as comunidades, pensarmos os conteúdos para e com estas pessoas” (Newan Souza, Caderno de Campo, 2020).

Gordon *et al.* (2006) ainda descrevem como as reuniões do projeto aconteciam

As reuniões do nosso projeto aconteceram em locais agradáveis como casas, jardins e restaurantes. Usamos o que chamamos de metodologia divertida; enquanto trabalhamos seriamente, nós gostávamos da companhia um do outro, rimos e éramos alegres, sem falar da boa comida e bebida (GORDON *et al.*, 2006, p.6, tradução minha.)

As reuniões dos projetos vinculados ao *Margens* aconteciam da seguinte forma, durante os tempos presenciais os projetos *Mapeando a Noite* e *Terra de Santo* tinham suas reuniões intercaladas, cada uma acontecia quinzenalmente às terças-feiras, às 17 horas e as reuniões do projeto *Passo dos Negros* aconteciam todas as semanas, nas quartas-feiras, às 10 horas, ou as 9 horas dependendo da necessidade.

Os encontros eram sempre na sala do GEEUR, grafitada e colorida por fora e cheia de cartazes, frases, trabalhos, *banners* e livros em seu interior. E a presença aromática de incensos e café passado.

Apesar de parecer uma sala pequena quando estavam presentes todas as pessoas da equipe, era um lugar acolhedor, estar lá era um grande prazer. Durante a organização de atividades como essa exposição, as vozes se sobrepunham e a coordenadora, por vezes, precisava aumentar o tom e pedir silêncio e a ordem era retomada para que todas as pessoas pudessem falar e serem ouvidas.

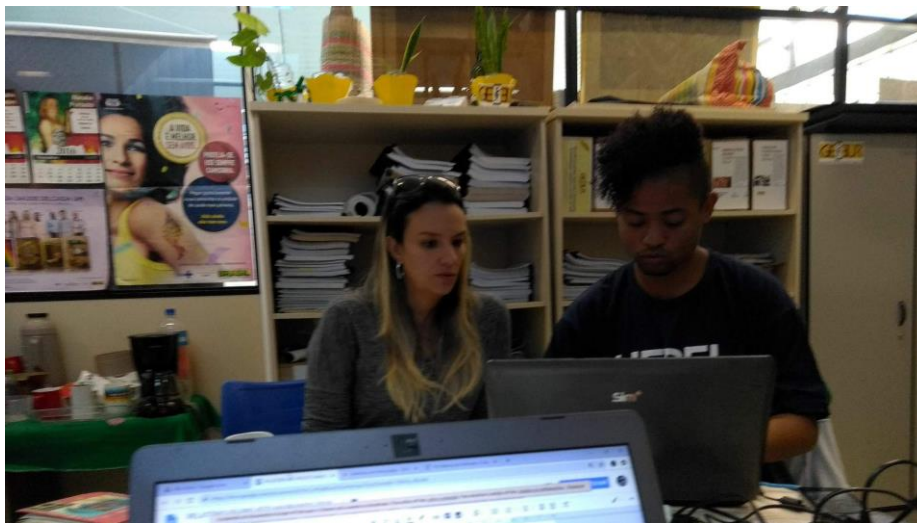


Figura 15 – Sala do GEEUR durante reunião para escrita de relatórios.  
Fonte: Acervo Pessoal, 2018.

Assim, o trato no escutar, no calar e dar atenção à outras pessoas, o respeito às vivências das demais estava sempre presente, independente da pauta, fosse os textos que estariam nos *banners* dos módulos, seja em quem iria levar uma peruca, até a explicação teórica e metodológica que há por trás de cada escolha. Tudo era feito com calma, dava-se atenção aos detalhes e às vivências de quem fosse que estivesse presente.

bell hooks (2017) em “Ensinando a Transgredir”, fala sobre a necessidade de se instituir locais de formação que apliquem uma pedagogia radical, libertadora e democrática às comunidades de aprendizado. Foi isso que vi na prática extensionista do *Margens*, um espaço que aplica uma pedagogia radical e libertadora, de forma democrática e transgressora. Aquele espaço, a ideia de “grupo *margens*” que é composta também pelas comunidades e grupos vinculados, forma uma comunidade de aprendizado.

[...] qualquer pedagogia radical precisa insistir em que a presença de todos seja reconhecida e não basta simplesmente afirmar essa insistência. É preciso demonstrá-la por meio de práticas pedagógicas. Para começar, o professor precisa valorizar de verdade a presença de cada um. Precisa reconhecer permanentemente que todos influenciam a dinâmica da sala de aula, que todos contribuem. Essas contribuições são recursos. Usadas de modo construtivo, elas promovem a capacidade de qualquer turma de criar uma comunidade aberta de aprendizado (hooks, 2017; p. 18).

Foi nessa dinâmica que entendi que o processo de ensino-aprendizado não precisa ser duro, maçante ou quadrado. No *Margens* a experiência individual é valorizada e o processo de aprender é horizontal. Como Alessandra comenta em seu relato “[...] neste dia todos perguntaram a minha percepção sobre a proposta da exposição, eu participei com minha opinião e me senti realmente parte do grupo.” (Alessandra Ardui, *Caderno de Campo*, 2020)

Durante a exposição, esse processo não aparece apenas na forma como ela foi montada, mas em como ela se reconstrói a partir das intervenções de visitantes, como por exemplo na dinâmica do “batismo” da manequim exposta, os nomes que apareciam eram de filhas ou amigas de pessoas que estavam visitando e resolveram fazer homenagens a pessoas conhecidas. Assim, as narrativas desses nomes passam a compor os relatos de mediação.

Os encontros entre público e pessoas mediadoras foram construindo o módulo e a exposição em geral. Bem como transformando tanto quem estava mediando, quanto quem passava por ali e deixava seus recados.

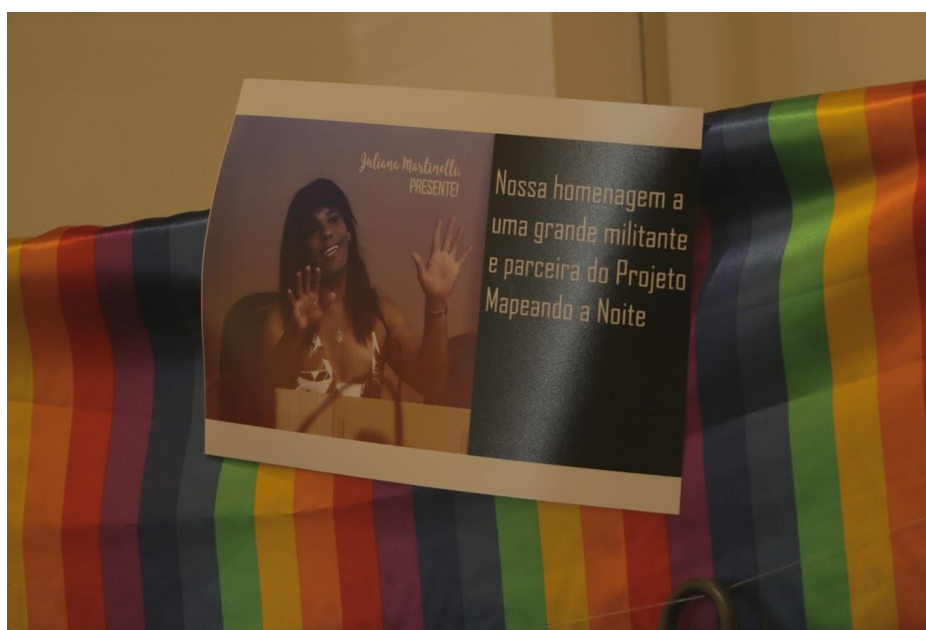


Figura 16 – Módulo *Mapeando a Noite* com homenagem a Juju Martineli  
Fonte: Acervo *Margens*, 2017.



Figura 17 – Módulo do *Mapeando a Noite* com banner de Brenda Lee.  
Fonte: Acervo *Margens*, 2017.

Outras pessoas viram a possibilidade de terem narrativas visibilizadas e legitimadas a partir do que ali estava se construindo, como por exemplo, quando um funcionário da SECULT ao ver o módulo e o cartaz com a foto e homenagem para Juju Martinelli, interlocutora do projeto que havia falecido naquele ano, pergunta se poderia trazer um *banner* da Brenda Lee, mulher trans que foi brutalmente assassinada em Pelotas, para compor o módulo.

Após levar o *banner* da Brenda Lee para agregar ao módulo, a narrativa de vida dela começou a ser contada,

O cartaz passou a fazer parte do módulo lembrando esta Transexual que foi assassinada e teve sua morte negligenciada pelas autoridades, referência na luta pelos direitos LGBTs. Ela foi assassinada sem qualquer tipo de defesa física. Ela era uma figura carismática e popular na cidade, por anos rainha dos blocos e escolas de samba, foi candidata a vereadora e estava para se formar em Psicologia pela UCPEL quando ocorreu o crime (CARDOSO *et al.*, 2017, p. 15).

O que abriu possibilidade para que outras pessoas se sentissem à vontade de compartilharem suas histórias, seja de parentes ou amigas/os. Mas, nem sempre esse processo de mediação era “fácil”, nem todas as pessoas que por ali passavam estavam abertas ao diálogo, como descrito por Cardoso *et al.* mais acima, era visível as expressões estampadas na face das pessoas que entravam no Casarão e não

viam quadros, camas antigas, objetos da época do Charque etc. Ao longo dos três dias de exposição forma dezenas de comentários negativos,

Houveram pais que bloquearam a visão de seus filhos para que não tivessem contato com o módulo. Uma menina falou para o pai: “faltou aquele”, apontando para o canto da exposição onde estávamos, o pai respondeu “aquele não é para você” (CARDOSO *et al.*, 2017, p. 16)

Observamos uma grande quantidade de comentários negativos advindos em relação às crianças terem contato com o módulo, um outro caso que chamou a atenção foi,

Durante a visitação de uma escola, os mediadores perguntaram se alguém queria se maquiar ou experimentar alguns dos objetos do módulo, rapidamente um aluno demonstrou interesse em se maquiar, a professora tentou impedir que o aluno tivesse contato com as maquiagens expostas, alegando que ele não teria a autorização dos pais para tanto. Cabe ressaltar, que várias meninas puderam usar maquiagens e experimentar objetos como perucas e saltos sem qualquer autorização dos pais. (CARDOSO *et al.*, 2017, p. 16).

Esses casos negativos também entram para debate, pois se tornam dados de extrema relevância, neste contexto, demonstraram a importância da continuidade de ações como as exposições e a continuidade de se dialogar sobre as vivências de pessoas LGBTQIA+ na cidade. O relato de Duarte Júnior mostra como o público visitante também deu destaque para que essas ações sigam acontecendo.

Ao término de toda a interação, um professor responsável pela escola nos relatou que, como docente, tinha o compromisso de levar à instituição de ensino todos os assuntos, principalmente sobre sexualidade e gênero. Falou que há um índice elevado de evasão escolar na cidade de alunas (os) que sofrem com a falta de aceitação da família e sociedade, as (os) quais acabam por buscar nas ruas um modo de sobrevivência. Contou-nos que dois ex-alunos da escola estavam em Pelotas trabalhando nas ruas com prostituição (DUARTE JUNIOR *et al.*, 2017, p. 248).

Isso demonstrou a importância desses debates vinculados a questões LGBTQIA+, assim desde então ocorreram diversas ações do projeto que envolvem a formação de professores/as/us e futuros/as/es professores/as/us. Foi uma forma que o projeto encontrou, de compartilhar conhecimento a partir da expansão e variação.

Ingold ao falar sobre os processos de ensino e aprendizado na educação básica distingue variação e transmissão, defendendo que só existe crescimento a partir da variação e que “não pode haver variação sem coparticipação em um ambiente social compartilhado” (INGOLD, 2020, p. 21). Trata-se de uma consciência de todas as pessoas envolvidas no processo de produção de conhecimento de que

para haver potência na ação, deve haver entrega e compartilhamento, variação de/nos saberes.

“Não pode haver movimento, crescimento ou vida no compartilhamento da experiência, a menos que haja variação no que cada participante traz para ela” (INGOLD, 2020, p. 21). Essa variação acontece no contato com o *Outro*, que, como vimos, não é apenas interlocutor/a mas é também parceiro/a das ações.

Essa variação, a maneira de aprender com o *outro*, está presente, também, quando um colega do grupo tem a oportunidade de ouvir uma colega de outra área apresentar aquele mesmo tema sob outra perspectiva, como mostra Conceição em seu relato.

*“Eu já havia trabalhado em equipe antes, mas em geral, uma equipe de arqueólogos. Uma equipe tão diversa contribui muito para o trabalho em grupo e também reflete nas nossas pesquisas individuais, hoje eu já penso o meu trabalho com referências de outros colegas”* (Alice Conceição, Caderno de Campo, 2020).

Isso também é latente nas escritas de trabalhos acadêmicos produzidos pela equipe, como por exemplo nos trabalhos escritos para a Semana Integrada de Inovação Ensino, Pesquisa e Extensão (SIIEPE), Congresso em que bolsistas de extensão, pesquisa e pós-graduação são obrigados a apresentar. No ano de 2017, apenas para o Congresso de Extensão e Cultura, evento integrado ao SIIEPE, foram sete trabalhos apresentados no total e, destes, seis foram escritos em coletivo, momento em que colegas de graduação e pós-graduação, de diferentes cursos se sentam, conversam, debatem teorias e relembram sobre as ações e escrevem em coletivo. É neste ouvir colegas que também está situada uma prática pedagógica radical, onde colegas aprendem juntas, no encontro dos saberes e na variação, praticando a atenção com o *outro*, valorizando e respeitando todos os saberes. Paulo Freire resume, “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém” (FREIRE, 2021a, p. 25).



Figura 18 – Encontro de bolsistas para a escrita do SIEEPE em coletivo.  
Fonte: Acervo Pessoal, 2019.

Aqui caminhamos por uma exposição do *Margens*, com foco no módulo do Projeto de extensão *Mapeando a Noite*, contudo, poderíamos ter visto sobre qualquer outra das ações desenvolvidas pelo projeto, tendo em vista que elas seguem os mesmos pressupostos, apenas se adaptando ao contexto das realidades apresentadas.

## 5.2 Caminho do Meio

*“Me senti abraçada. Percebo a premissa Ubuntu ‘sou porque somos’ no grupo de maneira fortíssima e me sinto não apenas com voz ativa no projeto, mas também querida, respeitada...”* (Ingrid Santana, Caderno de Campo, 2020)

Agora vamos seguir nosso trajeto, o segundo caminho. Este será o *Caminho do Meio*.

Quando Ingold (2020) fala sobre aprender na atencionalidade do caminhar, descreve que o conhecimento é como uma paisagem, não tem fim e não tem começo, ela continua e continua. Vejo que é nas ações extensionistas que se cria um espaço para essa criação contínua de conhecimento. Um processo de coparticipação, uma “correspondência aos outros - respondendo a eles, não no recebimento do que é transmitido” (INGOLD, 2020, p. 21), que se continua a produzir conhecimento

Quando eu comecei a participar dos projetos tinha algum, pouco, mas algum conhecimento sobre as temáticas vinculadas aos projetos, mas ao fazer junto de meus/minhas colegas a paisagem se expandiu. Foi o que aconteceu participando do projeto *Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas*. E, como veremos, é a partir da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão que essa capacidade de expansão aumenta.

Nosso caminho começa lá em 2018, quando a coordenadora dos projetos, Louise Prado Alfonso, ministrou uma disciplina conjunta (graduação e pós-graduação), para a pós-graduação com o título “*Tópicos Especiais em Antropologia e Arqueologia- Cidades e suas Margens: Trajetos, Percursos e Mapas*” e para a graduação sobre o título “*Seminários Especiais em Antropologia*”. Durante as aulas a professora sempre buscava trazer exemplos práticos para tratar das teorias e conceitos lidos, de forma também a instigar estudantes a trazerem suas vivências e exemplos de trabalhos desenvolvidos. Ao longo da disciplina a turma se dividiu em seis grupos para a realização do trabalho final, os temas foram relacionados aos projetos de extensão e ao que algumas pessoas gostariam de trabalhar, por se aproximar de suas pesquisas individuais ou por interesse pessoal, os temas gerais foram: Penitenciária, Religiões de Matrizes Africanas, Comunidade do Passo dos Negros, Pixações e Trabalho Sexual.

O grupo que tratou do tema “Religiões de Matrizes Africanas” foi formado por alunos do Bacharelado em Antropologia que não participavam dos projetos vinculados ao *Margens* e não eram de Religiões de Matrizes Africanas. A partir de saídas de campo e conversas com donos de lojas de artigos religiosos, o grupo elaborou uma cartografia, onde observaram o fluxo de clientes e de produtos de quatro lojas do centro da cidade, apontando em como a cidade era toda cruzada pelo deslocamento das pessoas e coisas religiosas, que após comprar os materiais nas lojas se locomoviam para outros bairros da cidade.

Assim como este grupo fez, os outros também construíram cartografias a partir das temáticas selecionadas, que partiram das compreensões dos textos debatidos em sala de aula e foram aplicados no contexto possível de cada temática, as cartografias tiveram variados formatos, digitais, colagens, desenhadas em cartolina ou até mesmo no quadro da sala de aula durante a apresentação. Cada grupo produziu as cartografias conforme seus conhecimentos e dentro de suas possibilidades.

Por exemplo, o grupo em que eu fazia parte, sobre as trabalhadoras sexuais travestis, onde produzimos uma cartografia desenhada a mão em lápis colorido, pois foi a forma que todas as pessoas do grupo acharam em comum e assim o trabalho seria dividido igualmente para cada. Esta cartografia produziu importantes reflexões que foram serviram de dados para a dissertação de mestrado de Vanessa Avila Costa (2020). Outra cartografia que gerou importante dados foi a referente ao Passo dos Negros, que virou tema na dissertação de mestrado de Melina Monks da Silveira (2020).

Sevaio e Alfonso (2018), em uma reflexão sobre esta disciplina, dizem que a integração é um ponto chave que atravessa as experiências que foram possibilitadas pela disciplina.

A troca de saberes permeou, nesse sentido, os diversos arranjos de relações estabelecidas ao longo do semestre. Estando presente nos entremeios da graduação com a pós-graduação, dos/das interlocutores/interlocutoras com o GEEUR, do ensino-pesquisa-extensão na sala-de-aula e fora dela, o cruzamento de experiências foi norteador da experiência aqui partilhada (SEVAIO; ALFONSO, 2018, p. 4).

Após a apresentação dos trabalhos finais na disciplina, a professora levou a cartografia feita sobre as lojas de produtos religiosos para debate na reunião quinzenal do *Projeto Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas*.

Antes de seguirmos esta narrativa tenho que fazer uma observação importante. No início do Projeto para a escrita do Dossiê de patrimonialização da CBTT, o dirigente espiritual da Casa, Paulo de Xangô, formado no Bacharelado em Artes pela UFPel e Técnico Administrativo da Universidade passou a participar do projeto como interlocutor. A partir dessa aproximação com o grupo, Paulo retorna para os estudos acadêmicos e presta prova para o Mestrado em Antropologia no PPGAnt/UFPel, foi aprovado e então passa a fazer parte do *Margens* não mais como interlocutor, mas como antropólogo em formação.



Figura 19 – Roda de conversa do projeto *Terra de Santo* no evento *Cidades em Transe*, 2017.  
**Fonte:** Acervo Margens, 2017.

Foi a partir do debate dos trajetos entre coisas e pessoas realizado pelos/as/us estudantes da disciplina, que não eram de Terreiros, que o tema de Paulo se constrói. E, assim em sua dissertação desenvolveu uma

autoetnografia religiosa, onde a ancestralidade de um povo negro territorializando um espaço que reivindica como também seu e, através de passeios mostra sua inserção, com ritos de Matriz Africana, percorrendo locais simbólicos dentro de um espaço urbano. Assim, trazendo consigo sua religiosidade diante outras dominantes, mostrando que ao caminhar (passear) pelo mercado, praia, Igreja, cruzeiros, matas, cachoeiras fazem parte da oferta espiritual (FREITAS, 2019, p. 4)

Dentre as investigações, ele se amparou no debate iniciado na disciplina sobre a realização da cartografia para pensar/visualizar os fluxos de pessoas e coisas religiosas pela cidade. Mas Paulo faz um recorte específico, o movimento que pessoas Religiosas de Matrizes Africanas fazem na cidade ao se deslocarem para a realização do passeio.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> O passeio é um percurso ritualístico realizado pelas/os filhas/os de Santo, que passam por três lugares da cidade: a Igreja, o Mercado Público e a Praia.

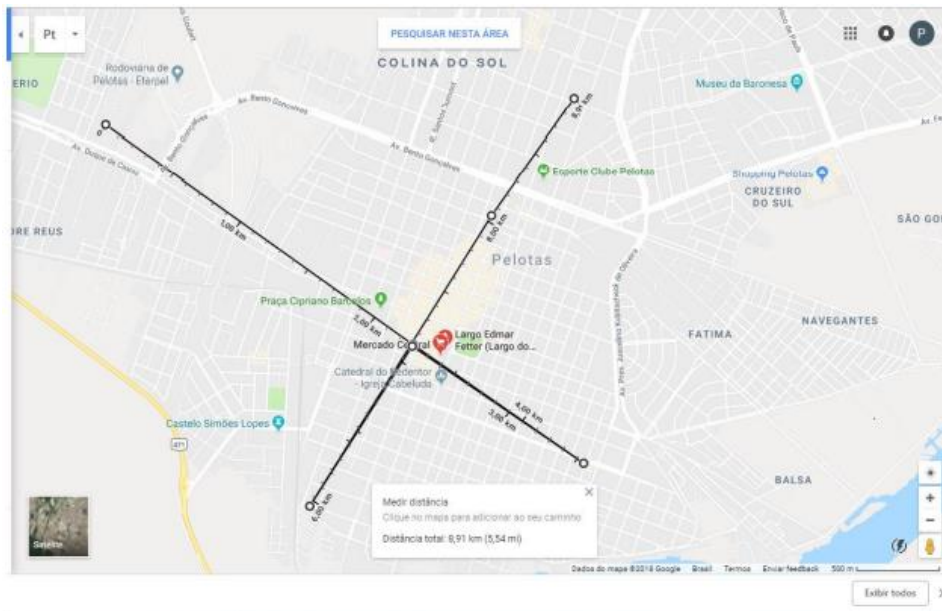


Figura 20 – Mapa territorial, a encruzilhada urbana da Cidade de Pelotas  
 Fonte: FREITAS, 2019.

Paulo apresentou sua dissertação em 2019, ano em que o Projeto *Terra de Santo* já havia entregado ao IPHAN o dossiê com o pedido de patrimonialização da CBTT. Após a entrega do dossiê, deu-se início ao mapeamento das Casas de Matrizes Africanas da cidade, conforme proposta do IPHAN. Estipula-se que Pelotas e Rio Grande sejam a segunda região do Brasil com o maior número de Terreiros, ultrapassando duas mil Casas apenas em Pelotas.



Figura 21 – Roda de conversa do projeto *Terra de Santo* no evento *Cidades em Transe*, 2017.  
Fonte: Acervo *Margens*, 2017.

Pelotas é uma cidade negra, que tem seu passado apagado a partir das estratégias de políticas patrimoniais (DOSSIÊ DE PEDIDO..., 2018; DOSSIÊ PELA PATRIMONIALIZAÇÃO..., 2018b). Que começam a ser utilizadas a fim de construir um ideal de nação brasileira que, naquele tempo, era representada por um ideal de país baseado no mito da democracia racial construído por autores como Gilberto Freyre (NOGUEIRA, 2018)

A cidade de Pelotas tem seu passado “europeu” reafirmado cotidianamente pelas charqueadas, casarões do centro histórico, o acervo arquitetônico e os doces finos, reconhecidos como patrimônio nacional, reforçam essas narrativas hegemônicas de construção da cidade (ALFONSO; RIETH, 2016).

Neste sentido, tanto o pedido de patrimonialização da CBTT, como o pedido de patrimonialização da comunidade do Passo dos Negros, como veremos mais a frente, e o mapeamento dos Terreiros se fazem de suma importância neste contexto. Eles se apresentam enquanto uma ferramenta de visibilidade dessas comunidades, nas próprias políticas públicas fundadas para suas invisibilizações (FERREIRA; ALFONSO, 2020).

Com isso o grupo se viu no compromisso de iniciar o mapeamento dos Terreiros da cidade, tendo como proposta um mapeamento não geográfico, mas que apontasse de forma quantitativa o enorme número de Terreiros existentes na cidade.

Depois de leituras e revisões bibliográficas sobre outros mapeamentos realizados no Brasil, o grupo deu início a saídas de campo e a um formulário online através da plataforma *Google Forms*, que foi divulgado em redes sociais do GEEUR e compartilhado no perfil pessoal de dezenas de pessoas, tanto do projeto quanto Religiosos que compreendiam a importância da ação (CASTRO *et al.*, 2019, p. 163-166).

Em 2019 o grupo obteve 27 preenchimentos no formulário. Já em 2020 com o início da pandemia de *Covid-19*, foi necessária uma reestruturação no formulário e foi possível coletar mais 35 respostas, unicamente através do *Google Forms*. Esses números podem parecer singelos, mas

Considerando que cada uma das duas mil Casas de Pelotas têm, pelo menos, mais de uma dezena de filhos/as de Santo e, que todas estas pessoas precisam realizar atividades e rituais pela cidade - ao exemplo dos rituais de iniciação do Batuque, onde é necessário realizar um trajeto por determinados pontos considerados Sagrados para estas Religiões/Culturas, como pelas praias, igrejas, pelo mercado e feiras, lojas, praças - percebe-se que a construção do Sagrado nos espaços cotidianos passa a ser multiplicada, consideravelmente, por cada indivíduo praticante (FERREIRA; SANTOS; ALFONSO, no prelo).

Assim, esses dados trazem à tona uma cidade que é vivida pelas Religiões de Matrizes Africanas, sendo indispensáveis para a construção cotidiana (WAGNER, 2012)

Ainda em processo de adaptação ao modelo virtual imposto pela pandemia, o grupo *Margens* decidiu que as ações dos projetos deveriam continuar, e com a aproximação das comemorações do *Dia do Patrimônio* de Pelotas, surgiu a ideia da elaboração de uma exposição virtual, que abarcasse os três projetos de extensão vinculados.

A equipe *Margens* começou a elaboração da *Exposição Digital Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas*. A exposição foi produzida em um site e dividida em módulos, intitulados, *Início; O que é Patrimônio?; Além da Noite; Além da Baronesa; Além das Charqueadas; Além da Materialidade; Além da Imaginação e Margens*. Pelos módulos/abas buscamos apresentar ao público, através do debate sobre patrimônio, diferentes grupos que habitam a cidade de Pelotas e que a constroem em seus cotidianos, a partir da narrativa de comunidades periféricas, comunidade LGBTQIA+, trabalhadoras sexuais,

comunidades negras, com suporte de fotos, vídeos, colagens, desenhos, músicas, mapas e cartografias (RELATÓRIO..., 2020).

Construiu-se através das abas da exposição uma outra cidade de Pelotas, contada a partir dos patrimônios, tanto os considerados nas narrativas oficiais como os que são invisibilizados.



Figura 22 – Captura de tela do site da Exposição Digital Patrimônios Invisibilizados: Para além dos Casarões, Quindins e Charqueadas.  
Fonte: MARGENS, 2020.

O projeto *Terra de Santo* foi contemplado na aba *Além da Materialidade*, que dividiu sua equipe em três pequenos grupos, cada um responsável pela elaboração de uma "sub aba". Sendo uma destas sub abas intitulada de *Pelos Trajetos*, que buscou, a partir da seleção de dezenove respostas daqueles formulários aplicados em 2020, para o mapeamento das Casas de Religião e com base nos estudos cartográficos iniciados na disciplina de *Tópicos Especiais* ministrada em 2018 e que teve seus debates continuados na dissertação de Paulo de Xangô, apresentar esses dados de forma visual e mais didática possível, tendo em vista que o site da exposição ficaria disponível para quem quisesse acessar e por tempo indeterminado.



Figura 23 – Captura de tela do site da *Exposição Digital Patrimônios Invisibilizados: Para além dos Casarões, Quindins e Charqueadas*, na aba *Trajetos*.

Fonte: MARGENS, 2020.

Essas cartografias tiveram como proposta mostrar uma cidade de Pelotas inteira sagrada, uma cidade que é movimentada pelas Religiões de Matrizes Africanas. Levando em consideração que cada uma das duas mil Casas de Religião tem, pelo menos, uma dezena de filhos de Santo, e que todas essas pessoas precisam acessar pontos que consideram Sagrados da cidade. Pontos esses que foram destacados pelas Casas nos formulários do mapeamento enquanto importantes para a realização de rituais Sagrados pela cidade.

Neste sentido,

A construção destes recursos não convencionais surge enquanto meio para a divulgação de uma cidade concebida pelas margens, observada a partir das diferentes formas de habitar e de conceber seus patrimônios, de maneira que subverta estas fronteiras do que é um Bem patrimonial. Diante disso, o Croqui enquanto recurso cartográfico surge para a produção e apresentação dos dados aqui mencionados como a ferramenta acessível às demandas apresentadas pelo grupo e também pelos Povos de Santo (FERREIRA, SANTOS E ALFONSO, no prelo).

A equipe de elaboração das cartografias foi composta por mim, por uma arqueóloga, um graduando em antropologia, graduande em Ciências Sociais e pela Geógrafa e na época mestranda em geografia, Marceli Teixeira dos Santos. A equipe se reuniu e dividiu as tarefas. A feitura das cartografias foi dividida, uma cartografia para cada pessoa da equipe. A elaboração do texto que acompanharia as cartografias e comporia o site foi feito em coletivo, cada um propondo um parágrafo, lendo em

coletivo, debatendo ideias e propostas de abordagem. Esses momentos de reunião foram de extrema importância, foi quando a equipe parou, refletiu sobre a temática, debateu questões teóricas e metodológicas a partir das áreas das pessoas envolvidas.

*“Ao sentarmos, cada uma em sua casa, para corrigirmos, lermos e comentarmos todos os textos do site pude ver a construção da narrativa da exposição, da articulação de cada reunião, de cada ação desenvolvida pelos projetos nas quais participei. Foi olhar o geral, e lembrar pequenos momentos da construção que geraram o resultado quase que final”* (Newan Souza, Caderno de Campo, 2020).

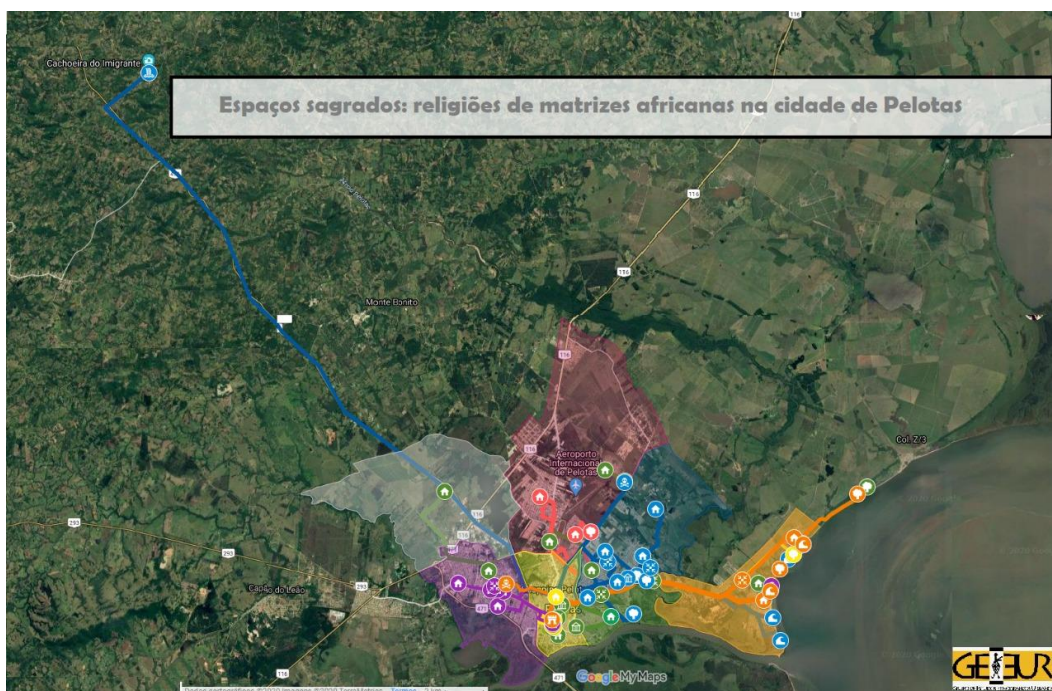


Figura 24 – Espaços Sagrados: religiões de Matrizes Africanas da cidade de Pelotas.  
Fonte: Acervo Margens, 2020.

A elaboração das cartografias foi concomitante ao processo de escrita da dissertação de mestrado em Geografia da integrante Marcella Teixeira dos Santos. Marcella escreveu a dissertação de mestrado intitulada “Quando os Tambores Tocam Geografia e Religião: estudo de caso da (in)visibilização da Umbanda em Pelotas, RS” apresentada em 2022, onde tratou sobre:

A compreensão de que religião e religiosidade assumem papéis importantes à formação das sociedades, faz emergir aos pesquisadores dos estudos geográficos o interesse de compreender como estas

dinâmicas constroem e organizam o espaço. [...] Geografia da Religião, dando ênfase à problemática dos processos de visibilização e invisibilização de Religiões Afrobrasileiras. A pesquisa é desenvolvida por meio do estudo de caso (Yin, 2015) da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul e, tem como objetivo analisar a visibilidade da Umbanda na paisagem enquanto expressão cultura-religiosa, buscando-se entender os diversos processos pelos quais a mesma passou ao longo da história no Brasil, de modo a refletir sobre as estratégias adotadas em cada momento quanto à sua (in)visibilidade. [...] Como resultados é possível apontar que as dinâmicas institucionais foram determinantes quanto aos cenários de visibilização e invisibilização de Religiões de Matriz Africana e, mais precisamente, da Umbanda, no entanto, é a partir dos mecanismos de auto invisibilização, adotados pelos Povos de Santo, que estas Comunidades perpetuam-se e resistem aos cerceamentos sociais contemporâneos (SANTOS, 2022, p.9).

A pesquisa de Marcelli se mostra alinhada com a proposta do projeto *Margens* e do *Terra de Santo*. Em 21 de maio de 2022 Marcelli fez uma fala na *RádioCom*, no programa *Nós Nosotros: Antropofonias e Charlas*<sup>20</sup>, um projeto de extensão do Bacharelado em Antropologia realizado em parceria com a *RadioCom*. Em sua fala Marcelli traça sua trajetória no projeto de extensão e dá destaque para o impacto que o projeto teve no andamento da sua pesquisa.

Marcelli pesquisa sobre Geografia da Religião, uma área nova dentro dos estudos geográficos, o que tornou a pesquisa mais difícil, devido a solidão que ela demonstra ao perceber que estava “fazendo pesquisa sozinha”. Sobre isso ela comenta a importância de ter se aproximado do projeto *Terra de Santo*, lugar onde formou uma rede de parcerias, “porque dentro da geografia eu não encontrei essa força, esse fôlego pra continuar né...”. Nesse sentido, a formação do grupo se mostra importante na dimensão afetiva, em que o não estar só, implica em continuar a fazer o que se quer, a continuar a trilhar sua caminhada em direção de algo que faça sentido e preencha nossas subjetividades. Sobre isso Espinoza fala sobre a politização do afeto, que

[...] abre visibilidade para compreendermos como as paixões humanas e a subjetividade que elas configuram servem tanto para sustentar processos de dominação política quanto para empoderar aqueles que tendem a emancipação subjetiva, em detrimento da resistência e da criação coletiva” (ESPINOZA *apud* BONVILLANI, 2010, p.5).

---

<sup>20</sup> Disponível em: <https://youtu.be/YAg16VWz2mE>

Assim, o afeto se mostra importante ao que se refere no impacto causado nas pessoas, que, devido ao trabalho em equipe, continuam a produzir pesquisa, é um afeto “em detrimento da resistência e da criação coletiva”.

Em sua fala Marcell ainda provoca mais uma reflexão, sobre o que os projetos e em especial a sua relação ensino-pesquisa-extensão, tem a capacidade de ensinar uma reflexão crítica e ética ao que se refere à atuação profissional junto das comunidades.

Bom, a primeira questão que eu trago é principalmente a contribuição do projeto Terra de Santo, como um projeto de extensão de ensino e pesquisa também! [...] Então assim, é... quando eu cheguei pro projeto né, eu chego no início de 2019 finalzinho de 2018, tava finalizando o tcc e iniciando o projeto do mestrado e quando eu chego pro projeto uma das primeiras coisas que o pessoal diz é assim: “Não... Alto lá, muito cuidado com o tipo de ação que tu tá querendo construir, tenha muito cuidado também com as consequências disso, porque é um documento que tem uma importância muito grande e nem sempre as comunidades elas estão dispostas a essa exposição” Então a partir desse momento *eu começo a dialogar com o grupo eu começo a entender uma realidade muito mais complexa do que eu imaginava* que seria né...Do que eu conhecia, eu diria assim. Então eu começo a ter essas trocas e eu começo a entender que esse ambiente né.. *esse espaço de diálogo com a comunidade ele não pode ser completamente limitado ao que a gente tem interesse de fazer*. Mas as demandas que nos surgem e *o como* que a gente lida com essas demandas e *de que forma a gente constrói os trabalhos* que a gente tá fazendo e as ações que a gente tá fazendo junto com a comunidade (Marcell Teixeira, relato oral, 2022).

Marcell dá destaque ao papel social de estar em contato com as comunidades e da importância de se trabalhar a partir de uma antropologia da demanda e engajada. O que proporciona para as/os/us discentes vinculados aprenderem sobre ética, responsabilidade social e responsabilidade com as suas próprias produções. O que a levou a entender que a escrita acadêmica pode ser -e é- usada, também, como uma forma de violência contra os próprios grupos e comunidades que estudamos. Trata-se de trabalhar o *Olhar* antropológico e de não romantizar nossas produções e pesquisas, dar a importância devida, valorizar o que fazemos também é uma forma de reafirmar nossa importância enquanto profissionais.

Neste caminho vimos como uma disciplina proporcionou reflexões, que adentraram a um projeto de extensão e depois a pesquisa de mestrado de Paulo de Xangô. Observamos que a extensão propiciou uma relação com o IPHAN, o que deu início a um mapeamento. Possibilitando a produção de dados para uma exposição, do mesmo projeto de extensão, dados que vão para a pesquisa de mestrado de

Marceli Santos. Retorna para sala de aula em formato de apresentação de dados. Vai como divulgação para outros projetos extensionistas do Curso de Antropologia.

E, assim como no *Caminho da Esquerda*, poderíamos caminhar por qualquer outro dos três projetos de extensão, e veríamos a mesma relação ensino-pesquisa-extensão.

### 5.3 *Caminho da Direita*

Estamos quase terminando nossa caminhada, mas antes, vamos dobrar à direita e caminhar pelo terceiro projeto de extensão ativo vinculado ao *Margens*. O projeto de Extensão *Narrativas do Passo dos Negros: exercício de etnografia coletiva para antropólogos/as em formação* pode também nos trazer exemplos de como o projeto *Margens* trabalha.

Vamos retornar a 2014, quando a coordenadora Louise Prado Alfonso fazia seu pós-doutorado intitulado *Um olhar sobre o passado e o presente do negro em pelotas: possibilidades de inclusão da comunidade no discurso e na prática arqueológica*, desenvolvido no PPGAnt/UFPel.



Figura 25 – Corredor das Tropas no Passo dos Negros, Pelotas, RS.  
Fonte: Acervo *Margens*, 2021.

Na época, o projeto de pós-doutorado era desenvolvido no *Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica (LÂMINA)*, e vinculava-se a projetos e ações relacionados a arqueologia da escravidão. O projeto de pesquisa contava com uma equipe de discentes da graduação do Bacharelado em Antropologia, advindos da disciplina de *Patrimônio Cultural* ministrada pela coordenadora. Assim, já acontecia o vínculo pesquisa-ensino.

Para a realização do campo do projeto de pesquisa, discentes e docente se deslocavam em conjunto para a comunidade, se dividiam e escolhiam “os interlocutores aleatoriamente com o intuito de acessar diferentes agentes da comunidade” (PEREIRA *et al.*, 2015, p. 198). Tem início a produção da etnografia coletiva desenvolvida no projeto atualmente.

As entrevistas foram realizadas pelos alunos com a supervisão da professora, portanto, foram feitas em grupo. Contudo, esse grupo nem sempre se mantinha o mesmo, posto que as idas a campo eram feitas durante o dia, fora do horário das aulas, e nem todos os alunos puderam participar todos os dias. Após as entrevistas, o processo de transcrição dos áudios e a análise dos discursos foram feitos por um grupo ainda mais reduzido, em função de alguns alunos terem desistido de participar do projeto após a conclusão da disciplina ou não demonstrarem interesse em contribuir nessa etapa (PEREIRA *et al.*, 2015, p. 198).

Como apontado por Pereira *et al.* no trecho acima, o projeto já demonstrava o fluxo da equipe que se faz e refaz a cada ano, conforme entrada e saída de discentes.



Figura 26 – Saída de campo na comunidade do Passo dos Negros.  
Fonte: Acervo Margens, 2016.



Figura 27 – Reunião da equipe do projeto *Um olhar sobre o passado e o presente do negro em pelotas: possibilidades de inclusão da comunidade no discurso e na prática arqueológica*.  
Fonte: Acervo Margens, 2015.

O Passo dos Negros se localiza a beira do Canal São Gonçalo, a caminho da praia do Laranjal e próximo do único shopping da cidade. No passado foi um porto

por onde entravam pessoas escravizadas, por ali passavam as tropas de gado que iam e vinham das charqueadas da região que eram sustentadas pela mão de obra de pessoas escravizadas. Também,

[...] abrigou, posteriormente, um dos maiores engenhos da América do Sul durante o ciclo do arroz, mais conhecido como Engenho Coronel Pedro Osório. Os/as descendentes dos/as trabalhadores/as das charqueadas permaneceram na região durante a época da expansão da cultura do arroz, quando o uso da mão de obra escravizada já não era permitido no país (DOSSIÊ ..., 2018a, p. 8).



Figura 28 – Visita do IPHAN ao Passo dos Negros após a entrega do Dossiê de pedido de patrimonialização.

Fonte: Acervo *Margens*, 2019.



Figura 29 – Dia da entrega do Dossiê de Pedido de Patrimonialização da Comunidade do Passo dos Negros.

Fonte: Acervo *Margens*, 2019

Habitam no Passo dos Negros humanos, não-humanos e sobre humanos, que contam essas histórias do passado e as mantem vivas no presente. Zelam e preservam aqueles que consideram seus bens representativos, como a Ponte dos Dois Arcos, as Figueiras centenárias, o Corredor das Tropas, o Engenho Coronel Pedro Osório, o Osório Futebol Clube.

Mas o que se destaca aqui neste caminho, é a formação da equipe do projeto de extensão por meio dessas diversas ações. Como citado anteriormente, a equipe do projeto teve início quando ele ainda estava no âmbito de um projeto de pesquisa e sua equipe era formada pelas/os/us discentes de uma disciplina do Bacharelado em Antropologia, que naquela época tinha duas áreas de concentração a Antropologia Social e Cultural e a Arqueologia. Várias pessoas da equipe, embora estivesse cursando a disciplina da graduação, atuavam também em outras áreas como, psicologia, direito e área da saúde, de diferentes idades e classes sociais. Assim, a equipe já se apresentava muito diversa e multidisciplinar.

No ano seguinte do projeto, em 2015, com a pausa nas saídas de campo para a análise de dados, transcrições de entrevistas etc., boa parte dessa equipe acabou por se dissipar, por diferentes motivos. Mas principalmente, é porque aquele momento se tratava de um período considerado por muitos como “chato”, em que é necessário criar um afastamento do campo e refletir criticamente sobre as situações observadas.

Trata-se do terceiro momento descrito por Roberto Cardoso de Oliveira como o de Escrever, condição que muitas pessoas não estão dispostas a fazer, mas é ali que se exercita o fazer antropológico.

Com a coordenadora sendo efetivada e, com a formalização do projeto enquanto projeto de extensão, este passa por modificações, também causadas pela entrada de turmas novas entram na Universidade, graduandas/os/es e pós-graduandas/os/es iniciam seus projetos, bolsas de extensão são abertas para pessoas de toda comunidade universitária e outras pessoas entram no projeto. Isso também traz à tona outra dimensão da relação do trabalho em grupo, que é a reciprocidade. Tratou-se também de um momento em que o grupo em geral observa e distingue, quem leva aquele trabalho à sério de quem estava indo a campo apenas *pelo campo*.

Assim como aconteceu em 2015, estas trocas de equipes são constantes e causam estranhamentos no grupo. É neste ponto que o grupo distingue aquelas pessoas em quem se pode confiar, no sentido de observar quem está se dedicando à pesquisa antropológica, daquelas que não estão. Quem ficará no projeto, quem permanecerá na equipe, mesmo não estando mais na UFPel, ou não tendo mais as bolsas. Ou, também, quem são estas pessoas novas que estão ingressando? O que querem aqui? Podemos confiar?

É nesse âmbito que invoco a Teoria da Reciprocidade de Marcel Mauss, para pensarmos as relações de confiança na equipe. Eric Sabourin (2008, p. 5) explica que, “a reciprocidade implica na preocupação pelo outro para estabelecer o *mana*, para produzir valores afetivos e éticos como a paz, a confiança, a amizade e a compreensão mútua.”

Em relato, Felipe Aurélio Euzébio, membro do projeto *Margens*, narra como foi sua entrada no grupo através do projeto *Mapeando a Noite*, que aconteceu quando ele procurou a coordenadora, com a demanda de auxílio para a realização de um curso com a temática LGBTQIA+, assim Felipe chegou em uma reunião do *Mapeando a Noite* com um projeto pronto para ser aplicado, o que causou diversos desconfortos, tanto na equipe, quanto em Felipe.

[...] primeira reunião que eu participei era tipo eu me apresentando e já dizendo "Ah, eu tenho esse evento que eu quero fazer e tal", uma demanda dos estudantes. E aí a Louise perguntando "todo mundo topa?" e fica *aquele silêncio assim pelo constrangimento* sabe? Uma coisa meio tipo. "Vamos pessoal" uma puxada da Louise mesmo pro pessoal que tava na reunião

aceitar [...] Eu acho que depois disso teve esse estranhamento inicial do tipo, *eu me sentia meio deslocado do grupo*. Sabe? Tipo não fazia parte do Mapeando a Noite. Eu estava ali para fazer esse evento em parceria com o Mapeando a Noite, então *tinha uma certa distância* assim [...] Mas mais é isso assim, depois que eu fiz o primeiro evento que eu fiz a poc (Projeto Outras Cores) [...] *Meio que as coisas foram andando* assim, eu não sei mais o projeto *comecei a me inserir em outros momentos em outras atividades e realmente me aproximando das pessoas que participavam do projeto há mais tempo* assim, então *a inserção e a aceitação das pessoas comigo foi gradual* assim, eu acho que foi quanto *mais eu me envolvia com outras atividades, mais eu fazia parte, me inseria nesse grupo* sabe [...] (Felipe Euzébio, Caderno de Campo, 2022)

Felipe descreve qual foi a sensação e as impressões que o grupo teve quando ele chegou para formar uma parceria, que foi a partir de uma demanda de estudantes do Curso em Ciências Sociais, ele diz que o grupo só o “aceitou” e que ele só se sentiu inserido e parte do coletivo após o evento. Ou seja, o grupo não o reconheceu como parte do coletivo, pois ainda não havia “recebido motivos” para tal. O que garantia que Felipe merecia fazer parte? O que garantia que Felipe seria uma pessoa comprometida e responsável? Que não abandonaria o grupo por motivos banais, como precisar fazer transcrições?



Figura 30 – Projeto Outras Cores.  
Fonte: Acervo *Margens*, 2019.



Figura 31 – Projeto Outras Cores.  
Fonte: Acervo *Margens*, 2019.



Figura 32 – Projeto Outras Cores.  
Fonte: Acervo *Margens*, 2019.



Figura 33 – Último dia de evento do Projeto Outras Cores.  
Fonte: Acervo *Margens*, 2019.

Sabourin interpreta que “nesse embate da reciprocidade, tal valor ético é compartilhado pelos protagonistas” (SABOURIN, 2008, p. 4). O grupo precisava de respostas para aqueles questionamentos e elas só vieram após a realização do evento. Quando se percebe que Felipe era uma pessoa comprometida, ética e que iria se manter no grupo após ter sua demanda atendida, ele foi aceito como parte da equipe, pois foi na organização da ação que o grupo viu Felipe “pondo a mão na massa”.

Lembro-me de que, nesta reunião em que Felipe vai até o grupo pedir auxílio para a realização do evento, eu fui uma das pessoas que não respondeu às perguntas da coordenadora, “todo mundo topa?”. Não me manifestei pois não o conhecia, não tinha certeza do que “havia por trás”, valeria a pena doar o tempo do nosso grupo a atender demanda de outros estudantes enquanto tínhamos diversas atividades em andamento? O que me garantia que Felipe não daria para trás durante o evento em que ele mesmo pediu auxílio?

Mas, com o tempo e com a permanência de Felipe no grupo, pude perceber que se tratava de alguém sério, ético e empenhado com a temática. Tanto que, com o passar do tempo me aproximei de Felipe e se tornou um grande amigo, proximidade que só foi possível após trabalharmos muito juntos, após as diversas exposições organizadas, a escrita de muitos trabalhos acadêmicos em coletivo e ao organizarmos

muitos eventos juntos<sup>21</sup>. Mas, só após o primeiro momento, ao ver que Felipe seguiria no grupo, como uma forma de “devolver” a parceria inicial, foi possível criar uma relação de confiança.

Este é apenas um dos casos que poderiam ser citados, várias vezes a coordenadora relata casos em que pessoas saíram do grupo quando novos/as/es integrantes chegaram. Em um de seus relatos ela contou que uma discente chegou a dizer que ela tinha acabado com o grupo que era “delas” trazendo pessoas novas.

Há outra relação importante que define e forma a configuração das equipes. Indo para 2017, quando eu comecei minhas participações nos projetos, a equipe do Projeto *Narrativas do Passo dos Negros* era composta por pessoas da primeira formação da equipe e pessoas recém-chegadas, de diferentes cursos como cinema, história, ciências sociais, arquitetura e urbanismo, entre outros. Pessoas que chegaram ao projeto a partir das disciplinas que a coordenadora ministrava, pela sua participação em eventos científicos ou não, ou por sua participação em solenidades do Bacharelado em Antropologia, como é o meu caso. Momentos em que a professora apresentava os debates dos projetos dos quais ela coordenava e criava um espaço aberto de debate com um público além das comunidades e grupos vinculados. Tratava-se de um momento para a formação de futuras parcerias.

Foi assim que diversas portas de parcerias e redes iniciaram e se fortaleceram. Um dos exemplos é a participação da professora em diversos eventos do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPel, palestras que a aproximaram de Flávia Galbiatti e Rodolfo Ribeiro. Após a conhecerem em 2014, em um evento de estudantes de arquitetura, começaram a participar de disciplinas ministradas no âmbito do Bacharelado em Antropologia e fortificam os debates sobre às questões vinculadas a comunidade do Passo dos Negros e ao direito à cidade.

---

<sup>21</sup>Alguns dos exemplos são: A realização do “Curso de Formação Docente 'Reflexões sobre comunidade LGBTQIA+: Diferentes narrativas e histórias entre casa, escola trabalho e cotidiano'”; o lançamento da história em quadrinhos 'Mistérios do Passo dos Negros'. no Programa de rádio Nós/Nosotras da RádioCom; o curso de formação “Pelos Margens Também Contam-se Histórias: Discutindo Múltiplas Desigualdades na Prática Educacional com Primeiros Anos do Ensino Fundamental.”; a produção da Identidade Visual da Exposição Cartografias do Cotidiano de Pelotas, diversidade não se Esconde!.; A curadoria da exposição “Cartografias do Cotidiano de Pelotas, diversidade não se Esconde!.”; A curadoria da “Exposição Digital Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas.”; A organização do evento “Cidades em Transe e a Pluralidade do Morar.”; A organização da exposição “ 50 Anos de Ação de Stonewall ao Nuances & Também.”, entre outras.

Em 2020 Flávia, Rodolfo e Luiza Maia iniciam a Residência em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal da Bahia (UFBA), pelo Núcleo Pelotas. A residência objetiva a realização de assistência técnica e elaboração de projetos sociais. O programa é “voltado para capacitação profissional e cidadã, de forma integrada às instituições de interesse público, municípios e movimentos sociais atuantes nessa área, ampliando, assim, a inserção social da universidade pública (RESIDÊNCIA EM ARQUITETURA, URBANISMO E ENGENHARIA, 2022).” Já com o conhecimento das ações desenvolvidas no projeto *Narrativas do Passo dos Negros*, Flávia, Luiza e Rodolfo entram em contato com a Professora e pedem parceria para se trabalhar na localidade do Passo dos Negros voltada para a elaboração de um contra projeto que auxiliasse na luta da comunidade do Passo dos Negros para se manter na localidade. A proposta, além de inovadora, se mostrou como um importante instrumento que vinha a somar-se nas lutas dos/as moradores/as pelo direito à moradia, tendo em vista que moradores e moradoras do

Passo dos Negros correm sério risco de serem eliminados, pois a região tornou-se alvo de investidores interessados na implantação de loteamentos e condomínios de alto padrão, pressionando, por consequência, os habitantes a saírem de suas residências, dos seus locais de memória, desconsiderando seus vínculos com este lugar, tentando apagar suas histórias, suas narrativas de pertencimento e seus direitos de viver ali (SILVA FILHO; SILVA; ALFONSO, 2017. P. 40).

Assim, a parceria com o curso de arquitetura se tornou um espaço de encontro dos nossos saberes e os saberes destas pessoas profissionais em arquitetura que tinham como proposta a construção de um “Plano popular do Corredor das Tropas: uma contra-proposta para a disputa da produção do espaço habitado no Passo dos Negros, Pelotas/RS” (2022), que se apresenta “como ferramenta de disputa pela permanência qualificada dos moradores” (p. 6) e moradoras.



Figura 34 – Elaboração do *Plano Popular do Corredor das Tropas*.  
Fonte: Acervo pessoal, 2021.



Figura 35 – Reunião junto das/os/es moradoras/es/us para a elaboração do *Plano Popular do Corredor das Tropas*.

Fonte: Acervo pessoal, 2021.

A entrada destas pessoas no grupo se dá, não apenas de uma forma diferente, mas principalmente pelo motivo, a sensibilidade do tema e pela necessidade urgente dessa parceria. Mas, o processo de inserção destas pessoas na equipe foi de forma gradual, a partir de pequenas parcerias e encontros ao longo dos anos, que foi fortificada por uma proposta que se fazia de extrema necessidade e urgência para agregar às lutas da comunidade, a partir de saberes técnicos que nós não tínhamos.

Mas há também ocasiões inconvenientes. Como por exemplo, no meu segundo ano de participação no projeto, quando ocorreu uma situação que fez com que um membro da equipe do projeto deixasse o grupo. Em uma das rodas de chimarrão, que realizamos no âmbito do evento anual *Cidades em Transe*, este membro solicitou se poderia gravar toda a roda de conversa e tirar fotos para utilizar em um trabalho de uma disciplina da qual ele estava cursando.

Contudo, as fotos que ele tirou retratavam uma realidade da comunidade que poderia ser utilizada contra moradores e moradoras, mostravam o lado da comunidade que era justamente usado para desqualificá-los como parte importante da região. Após ter sido chamada a sua atenção para as consequências das imagens e do vídeo final da disciplina que estava cursando, caso chegasse à proprietária da terra onde as ocupações do Corredor das Tropas estão, este estudante ficou aborrecido e abandonou o grupo, nunca encaminhou as imagens e filmagens que havia feito na roda. O que significou uma perda ao acervo de imagens do projeto, que não foi e nem poderá ser restituído.

Além da apreensão de, sabendo da existência deste material, não termos a confiança que estes conteúdos podem ser utilizados ou não para prejudicar a população do Passo. Também temos que entrar no mérito de consentimento para uso de imagem após estas gravações e na questão de ética e responsabilidade do profissional. Aquelas pessoas da comunidade se sentiram seguras para falar, contaram sobre suas vidas, seus medos e anseios apenas porque havia uma relação de confiança entre eles e o *grupo*, construída há anos pela coordenadora e pela equipe, aquele membro fazia parte desta relação e não foi ético ao se apropriar de forma indevida de materiais que foram conquistados devido a esta relação.

Sobre estes exemplos da formação do grupo, a etnografia coletiva demonstra a dimensão ética de se produzir em coletivo, e o âmbito de responsabilidade social que um projeto de extensão necessita.



Figura 36 – Apresentação e entrega do Plano Popular do Corredor das Tropas.  
Fonte: Acervo Margens, 2022.



Figura 37 – Participação da comunidade na apresentação e entrega do *Plano Popular do Corredor das Tropas*.  
Fonte: Acervo Margens, 2022.

Atualmente, o projeto em questão é composto por uma equipe de diversas pessoas da arquitetura e urbanismo, devido ao interesse que surgiu na área após a proximidade com o projeto acarretado pelo constante trabalho de formação de redes e parcerias que a coordenadora Louise realiza. Como exemplo destas pessoas advindas da Arquitetura cito a Arquiteta e urbanista Melina Monks da Silveira, que

após o contato com o Passo dos Negros em uma disciplina ministrada pela profa. Louise, mudou o tema de sua dissertação de mestrado, realizada no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU/UFPel), para estudar a região. No presente, continua os estudos sobre essa região da cidade, mas agora pelo viés da antropologia cursando o doutorado no PPGAnt/UFPel.

Também, o Arquiteto e urbanista Guilherme Ruchaud, que conheceu a Professora em um evento da arquitetura, veio fazer seu mestrado sob sua orientação na UFPel e começou a fazer parte do projeto de extensão. Ou seja, uma fala pontual em apenas um evento deu início a uma parceria que dura até hoje e que proporcionou diversas produções de suma importância, como por exemplo, as ilustrações do livro infantil *Mistérios do Passo dos Negros*<sup>22</sup>.



Figura 38 – Capa da HQ Infantil *Mistério do Passo dos Negros*.

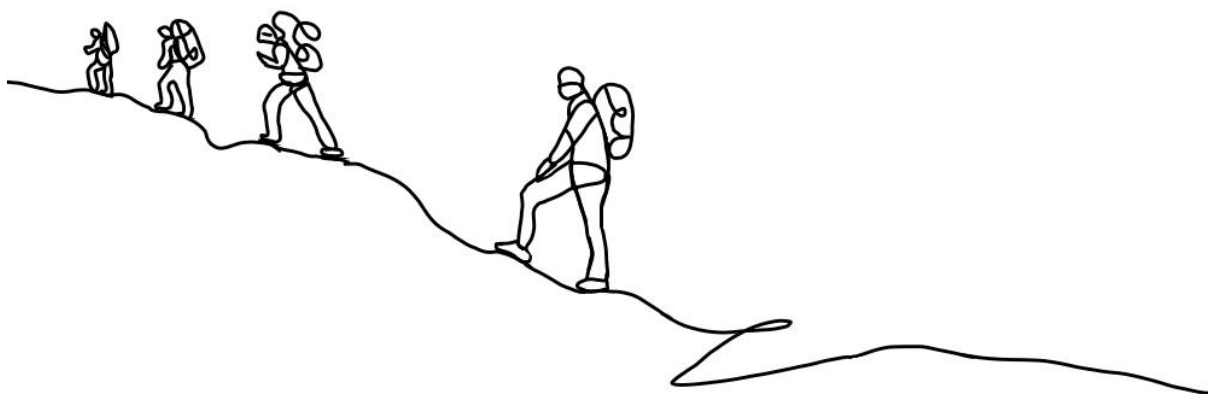
Fonte: Site do Margens, 2022.

<sup>22</sup> Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/18nMqyVojyBujSGkWQJCC4Xe4NJ3-iOB7/view?usp=sharing>

Essa formação das equipes é uma constante negociação entre comunidade e grupo, entre o grupo e outros grupos, entre grupo e possíveis parcerias. Negociações extremamente necessárias, pois são elas que formam as equipes, formam redes de parceria importantes que possibilitam a continuidade dos projetos e que as novas demandas sejam atendidas.

Negociações essas, que como busquei mostrar não são simples, são cheias de conflitos que são mediados pela coordenadora e pela equipe de diferentes maneiras. Ressalto ainda os conflitos com e entre lideranças das comunidades com as quais trabalhamos. Por exemplo, cobranças por termos convidado algumas pessoas e outras não para falarem na rádio, mais tempo em falas para umas que para outras, a não disponibilização de documentos para lideranças na política para proteger interlocutoras/es/us. Conflitos estes que se intensificam em anos eleitorais quando estas pautas trabalhadas pelo *Margens* ganham evidência.

## 6. RETORNANDO



*“Como o ‘eu penso’ pode migrar para fora de mim, se o Outro sou eu mesmo?” (MERLEAU-PONTY, s/a. apud MACHADO, 2010, p. 28)*

Até o momento, vimos exemplos de como os projetos de extensão buscam uma prática de educação libertadora, como as ações de exposições trabalham a partir de diversas perspectivas como a da museologia social, arquitetura, geografia da religião, entre outras. O que leva ao encontro de saberes das pessoas envolvidas no processo, tanto dos discentes como comunidades e grupos parceiros. Vimos como a prática etnográfica coletiva se dá através da extensão. Agora vamos refletir sobre as camadas que atravessam a etnografia coletiva quando feita pela extensão.

No trajeto *Caminhando em Coletivo*, eu apresentei algumas referências que são encontradas ao pesquisarmos produções com etnografia coletivas, contudo faltou uma. O artigo “Collective ethnography, joint experiences and individual pathways”, de Tuula Gordon *et al.* (2006).

Neste, as autoras descrevem o processo de realizar uma etnografia coletiva em um colégio nos anos de 1980 e que mais tarde, em 2006, se reúnem para a escrita do artigo. No texto há diversos pontos interessantes sobre o método etnográfico coletivo, que tentarei trazer aqui relacionando-o com a etnografia coletiva feita no *Margens*.

Para tal, este nosso caminho se dividirá em diversas partes, em cada uma iremos tratar de um aspecto. São elas: *Fazendo; Nós, a Escrita e a Orientação; Compromisso e Ética; Princípios e, Afetos*.

## 6.1 Fazendo

Aqui vamos caminhar nos processos de fazer, para entender como os projetos descritos acima se organizam para que aconteçam as ações.

Em nossas notas de reunião de projeto, registramos teórico, metodológico e prático discussões e decisões. As primeiras notas antecederam nosso trabalho de campo: escrever notas foi muito falado. guardando notas foi considerada crucial – especialmente porque iríamos fazer uma etnografia coletiva, e seria útil coletar documentos sobre nossas discussões. (Notas de uma reunião em 19 de abril) Às reuniões do projeto tiveram funções diferentes durante os diferentes períodos da pesquisa. Nas primeiras reuniões traçamos o projeto e comentamos sobre cada um dos planos individuais. Antes de ir para o campo, nos preparamos para a etnografia coletiva. Uma vez que estávamos no campo, a vida social das escolas foi absorvida, e nós queríamos nos reunir para reflexões conjuntas. Interpretações de encontros no campo foram discutidos. Também escrevemos notas sobre nossos esforços para nos distanciarmos do campo (GORDON *et al.*, 2006, p. 3-4. Tradução minha).

Gordon *et al.* (2006), explicam sobre o processo de organização no pré e pós campo, sobre a dinâmica da preparação de anotações e debates sobre o campo, no *Margens* o processo ocorre de forma parecida. Atualmente em contexto pandêmico, as reuniões dos projetos de extensão ocorrem semanalmente, às segundas acontecem as reuniões do *Terra de Santo*, às terças do *Mapeando a Noite* e às quartas a do *Narrativas do Passo dos Negros*, através da plataforma *WebConf*, da UFPel. O que por vezes é impossível, tendo em vista a instabilidade da plataforma, o que leva o grupo a migrar para outros ambientes virtuais.

As reuniões acontecem apenas com a equipe de cada projeto de extensão. Com ressalva para reuniões gerais do projeto *Margens*, que em algumas situações acontecem quando a organização de um evento está terminando e todos os detalhes precisam ser fechados.

Contudo, o grupo utiliza de atas das reuniões para se pautar nos debates, na organização do que foi feito e do que será feito. Geralmente estas atas são feitas pela/o bolsista do projeto de extensão, e quando não há bolsista em algum dos projetos de extensão, a pessoa responsável pela ata é o/a/e bolsista do projeto de pesquisa. Saliento o papel das pessoas bolsistas para o funcionamento dos projetos, em geral estas pessoas têm o papel de realizar as atas, de forma que fiquem descritos todos os debates e percepções individuais e coletivas, o que auxilia na escrita de textos, artigos e resumos para a Semana Integrada da UFPel e os relatórios anuais.

Vale destacar também, que acontece um processo seletivo para a escolha de bolsistas, no qual as pessoas candidatas respondem um formulário *online* com suas informações, documentos etc. Estas bolsas têm duas modalidades: as de "ampla concorrência" que podem ser destinadas a qualquer pessoa estudante, e as bolsas de "ações afirmativas", que se trata de bolsas destinadas a pessoas LGBTQIA+, negras/os/es, quilombolas e indígenas. Em geral, o projeto sempre buscou priorizar o pedido de bolsas na modalidade "ações afirmativas". As bolsas cumprem um papel de grande auxílio para a manutenção da continuidade das pessoas na Universidade, contudo, para a pessoa selecionada após o processo seletivo, são indicadas algumas obrigatoriedades, como cumprir 20 horas semanais realizando atividades do projeto, o que abarcam as horas das reuniões, e a obrigatoriedade de apresentar na Semana Integrada da UFPel. Mas, veremos também sobre essa dinâmica das bolsas de forma mais detalhada no item *Compromisso e Ética*.

Como dito anteriormente, as reuniões dos projetos de extensão aconteciam na sala do GEEUR, uma sala relativamente pequena para a equipe dos projetos, principalmente quando realizamos reuniões gerais, com as equipes dos três projetos de extensão, as chamadas reuniões do *Margens*.

A sala tinha duas mesas redondas com diversas cadeiras no entorno, apertadinhos ao redor das mesas redondas, cada pessoa tinha seus cadernos individuais e colocavam sobre a mesa para irem fazendo suas anotações. As reuniões eram sempre aromatizadas com uma mistura de cheiro de café com incensos, o que inclusive, era a primeira coisa a ser feita, acender um incenso e fazer um café, só então as reuniões começavam.



Figura 39 – Reunião do projeto de extensão *Passo dos Negros*.  
Fonte: Acervo Margens, 2016.

Assim como Gordon *et al.* (2006) descreveram sobre usarem a “metodologia da diversão” durante suas reuniões, pois elas eram muito alegres, acompanhadas de boas comidas e bebidas. Nas reuniões do *Margens* também, as piadas e risadas acontecem na mesma intensidade em que as ações estão sendo planejadas. Atualmente, estas mesmas brincadeiras adentraram aos grupos de *WhatsApp*, que se transformaram em trocas de memes, felicitações de aniversários, comentários sobre vivências cotidianas..., mas ao mesmo tempo as piadas estão misturadas com divulgação de artigos e apresentações, compartilhamento de referências, convites para eventos, atas das reuniões etc.

Para explicitar a dinâmica de organização das ações, vou trazer como exemplo a preparação do site da exposição digital *Patrimônio Invisibilizados*, que foi feito no primeiro ano de pandemia, em 2020.

Os projetos de extensão se reuniram semanalmente. O início das reuniões eram para definir o que cada projeto de extensão iria abarcar em seu módulo, que estava alocado em uma aba do site. Após definido os temas, as equipes dos projetos

criaram subequipes, onde cada uma ficou responsável pela organização de uma aba ou sub aba do módulo do projeto do qual fazia parte.

Por exemplo, no módulo do projeto *Terra de Santo*, no qual foram produzidas as cartografias citadas no *Caminho do Meio*, cada sub aba ficou na responsabilidade de um grupo de três ou quatro pessoas. Para fazer as cartografias, o nosso grupo se reuniu em um outro horário, planejou como elas seriam feitas, debateu sobre aportes teóricos e metodológicos. Após as decisões tomadas levamos estas informações para a reunião semanal do projeto *Terra de Santo*, assim o resto da equipe poderia saber e opinar no que estava sendo produzido e “a que pé estava”. Bem como, as outras subequipes fizeram o mesmo, compartilharam o que estavam planejando e como estava sendo feito, momentos em que todas as pessoas podem comentar e opinar sobre cada detalhe, e que também é utilizado para que o grupo faça correções de forma conjunta, lendo os textos que seriam adicionados nas páginas, para que não houvesse erros.

Quando o site estava quase pronto, aconteceram reuniões do projeto *Margens*, ou seja, com a equipe dos três projetos de extensão, momento em que acontecia a mesma dinâmica, se relatava para todas as pessoas o que cada grupo estava desenvolvendo, opiniões eram pedidas e recebidas, aconteciam leituras conjuntas para a correção dos textos, assim integrantes dos três projetos de extensão podiam “ver de fora” tudo que estava sendo feito, ver que cada uma das atividades feitas fazia parte de um todo.

Após cada ação realizada ocorre, novamente, uma reunião da equipe do Projeto *Margens*, momento em que acontece uma análise sobre como foi a ação, as pessoas compartilham comentários que receberam, sendo eles negativos ou positivos. É um momento que se senta em coletivo para pensar teoricamente sobre as ações que foram feitas, refletir sobre os processos e compartilhar com o grupo as impressões individuais, entender o que cada pessoa entendeu sobre a proposta, sobre o fazer e como fazer melhor em uma próxima oportunidade.

Essas reflexões também ajudam na escrita de trabalhos e pesquisas individuais de membros do projeto, nos trabalhos que estão sendo feitos sobre os projetos e sobre as comunidades vinculadas a eles. Estes trabalhos são apresentados para toda a equipe ao menos uma vez por ano, se trata de uma das estratégias criadas para a equipe aprender debatendo entre si e para que todas as pessoas da equipe

fiquem sabendo sobre as pesquisas individuais que colegas estão desenvolvendo, a partir de perspectivas diversas.

Vale lembrar também sobre o período presencial, o processo das idas a campo e a realização das ações que eram feitas em diferentes pontos da cidade. Devido ao fato da Universidade não disponibilizar meios de transportes para a equipe se deslocar, o grupo precisava ir a pé ou fazer toda uma dinâmica de pessoas para dividir Uber, levando os materiais na mão. Após as ações, retornamos da mesma forma. Essa logística não é simples, em especial porque trabalhamos com comunidades que são mais distantes, áreas da cidade que são consideradas perigosas, o que faz com que motoristas de aplicativos cancelem as corridas. Assim, cada membro precisava pagar com dinheiro do seu bolso essas idas a campo.

As idas a campo também implicam em uma outra dinâmica que altera o andamento das ações, os conflitos das próprias comunidades. As relações com as comunidades não são relações simples, são muitas pessoas envolvidas, muitas comunidades e muitos grupos, cada uma com suas opiniões e demandas. Em especial, por exemplo, nas Religiões de Matrizes Africanas, que as relações entre as casas e lideranças são pautadas no conflito. Isso implica em um trabalho da equipe de fazer mediação entre lideranças, com os grupos, compreender os motivos, quem são os atores envolvidos, entender até onde podemos intervir ou se não podemos.

Há ainda situações que colocam em jogo toda a relação da comunidade conosco ao estabelecer uma relação de confiança, trata-se da necessidade da presença constante nas comunidades, em especial, em eventos, festas, aniversários etc. Embora não sejam atividades oficiais de campo, se trata de momentos de suma importância para manter o vínculo com as comunidades e fortalecer as relações de confiança, parcerias e a formação de redes. A dedicação em participar desses acontecimentos demonstra um compromisso da equipe com as relações com as comunidades. Antes da pandemia havia semanas que precisávamos nos dividir para, por exemplo, nos fazermos presentes em várias festas de terreiros, em especial em datas festivas. Se vamos em uma, temos que ir às outras, o que se torna impossível, muitas vezes. Assim, o fazer envolve planejamento, articulação com as comunidades, mediação de conflitos, dedicação nas trocas, reuniões, eventos com os grupos, avaliação de todas as ações e elaboração de relatórios e textos.

Para além das idas a campo para a realização das ações coletivas, há ainda as saídas de campo individuais, que se trata das idas a campo de pessoas do projeto

que realizam suas pesquisas sobre algum dos projetos, o que também traz uma dinâmica coletiva, pois toda vez que alguém está planejando fazer seu campo individual, esta pessoa avisa ao grupo quando será sua saída, inclusive as vezes convida outras pessoas para irem junto. Após a ida, a pessoa traz ao grupo um relato sobre como foi, as questões observadas, novidades sobre as comunidades, focos etc. Com o início da pandemia esse processo começou a ser feito por mensagens e ligações com interlocutores/as e lideranças, de forma que o contato não fosse perdido e pudéssemos seguir dialogando com os grupos. Assim, mesmo com uma pausa maior entre ações, as visitas e contato com as comunidades seguem acontecendo.

## 6.2 Nós, a Escrita e a Orientação

Gostaria de iniciar com a pergunta “a quem pertence os dados das pesquisas coletivas?” Acredito que o debate da linguagem empregada nos textos é uma forma de respondê-la.

Seguindo nesta mesma direção, Gordon *et al.* dão ênfase para o uso do “nós” ao longo do texto. Explicam que,

no presente artigo nos apresentamos como ‘nós’, embora cada um de nós tenha a sua própria perspectiva e voz. ‘Nós’ apresentamos frequentemente no processo de pesquisa lado a lado como pesquisador como «eu». No entanto, porque nós todos temos nossos próprios focos de pesquisa individuais, embora complementares, às vezes também formulamos tardiamente nossas próprias posições diversas (GORDON *et al.*, 2006, p.2).

Acredito que seja importante este debate sobre a flexão gramatical empregada nos textos advindos de etnografias coletivas, pois é uma forma de afirmar que aqueles dados não foram “etnografados” individualmente e que aquelas reflexões não foram pensadas sozinhas. Não se trata apenas de uma afirmação metodológica, mas de uma ética ao assumir, a partir da escrita, que aquelas ações e reflexões ali presentes não foram feitas unicamente por quem escreve, mas o texto em questão pode sim ter sido escrito por um único sujeito - o que seria indicado na autoria do texto.

Nas produções do *Margens* há trabalhos que não constam todo o grupo na autoria, ou algumas pessoas como coautoras/es/us, mas na escrita está sempre presente a partir da linguagem, ou quando se faz referência às ações desenvolvidas, é sempre explicado que “o grupo” ou “o projeto com uma equipe diversa” produziu determinada ação. Ou na introdução do trabalho explicando que ele está vinculado

ao projeto *Margens*. Alguns exemplos são as dissertações de mestrado, teses de doutorado, trabalhos de conclusão de curso, que são feitos individualmente, mas no texto é explicado que as ações expostas ali são frutos do vínculo com o Projeto *Margens*. Há ainda alguns trabalhos de bolsistas redigidos para a Semana Integrada da UFPel que não têm em sua coautoria as pessoas da equipe, apenas o/a bolsista e a orientadora. Contudo, ao longo do texto é explicado que o trabalho é fruto de ações coletivas (BENEDUZE; ALFONSO 2018; DUARTE JUNIOR; ALFONSO, 2018).

Neste sentido, não podemos deixar de citar alguns dos trabalhos que foram feitos em coletivo, tanto na parte prática de campo, como na parte de escrita como nos mostram os trabalhos publicados no Congresso de Extensão e Cultura da Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão da UFPel (PEREIRA *et al.*, 2015; SILVA *et al.*, 2016; CARDOSO *et al.*, 2017; RANGEL; FERREIRA; ALFONSO, 2018; CASTRO *et al.*, 2019; DIAS *et al.*, 2020; SIQUEIRA *et al.*, 2021).

Gordon *et al.*, ao falar sobre a escrita coletiva de uma etnografia coletiva diz que,

Discutir diferentes interpretações nos ajudou, permitiu ver o caráter narrativo da escrita etnográfica: cada um constrói sua própria história (por exemplo, Clifford, 1986). Uma etnografia coletiva é composta por várias histórias. O sujeito 'nós' funcionava como recurso e superfície reflexiva para cada um de nós em suas próprias interpretações (GORDON *et al.*, 2006, p. 5, tradução minha).

No *Margens*, a forma como encontramos de juntar essas histórias individuais foi a utilização do *Google Docs*, ferramenta que possibilita a escrita destes documentos. Cada pessoa em sua casa escreve no mesmo texto através desta plataforma.

*Ao sentarmos, cada uma em sua casa, para corrigirmos, lermos e comentarmos todos os textos do site pude ver a construção da narrativa da exposição, da articulação de cada reunião, de cada ação desenvolvida pelos projetos nas quais participei. Foi olhar o geral, e lembrar pequenos momentos da construção que geraram o resultado quase que final”* (Newan Souza, Caderno de Campo, 2020)

A partir do compartilhamento do documento, as pessoas autoras acessam e contribuem com a escrita do texto, assim é um trabalho escrito cada pedaço por alguém. Mas é necessário que haja uma certa liberdade entre as pessoas envolvidas, pois é um processo de tirar ou por coisas novas na parte que outra pessoa escreveu. Assim, é fundamental, além da confiança em “dar” (neste caso enviar) nossas

reflexões para alguém, o respeito pela escrita da/o/u colega. Há pessoas que não se adaptam a essa forma de produção de texto, até que tentam diversas vezes, mas não aceitam outras pessoas opinando sobre sua escrita ou que não compreendem que há uma forma diferente de fazer- neste caso a escrita. Algumas pessoas acreditam que "não dá certo" essa forma de trabalhar, por não perceberem como as coisas vão se construindo no processo. Essas situações foram um dos motivos que levou o grupo a criar a estratégia de realizar anualmente as apresentações dos trabalhos individuais de cada membro da equipe, para que as pessoas vissem o que cada colega está produzindo e como todos estes trabalhos juntos conformam, também, a etnografia coletiva.

Essas afirmações gramaticais tratam-se de uma necessidade de afirmarmos metodologicamente que estamos produzindo em coletivo, e assumir o papel indiscutível que Ingold aponta sobre não poder haver “crescimento sem variação em um ambiente social compartilhado” (INGOLD, 2020, p. 21). E ainda reforça que nossa disciplina é/pode ser educacional ao estudarmos *com o outro* e não *o outro*, em um processo de encontro de saberes entre alunos, docentes e comunidades.

Sobre a presença da coordenadora, em relação a estas produções, devemos refletir sobre o trabalho de orientação/coordenação. Todos os trabalhos produzidos por pessoas do grupo passam pela coordenadora, há uma atenção igual para todas as pessoas que desejam realizar apresentações ou publicações, muitas vezes, são dezenas de trabalhos para um mesmo evento, propostos por estudantes e todos são corrigidos mais de uma vez, além das apresentações serem ensaiadas para que as pessoas se sintam mais seguras. É nesse processo de correção/orientação dos trabalhos que está situado o processo de ensinar.

*“Como eu conhecia o trabalho da Louise, eu pensei na hora em entrar em contato com ela, bom a Louise é o resumo do Mapeando a Noite (falo em específico pois é o que participo e conheço melhor), ela foi super acolhedora comigo, e além de sair me dando muita bibliografia me convidou para participar dos projetos” (Alice da Conceição, Caderno de Campo, 2020).*

Em relato Alice mostra a sensibilidade e o cuidado necessário por parte da coordenadora, de forma que faça as pessoas se sentirem confortáveis para participar e que aprendam e entendam sobre as temáticas. O passar bibliografia para as pessoas que entram nos projetos também deve ser ressaltado, pois é uma dinâmica articulada para que as pessoas novas entendam como o grupo trabalha, o posicionamento teórico, conheça as ações já feitas etc., pois é comum pessoas

entrarem nos projetos de extensão e não visualizarem o todo, o *Margens*, assim a pessoa não compreende que se trata de pequenas ações de projetos de extensão que constroem um todo, que é pautado em conceitos, teorias e métodos.

Isso se mostrou mais necessário após alguns acontecimentos com bolsistas que, ao realizarem pequenas atividades dos projetos de extensão aos quais eram respectivamente bolsistas, achavam que o que estavam fazendo se tratava de todas as ações. Falas como “eu fiz tudo sozinha” já foram declaradas, o que mostrou que algumas pessoas não conseguiam entender essa forma coletiva do trabalho, em que cada pessoa realiza uma pequena atividade para que no final tenhamos o resultado do todo.

Podem ser diversos os motivos que levam algumas pessoas a não entenderem como se dá esse processo, um deles pode ser a autonomia dada para cada pessoa do projeto de realizar suas atividades, sejam elas das ações gerais ou ações específicas, que a pessoa traz como proposta para o grupo. Porém, após a pessoa trazer uma proposta para debate e essa ser aceita, ela é quem deve se responsabilizar pela organização geral, mas que contará com o suporte da equipe.

Como por exemplo em 2021, eu fui procurada pela Professora Iansã Elste, coordenadora do Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas do Colégio Municipal Pelotense (NEABI), ela me solicitou auxílio na realização de um Curso de Formação sobre questões étnico raciais em sala de aula. Levei essa demanda para as reuniões do Projeto de Extensão *Terra de Santo*. O grupo concordou que deveríamos auxiliar a Profa. Iansã, contudo, quem foi responsável pelo contato direto com a Profa fui eu. Auxiliei na preparação de plano de aula, escolha de palestrantes, feitura de formulários google etc. Todas estas ações supervisionadas pela coordenadora. A equipe do projeto *Terra de Santo* então, se disponibilizou a aplicar oficinas e palestras e, em todas as reuniões do projeto, debatíamos sobre o andamento do curso, eu tirava dúvidas sobre como poderia auxiliar a Profa. Iansã da melhor forma. Ou seja, eu fiz o contato direto com a Profa. e a auxiliei no andamento do curso, mas por trás havia todo o saber, o apoio e o suporte da equipe do projeto de extensão.

Em *Pedagogia da Autonomia* (2021), no capítulo “Ensinar não é transferir conhecimento”, Paulo Freire diz que um/a docente não pode esgotar sua prática (o processo de ensinar) apenas falando sobre a Teoria, ele deve ter e ser um exemplo concreto do que fala, “já devo estar envolvido nela, e nela, a construção, estar envolvendo os alunos” (p. 48). Ou seja, para que todo este processo de fazer em

coletivo por meio da extensão, onde a extensão se localiza como uma prática libertadora e engajada, primeiramente há um compromisso da educadora.

A coordenadora sabendo que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2021 ela está "ontológica, política, ética, epistemologicamente, pedagogicamente” (p. 47) constantemente pondo em prática esta pedagogia da autonomia. Ao permitir que as pessoas da equipe escrevam seus trabalhos individual ou coletivamente, tenham autonomia para fazer parcerias com pessoas da comunidade, tragam novos temas para debate etc. Ela está criando possibilidades para que cada pessoa construa o conhecimento.

A coordenadora Louise também utiliza do processo de “corrigir” para ensinar, assim, acaba orientando as pessoas em trabalhos e apresentações para publicações e eventos, não só na escrita de TCCs, dissertações e teses.

São diversos os exemplos que poderia trazer, mas trarei um exemplo pessoal de como esse processo se deu comigo. Desde que entrei no projeto, antes mesmo de ser bolsista, a coordenadora sempre me incentivou a escrever trabalhos para apresentar na Semana Integrada da UFPel, dando liberdade para escrever sobre o que tivesse vontade, junto de colegas ou não, pois considera este evento como um “evento escola”.

No início, me lembro que ficava extremamente insegura, mas com o passar do tempo e o exercício de escrever junto de colegas, isso mudou. Para esse processo se tornar mais leve, houve todo um cuidado da orientadora de ler o trabalho, comentar o que deveria ser mudado, indicar quais textos deveriam ser lidos e que conceitos deveriam ser mais bem trabalhados. E isso não acontecia uma vez, era um processo longo, de escrita, correção, reescrita, correção. Sobre isso, Peirano diz que “Tudo isso implica num processo que amadurece aos poucos. Aqui talvez seja apropriada a máxima latina ‘apressa-te lentamente’, que retrata o ritmo de uma orientação bem sucedida” (PEIRANO, 2006, p.75).

Anteriormente ao falarmos sobre a exposição do *Dia do Patrimônio*, em *Caminho da Esquerda* eu citei bell hooks, que fala sobre locais de formação que aplicam uma pedagogia libertadora e democrática, às comunidades de aprendizado. E em outro ponto a autora fala sobre como professoras/es/us que fazem essa prática engajada inspiram,

fui inspirada sobretudo por aqueles professores que tiveram coragem de transgredir as fronteiras que fecham cada aluno numa abordagem do aprendizado como uma rotina de linha de produção. Esses professores se aproximam dos alunos com vontade e o desejo de responder ao ser único de cada um, mesmo que a situação não permita o pleno surgimento de uma relação baseada no reconhecimento mútuo (hooks, 2017, p. 25).

Assim, o *Margens* não é apenas uma comunidade de aprendizado porque é, existe a necessidade, obrigatoriamente, de uma docente que parta do princípio de uma educação libertadora, que pratique uma pedagogia da autonomia, que entenda que é partir da prática que se ensina e não da transmissão (INGOLD, 2020).

A mencionada professora recentemente escreveu um texto, que compõem uma coletânea em homenagem ao Professor Pedro Paulo Funari, que foi seu orientador, onde afirma

Sua dedicação e generosidade na prática docente com novos/as pesquisadores/as, que não se limitam na orientação dos trabalhos ou durante as aulas, mas também na articulação destes/as em redes nacionais e internacionais que envolvem profissionais de diversas áreas. O professor Pedro Paulo aproxima suas orientandas e orientandos de projetos diversos, criando possibilidades desses/as profissionais se articularem e desenvolverem ações nas mais diversas temáticas. Favorece a divulgação de suas pesquisas em eventos, publicações diversas e em meios digitais. Indica seus trabalhos para concorrer a prêmios. [...] convida pesquisadoras/es para publicarem textos em coautoria quando recebe convites, ou artigos nos livros que organiza. Ou ainda as/os indica para compor bancas de seus/suas orientandas/os. Esse cuidado na formação e de manter a relação com esses/essas pesquisadores/as, mesmo anos após a conclusão dos trabalhos que orientou, demonstra sua responsabilidade e ética com a carreira docente e a formação de pessoas. É essa prática docente que me inspira no dia a dia da universidade e nos diferentes projetos que desenvolvo no sul do sul do Brasil (ALFONSO, 2021, p. 463).

Para Peirano, essa relação “intensa de orientação - em seu sentido mais pleno- é sempre o primeiro elo da formação mediata ou imediata dessas linhagens em que se estrutura a identidade do antropólogo” (PEIRANO, 2006, p. 71).

Esse cuidado e sensibilidade ao orientar abre portas, acredito eu, para o que Peirano chama de “duas gerações *viverem a teoria viva*” (2006, p. 75). Ou seja, uma linhagem, que está sendo continuada -e criada - pelas pessoas que passam pelo *Margens*.

É sobre a tensão entre o presente teórico e a história da disciplina que a tradição da antropologia se transmite, resultando que, no processo de formação, cada iniciante estabelece sua própria linhagem como inspiração, de acordo com preferências que são teóricas mas também existenciais, políticas, às vezes estéticas e mesmo de personalidade. [...] na antropologia, as linhagens disciplinares são tão importantes que se pode imaginar que, sem elas, o antropólogo não tem lugar na comunidade de especialistas” (PEIRANO, 1991, p.3).

Essa relação que a coordenadora Louise chamou de “dedicação e generosidade na prática docente” ela aplica quando convida seus ex-orientandos/as a escreverem artigos, a serem bancas nos trabalhos de conclusão de curso, nas qualificações de mestrado e nas defesas de teses de doutorado. Ou até mesmo na indicação desses ex-alunos/as em Programas de Pós-Graduação, indicações para trabalhos etc. O que vai formando uma intensa rede de parcerias com pessoas que vão se espalhando por todo o mundo e que se mantém a longo prazo.

Um dos exemplos é a Arquiteta, Urbanista e Professora Franciele, da qual a coordenadora Louise foi orientadora e que se aproximou do projeto devido à orientação. Após a defesa de sua dissertação de mestrado, Franciele manteve o vínculo como grupo e segue participando das ações e agora, trazendo estudantes do Instituto Federal (IFSul) - Câmpus avançado Jaguarão, para participarem dos eventos. O mesmo se dá com a professora Melina, que hoje tem um ex-orientando que ingressou no *Margens*.

Mas há ainda pessoas que não se identificam com esta forma de trabalhar, como dito anteriormente, às vezes essa produção não é vista inteiramente em sua totalidade, algumas pessoas não entendem que esse processo de correção de textos, relatórios etc. Trata-se também de um momento em que a coordenadora está ensinando as formas de fazer, apontando conceitos e, inclusive, mostrando a forma correta de produzir textos etnográficos.

Algumas pessoas percebem essa dinâmica de produzir textos acadêmicos de uma forma específica como “chatice” ou até mesmo a obrigatoriedade de bolsistas apresentarem na Semana Integrada como um “produtivismo” por parte da coordenadora e do grupo, sendo inclusive, confundido com assédio e abuso de autoridade. Mesmo com estas obrigatoriedades impostas pela própria UFPel e tendo sido explicitadas no edital para seleção de bolsistas. Neste sentido, cabe refletir como esses/as/us estudantes de graduação chegam até a Universidade com percepções tão ausentes sobre o que é fazer pesquisa? Como compreendem direitos e deveres? Qual seria o papel da pessoa docente, coordenadora ou orientadora? Só estes questionamentos já seriam temas para outro TCC.

### 6.3 Compromisso e Ética

Outro ponto importante que é destacado no texto de Gordon *et al.* e que já vimos em alguns momentos, trata-se do compromisso, do engajamento com a pesquisa.

Iniciar uma pesquisa etnográfica requer um compromisso de se engajar em um processo de longo prazo e preparação para enfrentar surpresas. Passamos muito tempo em campo e usamos vários métodos de coleta de dados. Nosso objetivo foi realizar uma análise multifacetada nos processos culturais e sociais e nos significados que os participantes lhes atribuem. Os próprios pesquisadores são instrumentos de pesquisa em etnografias. Em uma etnografia coletiva o compromisso com a colaboração com os colegas é sólido e, portanto, é necessário desenvolver maneiras pelas quais experiências e dados são compartilhados e maneiras pelas quais as análises são conduzidas em conjunto (GORDON *et al.*, 2006, p. 2-3 Tradução minha).

Dentro do debate que é proposto pelas/os autoras/es, trago um elemento que é percebido pela coordenadora do projeto e por consequência por mim e demais colegas. Que é sobre “*conseguir perceber as interações entre participantes do projeto e, em alguns momentos, de embates na construção das narrativas que ali estariam presentes.*” (Newan Souza, Caderno de Campo, 2020). Comentei anteriormente que o grupo se reformula e se reconfigura anualmente devido a diversas questões, saídas que ocorrem por um processo natural das formações profissionais. Mas é necessário pensarmos o que acontece com o grupo e com o projeto, com algumas saídas.

Anteriormente vimos que as equipes dos projetos também são formadas por bolsistas, pessoas que recebem mensalmente o valor de R\$400 (quatrocentos reais), e que são selecionadas a partir de um edital que tem diversas condições. As primeiras são referentes à escolha da pessoa que será bolsista, de forma que esta seja escolhida de forma justa.

As outras condições já foram citadas anteriormente, que são referentes às atividades que devem ser realizadas pela bolsista durante o período da bolsa. São atividades como a apresentação na Semana Integrada da UFPel, que é cobrada pela Instituição; a obrigatoriedade em cumprir 20 horas semanais realizando atividades voltadas ao projeto, o que já abarcava as reuniões do respectivo projeto em que a pessoa é bolsista, reuniões que tem como fim debater as ações e, junto disso a produção da ata de cada reunião, transcrições, entre outras atividades referentes ao planejamento destas ações.

As bolsas são abertas para pessoas de qualquer curso, e os editais de bolsa são amplamente divulgados em redes sociais, e-mail institucional da UFPel e em grupos de *WhatsApp*. Com isso, são diversas as pessoas que têm acesso ao edital e podem se inscrever. Diferentes pessoas chegam até os projetos, o que implica em algumas complicações, pois se trata de pessoas que adentram aos projetos única e exclusivamente pelo valor da bolsa, em especial neste momento de pandemia.

Em alguns casos, algumas pessoas não têm interesse em trabalhar ativamente, o que torna difícil que essas pessoas entendam o que estão fazendo ali e se engajem na pesquisa. Elas não estão abertas a entender a extensão, em consequência, não entendem o que são e para que servem as ações dos projetos, nunca trabalharam em grupo e não estão dispostas a aprender. Nesses casos as pessoas acabam por cumprir apenas as condições obrigatórias até o final do período da bolsa. E algumas, nem isso o fazem, o que acarreta o cancelamento da bolsa e a chamada da pessoa suplente.

Todavia, é importante destacar que o projeto defende as políticas de apoio à iniciação científica e de extensão, em especial as de ações afirmativas, que representam um importante suporte para as/os/es estudantes continuarem na Universidade.

Mas infelizmente essas são situações que trazem diversas complicações aos projetos e, principalmente, à equipe voluntária, que não recebe qualquer quantia pelo trabalho desenvolvido e que, devido ao desempenho insatisfatório de alguns/mas/es bolsistas, necessitam cumprir mais atividades para que o projeto consiga dar conta de atender as ações demandadas. Em muitos casos, são pessoas da pós-graduação que acabam realizando algumas atividades. Cabe destacar o comentário que trouxe no capítulo *Estender-se*, de Angela Maria Gordilho Souza, em referência às residências em Arquitetura e Urbanismo, onde ela comenta sobre a ausência de bolsas de extensão para discentes de pós-graduação, “para uma maior amplitude de capacitação, propostas e práticas, o fomento público, é fundamental, observando-se o baixo custo de realização frente aos benefícios potenciais” (SOUZA, no prolo, p. 7).

A experiência no projeto *Margens* aponta no mesmo sentido, que a ausência de bolsas para a pós-graduação dificulta os benefícios que poderiam vir para o projeto e para estudantes, já que, muitas pessoas da equipe que estão na Pós-Graduação desenvolvem suas pesquisas vinculadas à algum tema dos projetos sem bolsa de pesquisa.

Newan de Souza, participante dos projetos, foi bolsista voluntária durante o período entre final da graduação em arqueologia pela Universidade de Rio Grande - FURG e início do mestrado em Antropologia na Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC. Mesmo após entrar no mestrado e não ter continuado como bolsista voluntária, seguiu participando das ações. Em relato, Newan descreve como ela percebe estas situações em que pessoas não cumpriram suas atividades ao longo da bolsa e como o grupo reagiu a isso

*“Entra numa dinâmica que a pessoa meio que não conhece, que a pessoa não consegue se adaptar e... não todo mundo, mas muita gente isso aconteceu. Mas teve gente que fez seu trabalho, né? Mas eu acho que isso não sobra, por exemplo, para mim ou só para ti ou sobra...eu acho que sobra para o grupo. E aí o grupo tem que fazer isso de alguma forma e muitas vezes é tu, eu ou...é o Felipe que fez relatórios já... Isso acaba sobrando para alguém, mas esse alguém é o grupo. E aí, um grupo são várias pessoas e essas pessoas têm que se manejar. E aí acaba ficando com uma, duas, três pessoas, né, mas acho que acaba sobrando para o restante do grupo. E o restante do grupo tem que fazer isso funcionar. E eu acho que nosso jeito de fazer isso funcionar é delegar essas coisas para algumas pessoas [...]”* (Newan Souza, Caderno de Campo, 2022).

Newan explica que é uma dinâmica de mobilização de um grupo inteiro em prol do compromisso, todas as pessoas que estão ali tem um engajamento com a pesquisa, isso faz com que nada fique sem ser feito, pois “o restante do grupo faz isso funcionar”. Assim, incitamos novamente a teoria da reciprocidade, é diante disso que muitas pessoas são afastadas pelo próprio grupo, acabam não sendo convidadas para algumas ações coletivas, ou, quando elas precisam de algo, seja em âmbito da vida pessoal ou acadêmica, estas pessoas não terão resposta positiva daquelas que são integrantes do projeto. O que implica em uma “desvinculação” da pessoa, no sentido de que, ela não será convidada para apresentações em eventos ou escrever trabalhos junto da equipe do projeto e vai percebendo que não faz parte da equipe. Se aquela pessoa não “*deu*” por que ela mereceria *retribuição*? (MAUSS, 2012).

Neste sentido, para aquelas mesmas perguntas que trouxe quando Felipe Euzébio entrou no grupo: O que garantia que Felipe seria uma pessoa comprometida e responsável? Que não abandonaria o grupo por motivos banais, como precisar fazer transcrições? Aqui as respostas já foram dadas. Sem compromisso ético, não há retribuição. Aqui também cabe ressaltar o papel da coordenadora que mantém constantes conversas de mediação de conflitos com o grupo. Várias vezes já vi a coordenadora perguntar sobre como se deve olhar para “o outro” na antropologia, o que estas pessoas podem nos ajudar a entender?

Há outras situações que implicaram em mobilização coletiva, e que poderiam gerar, no meu entender, problemas sérios no que se refere ao compromisso ético do projeto junto às comunidades. Em 2019 o Projeto *Terra de Santo* contava com duas bolsistas, pessoas que já eram voluntárias do projeto e que foram selecionadas por, anteriormente, terem mostrado interesse e compromisso com o projeto.

Assim, como em qualquer outra situação com bolsistas, diversas informações e materiais ficaram sobre responsabilidades destas pessoas, uma destas pessoas bolsistas havia ficado com as fichas impressas do mapeamento dos Terreiros que foi iniciado em 2019. E com a volta das atividades acadêmicas em formato virtual em 2020, ainda durante a pandemia, o Projeto decidiu que o mapeamento dos Terreiros de Pelotas também voltaria, mas de forma online, o grupo estudou diversas formas de se fazer um mapeamento online e a equipe acabou optando por utilizar a plataforma *google forms*.

Mesmo com essa decisão de continuar o mapeamento de forma online, era necessário que tivéssemos as fichas físicas de quando iniciamos o mapeamento de forma presencial em 2019. Contudo, quando entramos em contato com a respectiva ex-bolsista para que ela fizesse o devido repasse das informações, ela não enviou os documentos, pois havia saído do projeto em virtude de conflitos pessoais com outros membros da equipe. Foram diversas as tentativas de obter as informações que estavam com ela desde o ano anterior, nenhuma positiva.

Sem o retorno dos dados que estavam sob sua guarda o projeto enfrentou um grande déficit, foram diversas as questões que ficaram sem resposta, assim algumas movimentações tiveram que ser iniciadas novamente. O que ainda põe o projeto e todo o grupo sob a questão, foi um compromisso firmado entre Terreiros e Projeto, as Casas de Religião abriram suas portas e contaram sobre seu funcionamento, confiaram na ética do grupo. Como poderia haver essa “perda” do material?

Esses exemplos fizeram repensar a distribuição de bolsas, os processos avaliativos. Mas principalmente as formas de armazenamento das informações e acervos do grupo. Neste sentido Gordon *et al.* comenta como esse processo se deu na etnografia coletiva daquele grupo:

Após o trabalho de campo tivemos excepcionalmente dados ricos que deveriam ser organizados para que pudessem ser facilmente usados. O sistema que criamos provou ser funcional, graças ao planejamento antecipado e à ajuda dos assistentes de pesquisa. Foi fácil encontrar, por exemplo, todas as lições de uma determinada classe, determinado

assunto, ou os ensinados por um determinado professor. [...] Alguns de nós utilizaram o software NUDIST. Geralmente acabamos lendo os dados novamente, horizontal e verticalmente, a fim de compor resumos, encontrar surpresas e identificar recorrências. Usamos temas de leitura e no processo de análise os temas preliminares foram ampliados com novos, aqueles que emergiram do trabalho de campo. Nós também realizamos uma leitura analítica usando nossos conceitos centrais (GORDON *et al.*, 2006, p.5 Tradução minha).

Elas/es descrevem que cada pessoa da equipe tinha sua própria forma de guardar os dados e que apenas alguns utilizaram de softwares, no *Margens* as informações gerais são guardadas em contas do *Google Drive*, uma para cada projeto de extensão e uma do projeto de pesquisa. Assim, os *drives* são coletivos, mas geralmente ficam sob responsabilidade das pessoas bolsistas sob supervisão de ex-bolsistas ou pessoas mais antigas do projeto. As pessoas necessitam do login para a realização de alterações nos documentos, como por exemplo, nos eventos anuais do *Cidades em Transe*, cada pessoa é responsável por determinada ação e necessita acessar as informações do projeto no *drive*. À estas é dado o acesso.

Mas isso gera diversas complicações, como por exemplo a segurança automática da plataforma *Google*, que acaba bloqueando algumas pessoas de acessarem as contas, quando existem muitos *logins*. Outra complicação é o tamanho de armazenamento disponível, pois nos *drives* dos três projetos de extensão e do projeto *Margens* já estão com o armazenamento cheio, o que implica na impossibilidade de adicionar mais imagens, vídeos ou documentos. E, anualmente, o grupo produz centenas desses dados. A Universidade não fornece nuvens seguras para que estes dados sejam armazenados. São complicações que fazem o grupo repensar a forma como faz seus armazenamentos de dados.

Até o momento, uma das formas encontradas para tal foi a produção de um site institucional do projeto. Desde o início da pandemia, o grupo percebeu a importância de produzir meios mais acessíveis, para que a comunidade e, até mesmo, outras/os/es pesquisadoras/res/us, tenham acesso aos nossos trabalhos e ações.

Em 2021, demos início à organização do site para o projeto através da plataforma institucional da UFPel, o *WordPress*. Este ainda está em processo de finalização, ainda estão sendo postas todas as publicações que membros da equipe já fizeram, desde artigos, capítulos de livro, trabalhos apresentados, vídeos. Bem como, trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado, relatórios técnicos dos projetos de extensão e do projeto de pesquisa, relatórios finais das ações dos projetos de extensão.

Abas que levam a outros sites já produzidos, como o site da exposição *Patrimônios Invisibilizados*, e os sites do evento *Cidades em Transe*, o qual é produzido um para cada evento. O site também busca ser um espaço para a postagem de divulgação das publicações, eventos organizados, participações em eventos, entre outras ações que o grupo participa e organiza.

Como uma forma de atingir um público maior, o grupo produziu um QRCode, uma espécie de “código de barras” que leva a pessoa para o site após ela mirar a câmera do celular.



Figura 40 – QRCode para site Margens.  
Fonte: Acervo Margens, 2022.

O site soma-se as redes sociais do GEEUR como o *Facebook* e *Instagram* como ambientes de troca e divulgação das ações e das pesquisas, além da participação em programas de rádio, entrevistas, publicações no site institucional da UFPel, entre outras ações de visibilidade do projeto.

#### 6.4 Princípios

Os processos descritos aqui trazem à tona algumas questões que atravessam diretamente todas as pessoas envolvidas, são conflitos gerados, por exemplo, pelos

ciúmes e pelas relações de confiança que individualmente cada pessoa do grupo sente em relação a outrem. Gordon *et al*, ao falarem sobre essas relações descrevem como os trabalhos coletivos e individuais estão ligados e como isso interfere nas relações entre as pessoas participantes.

Na Academia 'nós' era disperso em diferentes posições. Tuula era responsável pelo financiamento da Academia de Finlândia, Pirkko, Tuija, Tarja e Tarja escreveram suas teses sob a orientação de Tuula e Elina, e Tuula e Elina escreveram um livro com Janet Holanda. O trabalho coletivo colide com a demanda universitária de desempenho individual, especialmente porque o doutorado teses deveriam ser monografias individuais. Alguns grupos de pesquisa tiveram dificuldades incluindo a guarda ciumenta das próprias ideias, problemas relacionados com apegos pessoais ou diferenças nas orientações de pesquisa (GORDON *et al*, 2006, p.6 Tradução minha)

No *Margens*, o ciúme e as relações de conflito precisam ser constantemente mediados pela coordenadora, levando em consideração que grande parte das pessoas que ela orienta são dos projetos, as orientações de TCC, dissertações e teses acontecem concomitantemente com o andar das ações.

Um exemplo dessa constante mediação, para evitar possíveis desconfortos entre pessoas da equipe, é o que aconteceu na gravação para um dos programas para a Rádicom, no programa *Nós Nosotros: Antropofonias e Charlas*. Para o programa foram convidadas para fazer uma fala, pessoas que tivessem pesquisas/trabalhos relacionados ao tema de um dos três projetos de extensão e, que conseguissem a partir de sua fala, fazer uma amarração de sua experiência individual com a extensão. Assim, cada pessoa faria uma fala de seu trabalho amarrando-o com o projeto em que está vinculado. Para que desta forma pudéssemos mostrar às pessoas ouvintes como se dá a relação ensino-pesquisa-extensão no Projeto.

Contudo, se tratou de um momento de planejamento, não apenas de quem iria falar. Mas da coordenadora, em pensar quem convidar, o que aquela pessoa deveria dar mais ou menos ênfase. Refletir quais pessoas já haviam participado de outros programas, outras ações de visibilidade no ano etc.

Também, para não gerar conflitos na hora da apresentação, as falas deveriam se complementar a fim de que ninguém falasse sobre o tema "de outra pessoa". Ou, que a pessoa convidada falasse de algo que, naquele espaço, não seria pertinente, tendo em vista que o programa seria transmitido em uma rádio, no *Facebook* e *YouTube*, ficando disponível para sempre nas redes sociais. Ou seja, trata-se de uma

situação delicada, em que está sendo posto em jogo todo um projeto de pesquisa, de anos, que por trás tem uma equipe de dezenas de pessoas.

Não quero dizer que as pessoas que não foram escolhidas não teriam certo “jogo”, responsabilidade ou qualquer outra coisa deste nível, quero dizer que, trata-se de uma escolha, que deve ser feita, uma “matemática” de quem chamar, para qual atividade. Quero apontar para um nível de apreensão, que apenas a coordenadora do projeto carrega, uma preocupação que a responsabilidade docente ética apresenta.

Outra mediação que a docente precisa fazer constantemente, é quando uma nova pessoa orientanda, seja de TCC, mestrado ou doutorado, começa a participar dos projetos. O que acarreta na inserção dessa pessoa nos grupos de *WhatsApp*, o que leva às perguntas: “Quem é fulana?”, “O que ela estuda?”, “Ela vai participar de tal ação?”. Mas como demonstram Gordon *et al.* (2006, p. 6), “nenhum desses problemas afetaram substancialmente nossa colaboração. Havíamos nos acostumado trabalhando juntos”. No *Margens*, só não há uma afetação substancial devido a essa mediação constante da coordenação.

Outra questão importante que tange aos princípios do trabalho coletivo, é o que Newan comenta em seu relato sobre a produção do evento *Cidades em Transe* e os problemas que são gerados quando pessoas que não estão acostumadas com o modo de trabalhar do grupo participam de ações específicas “[...] a gente tinha um modelo de funcionamento que é muito nosso, que vai dar certo pra gente, mas quando a gente traz pessoas de fora rola essas questões, como a falta dos resumos [dos Anais do evento *Cidades em Transe*]”

Para que esse “vai dar certo pra gente” aconteça, é necessário esse trabalho constante de mediação, a docente precisa constantemente estar elaborando mentalmente a formação dos grupos para ações específicas, entendendo como cada uma trabalha, articulando pessoas que trabalham muito diferente para não ficarem nos mesmos grupos de trabalho para organizar as ações- mas, isso não impede que acabem ocorrendo conflitos nesses subgrupos.

Mas devido às relações mais próximas que vão se formando dentro da equipe, outras pessoas também precisam trabalhar isso. Inclusive, por vezes eu fui “ouvido de queixas” de membros da equipe. Especificamente, com uma pessoa que eu mantinha uma relação mais próxima.

Como vimos mais acima, o projeto *Terra de Santo* em 2019 contava com duas bolsistas muito diferentes, com formas diversas de trabalhar e de lidar com as lideranças e com a equipe, o que acarretou na constante presença de conflitos. Na escrita do resumo para a Semana Integrada da UFPel, os dois bolsistas tinham que escrever individualmente um resumo para o Congresso de Extensão e Cultura (CEC), pois cada pessoa contava com uma bolsa e precisava “devolver” algo em forma de pesquisa para a Universidade.

Após a escrita dos trabalhos uma das respectivas bolsistas, durante uma conversa informal, me relatou que estava muito chateada com a outra pessoa bolsista, pois ela entendia que por se tratar de bolsas que aconteciam concomitantemente no mesmo projeto, os resumos deveriam estar com o nome das duas pessoas bolsistas. Assim, ela havia posto o nome dela, da outra bolsista, além do meu pois havia ajudado a escrever o resumo e o da coordenadora Louise. Já a outra pessoa não havia posto o nome dela, apenas o seu e o da orientadora. Assim, tive que atentamente achar formas de “apaziguar” a situação, mostrar um outro ponto de vista, para que aquele desconforto, não gerasse mais conflitos no futuro.

Retomo as palavras de Freire (2021, p. 102), quando ele explica que “ensinar exige liberdade e autoridade”.

Licencioso teria sido se tivesse permitido que a indisciplina de uma liberdade mal centrada desequilibrasse o contexto pedagógico, prejudicando assim o seu funcionamento. [...] A liberdade sem limite é tão negada quanto a liberdade asfixiada ou castrada (FREIRE, 2021, p. 102-103).

Neste capítulo ele traz a problemática, de como pode ser possível que essa necessidade do limite seja assumida eticamente pela liberdade. Ele explica que, a liberdade só é amadurecida “no confronto com outras liberdades, na defesa de seus direitos em face da autoridade [...]” (FREIRE, 2021, p. 103). No *Margens* o limiar entre liberdade e indisciplina é trabalhado pela coordenadora, que constantemente media as relações e conflitos. Vou explicar melhor.

Anteriormente, vimos sobre como a coordenadora põe em prática uma pedagogia da autonomia e que sempre foi um posicionamento epistemológico e político da profa. Louise, que é aplicado desde as reuniões dos projetos quando todas as opiniões são ouvidas e debatidas. Quando todas as falas são destacadas enquanto importantes para o processo de organização das ações. Contudo precisamos entender o limiar entre liberdade e autonomia.

Quando as discussões caminham para um lado errôneo, como falas distorcidas sobre algum conceito ou ideias que, devido sua experiência, a professora sabe que não irão funcionar, ela prontamente intervém com explicações ou, mais ainda, perguntas que geram reflexões, até que o próprio grupo, sozinho, chegue na reflexão esperada. “É decidindo que se aprende a decidir” (FREIRE, 2021, p. 104), ou seja, é a partir da perspectiva de cada pessoa, trazendo exemplos de suas vivências, que o grupo vai organizando as ações, para que sejam evitados possíveis problemas práticos.

Mas essa autonomia é um processo, “a autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões que vão sendo tomadas” (FREIRE, 2021, p. 105), ou seja, tentativa e erro coletivos. Por exemplo, em 2020 foi organizada a primeira Exposição Digital, a já citada *Exposição Patrimônios Invisibilizados: Para além dos Casarões, Quindins e Charqueadas*, foram meses de organização e preparação dos materiais, todas as opções que apareciam como uma possibilidade de material eram debatidas em coletivo e, as vezes, alguém dizia por exemplo: “isso não dá certo....porque teremos problemas para acessar determinado público” ou “não dará certo porque na exposição que fizemos em tal ano fizemos de tal forma e assim não tivemos problemas.” A autonomia vem após vivenciar as experiências.

A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade (FREIRE, 2021, p. 105).

No primeiro capítulo, disse que aqui “a Extensão se mostra como uma prática de educação libertadora, democrática, transformadora. A Extensão é experiência.” Coisas essas que só são possíveis no *Margens* pois há autonomia e o processo de experiências individuais é respeitado.

## 6.5 Afetos

Gordon *et al.*, descrevem em seu texto, que em seu grupo foi tratado dos incômodos pessoais “cara a cara”. Mas que estes incômodos nem tinham vez, que

“nenhum desses problemas afetaram substancialmente nossa colaboração” (2006, p.6).

Também compartilhamos perspectivas ideológicas gerais sobre a sociedade e a pesquisa. O terceiro motivo foi o *comprometimento emocional que foi construído através do duro*, mas prazeroso trabalho que consideramos pessoalmente importantes (cf. Coffey, 1999). A colaboração é tão valiosa que aborrecimentos ocasionais podem ser engolidos ou falados cara a cara. O quarto motivo era que tínhamos dados tão ricos com tantos grãos de ouro que não havia necessidade de ter inveja das ideias (Gordon *et al.*, 2006, p. 6. Tradução minha).

No *Margens*, percebemos a dimensão do afeto ao fazer as pesquisas em 2020. Quando escrevemos o capítulo de livro “Exposição Patrimônios Invisibilizados: Uma experiência coletiva de extensão na pandemia”, já citado anteriormente, momento que paramos para refletir sobre a primeira ação extensionista feita durante a pandemia. Para isso pedimos relatos das pessoas da equipe para construir um texto de forma coletiva, contudo, conforme os relatos foram chegando começamos a perceber que as falas estavam todas direcionadas a importância do grupo naquele primeiro ano de pandemia.

*“O projeto não apenas me fez me sentir em casa, acolhida, segura, mas me deu esperanças nesse mundo cinzento em que estamos vivendo. Vi que minha proposta de uma ciência mais equitativa e simétrica (SANTANA, 2019) está mais próxima e sendo construída por outres e, em conjunto, estamos transformando nossas distintas áreas e vivências para que mais vezes possam estar presentes”* (Ingrid Santana, Caderno de Campo, 2020).

O relato de Ingrid ainda demonstra o que Gordon *et al.*, falam sobre o “comprometimento emocional” com a ciência e a pesquisa, o grupo é formado por pessoas com comprometimento e engajamento de pesquisa a longo prazo<sup>23</sup>. Naquele momento de escrita do capítulo, entendemos que havia uma atuação política permeada pelo afeto. À qual descrevi no *Caminho do Meio*, definida por Espinoza como a politização do afeto.

Espinoza fala sobre a emancipação subjetiva, quando a pessoa renuncia a suas vontades e formas de fazer individuais em virtude da coletividade. No *Margens* isso acontece porque as pessoas da equipe precisam ceder “seus desejos e modos de fazer particulares, para unir-se com o grupo e trabalhar em coletivo” (FERREIRA; ALFONSO, 2020, p. 559), precisam estar abertas a novos modos de fazer, para que

---

<sup>23</sup> Como demonstrado as pessoas sem este comprometimento acabam por evadir do grupo.

façam parte do grupo. Precisam saber ouvir e observar, para “entender que formas de fazer, em alguns momentos, devem se ajustar, em detrimento de um resultado final” (FERREIRA; ALFONSO, 2020, p. 559).

Ou seja, essa dimensão afetiva da etnografia coletiva é intrínseca e indissociável da etnografia produzida no *Margens*, essa ideia de “grupo Margens” cria um espaço de acolhimento, onde pares se encontram e debatem aberta e horizontalmente sobre as pesquisas, tanto individuais quanto as pesquisas e ações dos projetos em questão. Mas essa dimensão afetiva não se trata do “sentir por sentir”, é uma afetividade crítica, tanto que se uniu pela crítica, quanto está constantemente sendo repensada em sua própria fundamentação. É um encontro que abre mão do fazer individual, devido às lutas e comprometimentos particulares com uma posição política, de fazer pesquisa e de crer em uma concepção de Universidade.

Freire, após explicar que ensinar exige reflexão crítica sobre a prática, fala sobre o sentir (seja raiva ou alegria) nesse processo. Ele explica que “tenho o direito de ter raiva, de manifestá-la, de tê-la como motivação para minha briga tal qual tenho o direito de amar” (FREIRE, 2021, p. 73). Freire busca demonstrar que é inevitável sentir ou não ser afetado, e que é exatamente isso que deve ser o motivador para fazer o que se acredita.

É essa dimensão afetiva ao fazer a etnografia coletiva que dá a potência para a pesquisa do *Margens*, pois se trata de compartilhamento e variação (INGOLD, 2020, p. 21). Para Alice, “É muito bacana que cada um saiba um pouco de algo e como flui a troca, sempre tem um ‘eu posso te ajudar com isso’. O relato de Alice Conceição afirma que é nessa sensibilidade, na prática participativa, no encontro de saberes, na construção de um diálogo aberto entre as pessoas que pesquisam e junto das comunidades que há a possibilidade de fazer as pesquisas.

Os relatos sobre a exposição trouxeram à tona outro ponto descrito por Gordon *et al.* (2006, p. 7) que é sobre a multidisciplinariedade do grupo. “Em nossa análise, combinamos várias abordagens. [...] cada um de nós combinando-os à nossa maneira”. Marcell Santos e Adriel Silva expõe como foi para eles este trabalho multidisciplinar, já que são de outra área:

*“Para nós profissionais em Geografia, o olhar multidisciplinar (e em especial o antropológico) contribui para uma nova perspectiva espacial, o melhor relacionamento e construção de experiências com grupos sociais e também grupos coletivos de ensino-pesquisa-extensão, grupos e temáticas esses que*

*a Geografia ainda tem dificuldades de alcançar em suas práticas, pesquisas e atuação” (Marceli Santos e Adriel Silva, Caderno de Campo, 2020).*

A multidisciplinaridade propõe uma "co-participação", no sentido do que Ingold (INGOLD, 2020) fala, sobre o compartilhamento de experiências e a variação de conhecimento o qual vimos anteriormente. Ainda para Ingold,

*é através da participação recíproca na vida de cada um - através dos esforços contínuos de implacáveis de jovens e velhos, imaturos e maduros, para chegar a uma espécie de concordância - que a educação prossegue e os conhecimentos, valores, crenças e práticas de uma sociedade são perpetuados (INGOLD, 2020, p.20).*

Gabriela Siqueira fala sobre como percebeu isso na exposição *“Por último, acredito que a exposição permite a resignificação por diferentes pontos de vista e a conexão entre pessoas em meio a pandemia.”* É também com esses múltiplos pontos de vistas dentro da equipe, aliados aos saberes das comunidades como vimos na exposição do *Dia do Patrimônio, no Caminho da Esquerda*, que também acontecem os encontros de saberes e nos inventamos (WAGNER, 2012), variamos os conhecimentos e ampliamos nossas capacidades etnográficas (INGOLD, 2020).

Ainda para Mateus Fernandes o grupo soube lidar com as imposições que o distanciamento social implicou e usou as ferramentas disponíveis para a realização das ações de uma forma proveitosa.

*“Acho que lidamos bem com a distância em relação ao desenvolvimento dessa exposição, mesmo almejando contato e espaços físicos, subemos superar as dificuldades e fazer uso do ambiente virtual, principalmente das redes sociais e do site institucional do GEEUR/UFPel” (Mateus Fernandes, Caderno de Campo, 2020).*

A participação recíproca, essa superação de dificuldades, é fruto de um trabalho multidisciplinar construído a partir de determinadas práticas, em um movimento de criar redes e fazer em coletivo. E aqui me refiro especificamente ao papel da coordenadora nesse processo, que soube articular o grupo nesse momento tão delicado. Ela dizia que deveríamos realizar atividades em coletivo que fossem interessantes e também prazerosas, para “preencher a cabeça”.

Como disse, os relatos recebidos após a exposição trouxeram à tona essa dimensão afetiva, mas isso surgiu, principalmente, porque durante a pandemia o grupo se tornou também um ambiente de acolhimento. Como sabemos a pandemia acarretou a morte de milhares de pessoas, seja pela Covid-19, ou por problemas ocasionados pelo isolamento. E diversos transtornos, como ansiedade, depressão e

síndrome do pânico. Nesse sentido um membro da equipe relatou em uma conversa informal, como as retomadas das ações foram importantes naquele momento: *“Pandemia me massacrou de uma forma. E vocês foram um alento nos meus dias. Sai da depressão real. Achei que nem conseguiria”*.

Com a retomada das ações na pandemia, o projeto foi se tornando um ambiente em que o grupo, ao planejar as ações, no caso de 2020, *Exposição Digital* e o evento *Cidades em Transe*, conversava sobre todos os atravessamentos que a pandemia vinha causando. Ao mesmo tempo, achou formas de “ocupar o tempo”, como a reflexão de Janaína mostra, e seguir com as ações extensionistas, que no caso não poderiam ser pausadas pois as comunidades necessitam de auxílio e suas demandas não paravam de chegar: *“Quando começou a pandemia pensei o que vamos fazer para ocupar não só o nosso tempo, mas também proporcionar formas de comunicação com o público [...]”* (Janaina Rangel, Caderno de Campo, 2020).

Em relação a estas demandas das comunidades vinculadas, é necessário falar sobre como o grupo lidou com elas durante a pandemia ao que se refere a algumas dificuldades que, principalmente a comunidade do Passo dos Negros relatava. Com a parada de praticamente todas as atividades na cidade, muitas pessoas da comunidade do Passo dos Negros ficaram desempregadas, o que acarretou a dificuldade para subsistência alimentar. Nesse momento o grupo se sentou e conversou sobre a importância de auxiliar a comunidade, o que gerou uma ação de assistência social.

Assim foi iniciada uma campanha de arrecadação de alimentos e roupas, que foi amplamente divulgada em redes sociais, e formada uma rede de parcerias com o Restaurante Universitário da UFPel que disponibilizou um espaço para que a coleta dos alimentos fosse feita e a Sociedade Pelotense de Auxílio aos Necessitados - SPAN, que destinou parte de suas roupas para serem doadas na comunidade do Passo dos Negros (Figura 41). Diversas pessoas se mobilizaram para a organização da arrecadação, algumas faziam o recolhimento no ponto de coleta, pessoas com carros levavam as doações até a comunidade.

A campanha de arrecadação foi uma ação de assistência social isolada, que foi uma decisão de membros da equipe de realizarem. Contudo, os debates sobre os impactos da pandemia causados em comunidades periféricas foi um tema que se mostrou de extrema urgência para ser tratado, não apenas com campanhas de assistência, mas teoricamente e em nossas ações (Figura 42). Essa reflexão

acarretou a produção de uma aba da exposição digital *Patrimônios Invisibilizados* que tratou as diferenças sociais acentuadas durante a pandemia, no que se refere às condições desiguais de proteção contra o vírus (Figura 43). Também em uma aba sobre instituições de apoio às comunidades LGBTQIA+ durante a pandemia.



Figura 41 – Separação dos alimentos para montagem de cestas.  
Fonte: Acervo *Margens*, 2020.



Figura 42 – Carro com as cestas para a distribuição.  
Fonte: Acervo *Margens*, 2021.



Figura 43 – Captura de tela da aba Na Pandemia no módulo do projeto *Passo dos Negros*

Fonte: MARGENS, 2020.

Nossa caminhada está chegando ao final. Vimos ao longo destes caminhos como as reuniões dos projetos acontecem, as dinâmicas necessárias nas relações da equipe e nas relações com as comunidades, vimos os desafios que são enfrentados e as soluções que buscamos para resolvê-los. As dificuldades em relação à falta de verbas para a realização de ações e atividades, com exceções das bolsas que são o único auxílio financeiro que os projetos têm. Entramos em diferentes dimensões de afeto que transpassam o grupo como, a confiança, a reciprocidade, amizade, companheirismo e os conflitos. Vimos ser a partir da prática de uma pedagogia da autonomia, de uma educação como prática da liberdade, que podemos transformar a extensão em sala de aula, e vice-versa.

Caminhamos por uma outra forma de etnografar, de fazer antropologia e de ensinar antropologia. No entanto, não seria o fim dos debates relacionados ao projeto *Margens*, sobre a importância da extensão na formação universitária, muito menos, para os debates sobre etnografia coletiva. As reflexões sobre a forma de fazer etnografia coletiva e extensão no *Margens* são infindáveis, tendo em vista que o projeto se reformula a cada semestre, seja pela entrada e saída de membros ou pelas demandas que chegam e se atualizam no contato com as comunidades.

No início deste trabalho almejei transformar minha experiência em texto, como Peirano (2014) indica para que seja feita uma boa etnografia, espero ter atingido meu objetivo e feito jus a tudo que o projeto vem fazendo em suas ações com as

comunidades e ao formar antropólogas/os/es, arquitetas/os/es, geógrafas/os/es, cientistas sociais, turismólogos/as/es e por aí vai...

Espero que este trabalho de conclusão de curso, abra portas para mais discussões sobre a metodologia do projeto *Margens*. E para novas formas de fazer antropologia.

## 7. (DES)CAMINHO / CONCLUSÃO



*O anjo do caminho.*

*A carruagem é uma carta que favorece a inteligência, ela mostra que é possível superar adversidades e mostra o poder que temos ao comandar nosso destino através dos caminhos que escolhemos ao longo da vida (Dizeres sobre o significado da carta).*

Frente a essa centena de páginas escritas acima, preciso dizer que escrever esta conclusão é o mais difícil. No primeiro capítulo *Saindo de Casa*, eu disse que as descrições trazidas seriam resultado das minhas observações enquanto participante do projeto, o que foi um trabalho intenso de autorreflexão durante a escrita além de exercitar minhas capacidades etnográficas e psíquicas, foi “caindo a ficha” de que um ciclo se encerra, até uma certa nostalgia vai batendo.

Acredito que a dificuldade de escrever essa conclusão seja fruto de minha caminhada ao longo dos anos nos projetos, o que fez ser necessário um processo intenso de distanciamento do campo durante a escrita, sem dúvidas é o mais aflitivo, esse “olhar de fora” para aquilo que “estou dentro”. Como mencionei participo do *Margens* desde 2017, o meu primeiro semestre na graduação e que o tema só surgiu como possibilidade após a fala da Professora Ana Luiza Carvalho da Rocha. É importante dizer que eu só estava aberta a escrever sobre isso pois, acredito que efetivamente essa forma de fazer antropologia, essa forma de ensinar antropologia, que vem a ser uma posição política no mundo e na academia, é de fato transformadora.

Durante a graduação pude perceber a diferença da minha formação para as de meus e minhas colegas, percebi em sala de aula que eu já carregava muito mais uma capacidade etnográfica, já que, desde o primeiro semestre vinha praticando, com a realização de idas a campo (na comunidade do Passo dos Negros, em Terreiros etc.), com as minhas experiências na organização de eventos junto das comunidades e na organização das exposições. Ao longo do curso discentes da graduação não praticam etnografias, podemos considerar no máximo que são produzidos ensaios etnográficos. Assim, se não fosse pelas poucas horas obrigatórias de participação em projetos de extensão, muitas/os/es discentes não teriam nem proximidade com comunidades, idas a campo, realização de entrevistas etc. Nestas pessoas, onde está localizada algumas das principais características da antropologia (O Olhar, Ouvir e Escrever)? É após o olhar e ouvir que praticamos o ápice do exercício etnográfico, transformando as situações vividas e ouvidas em texto. Neste sentido, como podemos estar formando profissionais que não tenham estas capacidades etnográficas desenvolvidas?

Enquanto escrevia este trabalho lembrei de alguns comentários que ouvi quando entrei no curso como, “a gente fica chato quando estuda antropologia, em

roda de amigo só incomoda” ou “é um processo muito solitário de fazer antropologia, é bem doloroso”. Ao escrever este trabalho pude perceber que para mim este processo não foi assim devido ao *Margens*, a criação desse “grupo *Margens*” dá vez a um ambiente acolhedor, como relatou Alice Conceição quando foi recepcionada no grupo. Mas o *Margens* faz a própria antropologia ser diferente, pois está fora do que comumente vemos em sala de aula.

Acredito que é, por seguir as diretrizes da extensão, que a etnografia coletiva é feita, potencializando as capacidades formativas, como a fala de Marcella na Radiocom apontou. É através de tudo que elas, a extensão e a etnografia coletiva juntas possibilitam, que o grupo tem a oportunidade de produzir suas ações e junto delas suas etnografias.

O que só é possível com as parcerias das comunidades, conforme indica a primeira diretriz da Política Nacional de Extensão, a Interação Dialógica, que visa desconstruir a ideia hegemônica da universidade. No *Margens* isso acontece ao praticarmos uma pedagogia da pergunta nas exposições, ao ouvirmos as comunidades e praticarmos uma antropologia engajada e da demanda, o que possibilita que vá se criando um espaço de encontro de saberes.

As diretrizes da Política Nacional de Extensão estão todas conectadas, uma leva a outra, é nesse traçado que também unimos a etnografia coletiva. Por exemplo na segunda diretriz, que indica a “Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade”, na qual pessoas de diversos cursos e de diferentes universidades quebram as barreiras entre áreas, possibilitando criar vínculos a partir do encontro de saberes, potencializando as ações que são desenvolvidas, como vimos no *Caminho da Direita*, onde as ações do *Projeto Narrativas do Passo dos Negros* adquiriram grande potencial a partir da parceria com outros cursos, em especial com pessoas do curso de Arquitetura e Urbanismo, na criação do Plano Popular do Corredor das Tropas, que visa a continuidade da comunidade na região.

Indissociavelmente a essas duas diretrizes, está a diretriz Ensino-Pesquisa-Extensão que, como demonstrado principalmente no *Caminho do Meio*, as ações do *Margens* são retroalimentadas justamente por essa relação ensino e extensão, onde discentes tornam-se protagonistas de sua formação, como disse Freire “ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando” (FREIRE, 2021, p.58). É nesse vínculo entre ensino-pesquisa-extensão que as formações das pessoas da equipe geram diversas reflexões e “resultados”, tanto devido às ações quanto para a realização

delas. Como por exemplo, as cartografias produzidas na disciplina de “*Tópicos Especiais em Antropologia e Arqueologia- Cidades e suas Margens: Trajetos, Percursos e Mapas*”, ação entendida enquanto ensino, que adentraram nos debates e ações como a exposição no porão da Bibliotheca Pública Pelotense, uma ação de extensão. E, concomitantemente, geraram importantes reflexões para dissertações de mestrado.

Esse protagonismo da pessoa estudante está ligado com a quarta diretriz, que é “Impacto na Formação do/a Estudante”, que aponta para a integralização da extensão. Um ponto muito importante, porque como vimos no capítulo *Estender-se*. O Curso de Antropologia da UFPel foi o primeiro a pôr em prática a integralização, neste contexto evidenciamos um despreparo da Universidade para conceber essa relação ensino-pesquisa-extensão no sistema institucional, o que acarretou, por exemplo, em diversas complicações na geração de certificados para a equipe. Essa obrigatoriedade tem como intenção demonstrar para as/os/es estudantes uma outra concepção de Universidade, torná-los/as/es profissionais e pessoas mais éticas e preocupadas com os seus papéis sociais. Mas ainda resta um longo caminho a trilhar.

Estas reflexões sobre a formação que acredito serem preocupações da antropologia, que atingiu um novo aspecto, tendo em vista que cada vez mais as pessoas formadas na graduação em antropologia estão deixando de seguir uma carreira acadêmica e descobrindo novas possibilidades no mundo do trabalho, pautadas na etnografia. O que tem reforçado questões como: a quem/a que serve a antropologia?

Vejo assim, que a extensão realizada no *Margens* cumpre seu papel, principalmente quando nos referimos a essa diretriz, pois os debates sobre as questões éticas, a preocupação sobre a forma como se faz etnografia, as sutilezas que as relações entre pesquisador/a/e e comunidade trazem, são exercitadas constantemente ao estarmos no projeto.

Acredito ser na relação com a quinta diretriz que essa formação transformadora na vida de estudantes é potencializada, possibilitando uma formação mais preocupada com as comunidades e sociedade. A quinta diretriz, a de “Impacto e Transformação Social”, busca quebrar as barreiras entre a Universidade e a comunidade, de forma que seja construída uma relação com um propósito de atuação para interesses da sociedade, propiciando mudanças sociais que promovam políticas públicas inclusivas. Vimos exemplos nos três caminhos que percorremos. No

*Caminho da Esquerda*, no compromisso do grupo de participar da política pública do *Dia do Patrimônio* de forma a criar um espaço mais diverso, mostrando para a sociedade que há diferentes grupos na cidade e todos eles à habitam e à constroem cotidianamente. Em *Caminho do Meio*, que o projeto de extensão possibilita, a partir do diálogo, atender demandas da comunidade que viu na política pública de patrimonialização uma forma de ressignificar aquilo que é usado para invisibilizá-la. Ou, como o *Caminho da Direita* mostrou, que é possível diferentes áreas se unirem e produzirem materiais (Dossiê de Patrimonialização, processo no Ministério Público, Plano Popular do Corredor das Tropas), a fim de unir forças para lutar junto das comunidades. Caminho que também mostrou como as pessoas da equipe tem uma preocupação com aquelas pessoas que se aproximam do projeto, demonstrando sua formação ética. Assim, o projeto *Margens* demonstra cumprir as diretrizes da Política Nacional de Extensão. E, incito Peirano (1995) quando ela propõe que a antropologia “se baseia em um processo de reinvenção” (1995; 32) da própria antropologia toda vez que a fazemos, reformulo para dizer que, a extensão realizada no *Margens* reinventa-se, a si mesma e ao grupo, a cada nova ação.

Ingold defende “a ideia de que a antropologia não é apenas um assunto a ser ensinado e estudado, mas é educacional em sua constituição” (INGOLD, 2020, p.9), o que tentei mostrar ao longo deste texto foi que a intersecção entre etnografia coletiva e extensão, tem o potencial educativo. E de formar profissionais mais éticos e preparados para lidar com as comunidades, seja na academia ou no mercado de trabalho. Forma pessoas mais preparadas e sensíveis para, nas palavras de Segato, deixar-nos interpelar pelo “outro” que não mais será nosso objeto de estudo.

Busquei apontar como as relações conflituosas estão presentes no trabalho coletivo, mas que este também, possibilita que os grupos se unam por “*algo em comum que não conseguiu se identificar ou encaixar em algo dentro da universidade e se encontra no Margens*” (Pedro Moura, Caderno de Campo, 2022), que essas relações de afeto tem a potência de criar pesquisas críticas, políticas e epistemologicamente bem-posicionadas.

Para além disso, vejo no par etnografia coletiva e extensão, que a condição para sua plena desenvoltura em grupos de pesquisa, é que se trata também de uma afirmação política como uma forma de ver o mundo e de lutar pelos direitos de estar nele.

Com isso, finalizo com alguns questionamentos que tem me assolado desde que iniciei esta pesquisa, de quais outras formas estão sendo feitas etnografias coletivas no mundo e, principalmente no Brasil? Elas são feitas, também, a partir da extensão? Quais são os aspectos que transpassam os grupos que as fazem para que possam vir a produzir suas etnografias? Há nesses grupos aspectos como o ciúme, a confiança e a reciprocidade? Em que contextos essas etnografias estão sendo produzidas? Quem são as pessoas que a fazem? Mas isso fica para uma próxima caminhada...

## REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. **Mana**, [s. l.], v.21, n. 3, p. 483-498, dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-93132015v21n3p483>. Acesso em: 02 jun. 2022.

ALFONSO, Louise Prado. **Arqueologia e Turismo: sustentabilidade e inclusão social**. 2012. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: doi:10.11606/T.71.2012.tde-16012013-141541. Acesso em: 04 jun. 2022.

ALFONSO, Louise Prado. Docência e a Práxis Arqueológica no Sul do Sul. *In*: NAVARRO, Alexandre Guida; FUNARI, Raquel dos Santos Funari. **Memória, cultura material e sensibilidade: estudos em homenagem a Pedro Paulo Funari**. 1ed.Jundiaí/São Luís: Paco Editorial/EDUFMA, 2021. p. 453-470.

ALFONSO, Louise Prado; FERREIRA, Martha Rodrigues. Exposição Patrimônios Invisibilizados: uma experiência coletiva de extensão na pandemia. *In*: MICHELON, Francisca Ferreira; BANDEIRA, Ana da Rosa; LIMA, Paula Garcia; ZIMMERMANN, Letícia Silva Dutra (org.). **Conexões para um tempo suspenso: extensão universitária na pandemia**. Pelotas: Editora da UFPel, 2020. p. 538-562. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/6834>. Acesso em: 01 jun. 2021.

ALFONSO, Louise Prado; RIETH, Flavia Maria Silva. Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga a cidade enquanto Bem Cultural. *In*: SCHIAVON, Camen Burget; PELEGRINI, Sandra de Cássia (org.). **Patrimônios Plurais: iniciativas e desafios**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2016. p. 131-147.

ALFONSO, Louise Prado; SOUZA, Newan Acacio Oliveira de; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Entre turismo e patrimônio: (re)visitando narrativas locais a partir do evento “Dia do Patrimônio” em Pelotas, RS. **Historiae**, Rio Grande, v. 12, p. 10-38, 2021.

ALFONSO; SIQUEIRA; FERREIRA, 2021. Pelas margens das cidades em transe: entre debates, vivências e saberes. *In*: CIDADES EM TRANSE E A PLURALIDADE DO MORAR, 2020, Pelotas. **Anais [...]**. Rio Grande: Arche - Revista Discente de Arqueologia (FURG), 2021. p. 9-38.

ARAÚJO, Helena Maria Marques. Museu da Maré: entre educação, memórias e identidades. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, [s. l.], v. 12, n. 3, p. 939-949, set-dez. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222017000300015>. Acesso em: 02 jun. 2022.

AZEVEDO, Aina Guimarães. Um convite à antropologia desenhada. **METAgaphias**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/metagraphias/article/view/50>. Acesso em: 2 jun. 2022.

BENEDUZE, Letícia Gonçalves; ALFONSO, Louise Prado. As narrativas do Passo dos Negros presente na semana do patrimônio: um olhar sobre a representatividade.

*In*: CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA, 5., 2018, Pelotas. **Anais** [...]. Pelotas: Ed. da UFPel, 2018. p. 181-184. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/files/2018/12/Cultura.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2022.

BERGMANN, Leopoldine Radtke. **Imagens e narrativas de Pelotas**: Uma análise do discurso turístico de uma cidade (re)imaginada. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo) – Faculdade de Administração e Turismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

BLANCO ESMORIS, María Florencia; CASSIAU, María Martina; CONCILIO, Julieta; AGUSTÍN FINAMORE, Facundo Francisco; IMPEMBA, Julieta Belén; LIBERMAN, Melanie Yael; SCHIAVA D’ALBANO, Lorena Natalia; VARGAS, Patrícia Beatriz. Objetos, personas y relaciones en los hogares de José C Paz. Annette Weiner y los desafíos de hacer una etnografía colectiva. **Cuadernos del Centro de Estudios de Diseño y Comunicación**, [s. l.], n. 131, p. 117-138, jun. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.18682/cdc.vi131.4969>. Acesso em: 31 maio 2022.

BONDÍA, Jorge. Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [s. l.], n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782002000100003>. Acesso em: 01 jun. 2022.

BONVILLANI, Andrea. Jóvenes Cordobeses: Una cartografía de su emocionalidad política. **Nómadas**, Bogotá, v. 32, p. 27-43, abr. 2010.

BRASIL. **Lei n. 5.540, de 28 de novembro de 1968**. Fixa as normas de organização e funcionamento do Ensino Superior. Brasília. Congresso Nacional.

BRASIL. Ministério da Cidadania. **O que é**: A Assistência Social é uma política pública; um direito de todo cidadão que dela necessitar, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/assistencia-social/servicos-e-programas-1/o-que-e>. Acesso em: 01 jun. 2022.

CARDOSO, Airton Rodrigues; PREVITALI, Wagner Ferreira; DUARTE JUNIOR, Luiz Augusto Fonseca; SILVA, Mateus Fernandes da; ALFONSO, Louise Prado. “Nada contra, tenho até amigos que são...”. *In*: CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA DA UFPel, 4., 2017, Pelotas. **Anais** [...]. Pelotas: Ed. da UFPel, 2018. p. 13-18. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/files/2018/07/Cultura.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2022.

CASTRO, Camila Machado Ramos de; DUARTE JUNIOR, Luiz Augusto Fonseca; FERREIRA, Martha Rodrigues; ALFONSO, Louise Prado. Entendendo a cidade a partir das narrativas e singularidades dos/as Terreiros/as. *In*: Congresso de Extensão e Cultura, 4., 2019, Pelotas. **Anais** [...]. Pelotas: UFPel, 2019. p. 163-166.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAGAS, Pierre Donires dos Santos. As disputas e (re)invenções de uma política pública: as cidades do Dia do Patrimônio - Pelotas/RS. 2021. Dissertação (Mestrado

em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

COSTA, Daianny Madalena. A pedagogia da pergunta: participação e empoderamento do conselho escolar como trama da educação ineditamente-viável. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 12, n. 20, p. 459-472, 2003.

COSTA, Vanessa Avila. **As Manifestações das Paisagens Ocultadas**: Arqueologia da Pelotas de Trabalhadoras Sexuais. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

DAS, Veena; Poole, Deborah. El estado y sus márgenes: etnografias comparadas. **Cuadernos de Antropología Social**, Buenos Aires, nº 27, p. 19–52, 2008.

De OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O que é isso que chamamos de Antropologia brasileira? **Anuário Antropológico**, [s. l.], v. 10, n.1, p. 227–246, 2018 [1986]. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6365>. Acesso em: 31 maio 2022.

De OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**. [s. l.], v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996. Disponível em: <[http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio\\_turra/MINI%20CURSO%20RAFAEL%20ESTRADA/TrabalhodoAntropologo.pdf](http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/MINI%20CURSO%20RAFAEL%20ESTRADA/TrabalhodoAntropologo.pdf)>. Acesso em: 19 de setembro de 2020.

DIAS, Rodrigo Borges; EUZEBIO, Felipe Aurélio; SOUZA, Newan Acacio Oliveira de; ALFONSO, Louise Prado. O curso de extensão “Reflexões sobre a comunidade LGBTQIA+: Diferentes narrativas e histórias entre casa, escola, trabalho e cotidiano”. In: CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA, 7., 2020, Pelotas. **Anais [...]**. Pelotas: Ed. da UFPel, 2020. v. 2. p. 330-333. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/files/2020/12/Tema-2.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2022.

DICIO, Dicionário Online de Português. **Estender**. 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/estender/>. Acesso: 01 jun. 2022.

DOSSIÊ DE PEDIDO DE RECONHECIMENTO DA COMUNIDADE TRADICIONAL DE TERREIRO CABOCLO ROMPE MATO ILE AXÉ XANGÔ E OXALÁ (CBTT), PELOTAS/RS. Pelotas: GEEUR/UFPel, 2018.

DOSSIÊ PELA PATRIMONIALIZAÇÃO DO PASSO DOS NEGROS. Pelotas: GEEUR/UFPel, 2018.

DUARTE JUNIOR, Luiz Augusto Fonseca; ALFONSO, Louise Prado. No porão da Bibliotheca os Orixás contam sua história. In: V Congresso de Extensão e Cultura, 5., 2018, Pelotas. **Anais [...]**. Pelotas: Ed. da UFPel, 2018. p. 193-196. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/files/2018/12/Cultura.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2022.

DUARTE JUNIOR, Luiz Augusto Fonseca; DOMENEGUETI, Juliano Gomides; RODRIGUES, Guilherme; CARDOSO, Airton Rodrigues; ALFONSO, Louise Prado. Entre saltos, perucas, acessórios e maquiagens: o universo travesti em diálogo no dia do patrimônio de Pelotas. *In: CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA*, 4., 2017, Pelotas. **Anais** [...].do Congresso de Extensão e Cultura da UFPel. Pelotas: Ed. da UFPel, 2018. p. 246-250. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/files/2018/07/Cultura.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2022.

FERREIRA, Martha Rodrigues, SANTOS, Marcell Teixeira dos, ALFONSO, Louise Prado. Pelotas do Cotidiano: Cartografia de uma cidade Sagrada. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIDADANIA, ESPAÇO PÚBLICO E TERRITÓRIO*, 3., 2021, Pelotas. **Anais** [...]. Pelotas: 4Events, 2021. p. 462-469.

FERREIRA, Martha Rodrigues, SANTOS, Marcell Teixeira dos, ALFONSO, Louise Prado. Pelotas do Cotidiano: Cartografia de uma cidade Sagrada. **Pixo – Revista de Arquitetura e Urbanismo**, no prelo.

FERREIRA, Martha Rodrigues; ALFONSO, Louise Prado. Insurgências na construção de contra narrativas por comunidades negras em Pelotas/RS. *In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA*, 32., 2020, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: ABA, 2020.

FERREIRA, Martha. Rodrigues; COSTA, Vanessa. Avila; PREVITALI, Wagner. Ferreira; ALFONSO, Louise Prado. O potencial da cartografia das margens na construção de contra-narrativas patrimoniais da cidade: em foco o trabalho sexual em Pelotas. *In: CONGRESSO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO*, 5., 2018, Pelotas. **Anais** [...]. Pelotas: UFPel, 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b.

FREIRE, Paulo. Epígrafe. *In: hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017. s/p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREITAS, Paulo Roberto Brum de. **Fluxo de Axé em uma Pelotas Sacralizada, etnografia da Grande Festa pelos Passeios pela cidade**. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

GADOTTI, Marcelo. Extensão universitária: para quê? *In: Instituto Paulo Freire*. São Paulo, 15 fev. 2017. Disponível em: [https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o\\_Universit%C3%A1ria\\_-\\_Moacir\\_Gadotti\\_fevereiro\\_2017.pdf](https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf). Acesso em: 02 jun. 2022.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2016.

GOHN, Maria Da. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 11, jul. 2000. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2000v5n1p11>. Acesso em: 02 jun. 2022.

GORDON, Tuula; HYNNINEN, Pirkko; LAHELMA, Elina; METSO, Tuija; PALMU, Tarja; TOLONEN, Tarja. Collective ethnography, joint experiences and individual pathways. **Nordisk Pedagogik**; [s. l.], v. 26, n. 1. p. 3-15, 2006. Disponível em: <https://blogs.helsinki.fi/tatolone/files/2008/04/collectiveethnogra.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2022.

GUIA DE INTEGRALIZAÇÃO DA EXTENSÃO NOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (Comissão de Trabalho 2019). Pelotas: UFPel, 2019.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017. v. 2.

INGOLD, Tim. **Antropologia e/como educação**. Petrópolis: Vozes, 2020.

INGOLD, Tim. La creatividad que se experimenta. **i2 Investigación e Innovación en Arquitectura y Territorio**, [s. l.], v. 4, n. 2, dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.14198/i2.2016.5.13>. Acesso em: 06 nov. 2021.

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 22, n. 44, p. 21-36, dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832015000200002>. Acesso em: 31 maio 2022.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, jun. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000100002>. Acesso em: 12 jun. 2021.

JIRON, Paola.; IMILAN, Walter. Observando juntos en movimiento: posibilidades, desafíos o encrucijadas de una etnografía colectiva. **Alteridades**, Ciudad de Mexico, v. 26, n. 52, p. 51-64, dez. 2016. Disponível em: [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0188-70172016000200051&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-70172016000200051&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 05 nov. 2021.

JIRÓN, Paola; LANGE, Carlos. Comprender la ciudad desde sus habitantes. Relevancia de la teoría de prácticas sociales para abordar la movilidad. **Cuestiones de Sociología**, [s. l.], n. 16, p. e030, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.24215/23468904e030>. Acesso em: 02 jun. 2022.

KRÜGER, Lucas. **Homenagem à nuvem**. Porto Alegre: Artes&Ecos, 2017.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

MACHADO, Marina Marcondes. **Marleau- Ponty e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez/ 2009.

MAIA, Luiza; GALBIATTI, Flávia; RIBEIRO, Rodolfo. **Plano popular do Corredor das Tropas**: uma contra-proposta para a disputa da produção do espaço habitado no Passo dos Negros, Pelotas/RS. 2022. Monografia (Especialização Assistência Técnica, Habitação e Direito à Cidade) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

MARGENS. Patrimônios Invisibilizados: Para Além Dos Casarões, Quindins E Charqueadas. UFPEL, 2020. Página Inicial.

MARGENS: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas. Cidades em Transe. [S. l.], 2021. Site do Evento. Disponível em: <https://cidadesemtranse.wixsite.com/contranarrativas>. Acesso em: 01 jun. 2022.

MARGENS: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas. Cidades em Transe. [S. l.], 2022. Site do Evento. Disponível em: <adesemtranse22.wixsite.com/ancestralidade>. Acesso em: 01 jun. 2022.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. v. II. São Paulo: EdUSP, 1974.

MOREIRA, João Vitor de Freitas. Ensaio metodológico em antropologia engajada. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 427 – 434, jul./dez. 2019.

NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. Diversidade e sentidos do patrimônio cultural: uma proposta de leitura da trajetória de reconhecimento da cultura afro-brasileira como patrimônio nacional. **Anos 90**, [s. l.], v. 15, n. 27, p. 233–255, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6745>. Acesso em: 29 maio 2022.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEIRANO, Mariza. **A teoria vivida**: e outros ensaios de antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, dez. 2014. Disponível em: Acesso em: <https://doi.org/10.1590/s0104-71832014000200015>. Acesso em: 30 maio 2022.

PEIRANO, Mariza. Os antropólogos e suas linhagens. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 16, jun. 1991. Disponível em: Acesso em: 31 maio 2022.

PEIRANO, Mariza. Prefácio a esta edição. *In*: MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Ubu Editora, 2018. p. 11-16.

PEREIRA, Isis Karinae Suárez; SEGER, Dayanne Dockhorn; ORTIZ, Simone Freitas; ALFONSO, Louise Prado. O Passo dos Negros: desafios da etnografia coletiva em um projeto de extensão. *In*: CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA, 1., 2015, Pelotas. **Anais [...]**. v. 3. Pelotas: UFPel, 2015. p.197-200. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/files/2015/11/Cultura.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2022.

PÉREZ-BUSTOS, Tania; PIRAQUIVE, Alexandra Chocontá. Bordando una etnografía: sobre cómo el bordar colectivo afecta la intimidad etnográfica. **Debate Feminista**, [s. l.], v. 56, p. 1-25, 2018. <https://doi.org/https://doi.org/10.22201/cieq.2594066xe.2018.56.01>. Acesso em: 01 jun. 2022.

POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA (PNEU). Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Manaus/Florianópolis: Imprensa Universitária UFSC. 2012.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPC): Bacharelado em Antropologia Pelotas. Redatores do Projeto: Louise Prado Alfonso (coordenação), Adriane Luísa Rodolpho, Claudia Turra Magni, Cláudio Baptista Carle, Flávia Maria Silva Rieth, Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, Jaime Mujica Sallés, Lori Altmann, Renata Menasche, Rogério Réus Gonçalves da Rosa, Rosane Aparecida Rubert. Pelotas: UFPel, 2020.

RANGEL, Janaína Vergas; FERREIRA, Martha Rodrigues; ALFONSO, Louise Prado. 2018. A experiência da exposição “margens: diferentes formas de habitar pelotas” a Bibliotheca Pública de Pelotas. *In*: CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA, 5., 2018, Pelotas. **Anais [...]**. Pelotas: Ed. da UFPel, 2018. p. 129-133. Disponível em: . Acesso em: 03 jun. 2022.

RELATÓRIO FINAL DA EXPOSIÇÃO PATRIMÔNIOS INVISIBILIZADOS: PARA ALÉM DOS CASARÕES, QUINDINS E CHARQUEADAS. Pelotas: UFPel, 2020.

RESIDÊNCIA EM ARQUITETURA, URBANISMO E ENGENHARIA. Apresentação. Salvador, 2022. Site do Curso. Disponível em: <https://residencia-aue.ufba.br/pt-br/apresentacao>. Acesso em: 01 jun. 2022.

SABOURIN, Eric. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 23, n. 66, p. 131-138, fev. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69092008000100008>. Acesso em: 02 jun. 2022.

SANTANA, Ingrid Adrielle de Souza Freitas. **Codinome Macumba**: a Vida na Tenda de Nação Africana do Pai Oxalá e suas Estruturas Sagradas. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2019.

SANTOS, Marcell Teixeira dos. Quando os tambores tocam geografia e Religião: estudo de caso da (in)visibilização da Umbanda em Pelotas, RS. 2022. Dissertação

(Mestrado em Geografia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Reflexões sobre a nova museologia. **Cadernos de Sociomuseologia**, [s. l.], v. 18, n. 18, p. 93-139, 2002. Disponível em: Acesso em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/363>. Acesso em: 02 jun. 2021.

SEGATO, Rita. Laura. Antropologia e direitos humanos: alteridade e ética no movimento de expansão dos direitos universais. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 207-236, abr. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-93132006000100008>. Acesso em: 06 nov. 2021.

SEVAIO, Joanna Munhoz; ALFONSO, Louise Prado. Cidade e suas margens: teoria e prática para outra educação possível. *In: CONGRESSO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO*, 4., 2018, Pelotas. **Anais** [...]. Pelotas: UFPel, 2018. Disponível em: [https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2018/CH\\_02789.pdf](https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2018/CH_02789.pdf) . Acesso em: 01 jun. 2022.

SILVA FILHO, Antonio Ernani Pinto da; SILVA, Mateus Fernandes da; ALFONSO, Louise Prado. Em busca de uma tutela judicial para a proteção do patrimônio histórico-cultural do Passo dos Negros. *In: CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA*, 4., 2017, Pelotas. **Anais** [...]. Pelotas: Ed. da UFPel, 2018. p. 37-42. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/files/2018/07/Cultura.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2022

SILVEIRA, Melina Monks da. **Territorialidades em disputa**: normativas e narrativas do Passo dos Negros em Pelotas, RS. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

SIQUEIRA, Gabriela Pecantet; FERREIRA, Martha Rodrigues; GIMENES, Rafaela Gimenes; PEREIRA, Heloísa; ALFONSO, Louise Prado. Sexualidade em rede: a prostituição virtual e seu consumo na pandemia. *In: CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA*, 8., 2021, Pelotas. **Anais** [...]. Pelotas: Ed. UFPel, 2021. v. 8. p. 112-115. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/files/2022/01/Tema-8-Trabalho-2021.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2022.

SOUZA, Angela Maria Gordilho. Residência acadêmica em Arquitetura e Urbanismo: um projeto pioneiro na UFBA. *In: ENCONTRO DA REDE LATINOAMERICANA DE CÁTEDRAS DE HABITAÇÃO – ULACAV*, 27., 2021, Cali. **Anais** [...]. Cali: Universidad del Valle, 2021. No prelo.

WAGNER, Roy. A invenção da Cultura. São Paulo: Cosac Naify, 2012.